



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

ANA GABRIELA REIS DA SILVA

**LESBIANIDADES EM PAUTA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA COLUNA
“GRRRLS” DA REVISTA SUI GENERIS (1995 - 2000)**

Caruaru
2021

ANA GABRIELA REIS DA SILVA

**LESBIANIDADES EM PAUTA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA COLUNA
“GRRRLS” DA REVISTA SUI GENERIS (1995 - 2000)**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Comunicação Social
da Universidade Federal de Pernambuco,
Centro Acadêmico do Agreste, como requisito
parcial para obtenção do Título de Bacharel
em Comunicação Social.

Orientador: Ricardo Augusto de Sabóia
Feitosa

**Caruaru
2021**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

SILVA, Ana Gabriela Reis da.

Lesbianidades em Pauta: uma análise discursiva da coluna "Grrrls" da
revista Sui Generis (1995 - 2000) / Ana Gabriela Reis da SILVA - 2021.
99f.: il.;30 cm.

Orientador(a): Ricardo Augusto de Sabóia FEITOSA
TCC (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Comunicação
Social, 2021.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Imprensa Lésbica. 2. Movimento LGBT. 3. Sui Generis. 4. Visibilidade
Lésbica. I. FEITOSA, Ricardo Augusto de Sabóia II. Título.

070 CDD (22.ed.)

ANA GABRIELA REIS DA SILVA

**LESBIANIDADES EM PAUTA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA COLUNA
“GRRRLS” DA REVISTA SUI GENERIS (1995 - 2000)**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social.

Aprovado em: 28/04/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof.: Dr. Ricardo Augusto de Sabóia Feitosa (Orientador)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Prof.: Dr. Diego Gouveia Moreira (Examinador)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Prof.: Dra. Fabiana Moraes da Silva (Examinadora)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as mulheres que fizeram e fazem parte da minha vida. A meus ancestrais que trilharam caminhos tortuosos e lutaram muito para que eu pudesse chegar aqui hoje. Sei que continuam na minha guiança, por isso agradeço.

Agradeço aos ventos que me trouxeram para Caruaru, cidade do meu coração, que me acolheu e me mostrou que era possível sonhar e realizar. Mas sem a interiorização da Universidade Federal de Pernambuco e as políticas de cotas, não seria realizável meu sonho de me formar em um ensino superior de qualidade.

Agradeço também a tudo que há no mistério do universo e a minha fé interminável que as coisas podem ser melhores.

Agradecimento especial a minha mãe e minha tia por terem dedicado tanto amor na minha criação e por sempre terem acreditado que o estudo é o único caminho.

Agradeço a minha irmã, Ana Carolina, por todo apoio, incentivo e confiança em mim.

Agradeço a Rafaella Miranda Machado, minha companheira de vida, sonhos e estudos.

A meus colegas que tanto me ensinaram sobre a vida nessa jornada acadêmica: Hanna Giovanna, Márcio Correia e Adelvando Queiroz.

As professoras e aos professores que contribuíram para minha formação. Gratidão a Professora Giovana Mesquita por me apoiar e me incentivar a trilhar a vida acadêmica.

De coração, agradeço ao Professor Ricardo Feitosa, por toda a paciência, humildade e incentivo. A confiança dedicada a mim me deu segurança para que eu pudesse acreditar na minha capacidade de estar no ambiente acadêmico. Muito obrigada!

*Mas eu sei ser trovão
E se eu sei ser trovão
Que nada desfez
Eu vou ser trovão
Que nada des
Faz*

*Nem a solidão
Nem o capataz
Estupro corretivo contra
Sapatão a loucura da
Solidão capataz queimarem*

*A herança
De minhas
Ancestrais*

(...)

*Eu já fui trovão e se eu já fui trovão eu sei ser trovão!
Eu sei ser trovão que nada
Nada
Desfaz*

Epahey oyá!

(Luedji Luna - Iodo)

RESUMO

A invisibilidade da mulher lésbica tem sido tema de estudos recentes sobre gênero e sexualidade. A representatividade e presença desse grupo na mídia, porém, ainda é uma temática pouco pesquisada. Ao longo da história, as vivências lesbianas têm sido apagadas, algo que se reflete ainda nos meios de comunicação contemporâneos. As mulheres que se relacionam afetivamente com outras mulheres, por sua vez, lutam por espaços públicos que possam reivindicar suas pautas, atuando desde o movimento feminista ao movimento homossexual e LGBTQ+. Para ampliar suas vozes, grupos de mulheres elaboram, desde a década de 1980, no Brasil, publicações especificamente feitas por e para lésbicas, utilizando-se destas para falar das suas demandas e debater suas pautas políticas. Na década seguinte, registra-se um aumento do mercado segmentado gay e do fortalecimento do ativismo do, até então, Movimento de Gays e Lésbicas. É nesse contexto que nasce a Revista *Sui Generis* (1995-2000), periódico endereçado ao público gay, às lésbicas e aos “simpatizantes”, mas que tinha como conteúdo majoritário produções para os leitores masculinos. Havia, contudo, um único espaço fixo e permanente para as mulheres leitoras, uma coluna de uma página com artigos opinativos escritos pela escritora, artista e ativista Vange Leonel, a *Grrrls*. O presente trabalho propõe analisar esta coluna, buscando compreender como *Grrrls* constrói uma relação discursiva entre temáticas acerca das lesbianidades e as pautas sociais de mulheres lésbicas no período em que esteve em circulação. Para isso, foram selecionadas 12 edições, analisadas seguindo o método de análise de discurso francesa, na perspectiva de Charaudeau e Maingueneau (2014) e Brandão (2009). Investiga-se, assim, a partir do entendimento do contexto histórico e das dinâmicas presentes na produção dos textos, a construção desse espaço discursivo e editorial direcionado primordialmente a mulheres lésbicas, em correlação às questões das lesbianidades e das pautas desse grupo social ao longo dos anos de publicação da coluna (1997 - 2000).

Palavras-Chave: Imprensa Lésbica. Movimento LGBTQ. *Sui Generis*. Visibilidade Lésbica.

ABSTRACT

The invisibility of lesbian women has been the subject of recent studies on gender and sexuality. The representativeness and presence of lesbian women in the media, however, is still a topic that is not very well researched. Throughout history, lesbian experiences have been erased, something that is still reflected in contemporary media. Lesbian women, in turn, fight for public spaces that can claim their agendas, acting from the feminist movement through the homosexual and LGBT + movement. To expand their voices, groups of women have produced, since the 1980s, in Brazil, publications specifically made by and for lesbians, using these to talk about their demands and to debate their political agendas. In the following decade, there was an increase in the segmented gay market and the strengthening of the activism of, until then, the Gays and Lesbians Movement. It is in this context that *Sui Generis* Magazine (1995-2000) was born, a periodical addressed to gay audiences, lesbians, and “sympathizers”, but whose main content were productions for male readers. There was, however, a single established and permanent space for women readers, a one-page column with opinionated articles written by the writer, artist, and activist Vange Leonel, Grrrls. The present work proposes to analyze this column, seeking to understand how Grrrls builds a discursive relationship between themes about lesbians and the social agendas of lesbian women during the period in which it was in circulation. For this, 12 editions were selected, analyzed using the French discourse analysis method, from the perspective of Charaudeau and Maingueneau (2014), and Brandão (2009). Thus, investigating, based on the understanding of the historical context and the dynamics present in the production of texts, the construction of this discursive and editorial space aimed primarily at lesbian women, in correlation to the issues of lesbianity and the agendas of this social group over the years of publication of the column (1997 - 2000).

Keywords: Lesbian Press. LGBT movement. *Sui Generis*. Lesbian visibility.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 LESBIANAS GRRRLS	14
2.1 Lesbianidades na história	14
2.2 A lesbiana na mídia	17
2.3 O movimento LGBT na década de 1990	19
3 A COLUNA GRRRLS	26
3.1 Uma coluna Sui Generis?	26
3.2 Vange Leonel: cheia de opinião	31
3.3 Metodologia de análise	34
4 ANÁLISE DA COLUNA GRRRLS	38
4.1 Construção do Corpus	38
4.2 Identidades lesbianas e outras identidades	40
4.3 Sociabilidades e dinâmicas comportamentais lesbianas	48
4.4 Políticas de visibilidade LGBT	55
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	67
APÊNDICE	71
APÊNDICE A - TABELA DE PRÉ-ANÁLISE DAS COLUNAS “GRRRLS	72
ANEXOS	87
ANEXO A - EDIÇÕES DA COLUNA GRRRLS REFERENTES AO EIXO 1: LESBIANIDADES, IDENTIDADES LÉSBICAS E LGBTs	88
ANEXO B - EDIÇÕES DA COLUNA GRRRLS REFERENTES AO EIXO 2: COMPORTAMENTO	92
ANEXO C - EDIÇÕES DA COLUNA GRRRLS REFERENTES AO EIXO 3: LESBIANIDADES E POLÍTICAS DE VISIBILIDADE	96

1 INTRODUÇÃO

Mulheres homossexuais. Entendida. Caminhoneira. Sapatão. Como indaga Luiz Mott no livro *O Lesbianismo no Brasil* (1987), mas afinal, o que vem a ser uma lésbica? Esta pergunta poderia parecer arcaica ou inadequada, entretanto queremos nos ater a um dos significados desta palavra, no sentido do que ela representa. Nos dias atuais, quando é chegado o mês de agosto, acompanhamos nas redes sociais on-line um grande volume de conteúdo direcionado ao dia Nacional da Visibilidade Lésbica, com reivindicações pelo direito de amar e pelas inúmeras violações de direitos humanos sofrida por mulheres lésbicas, como aponta o Dossiê sobre Lesbocídio no Brasil (2018).

A data definida como o dia da Visibilidade Lésbica foi marcada pelo 1º Seminário Nacional de Lésbicas (Senale), ocorrido em 29 de agosto de 1996. Na ocasião, fica evidente a cobrança por políticas públicas que assegurassem a livre expressão da sexualidade, direitos e dignidade. Mas por que fortalecer a visibilidade de mulheres lésbicas se algumas dessas mulheres sequer utilizam esta denominação? A resposta passa por entender os processos de apagamento, as violências sofridas e a longa caminhada na luta.

Desde meados da década de 1950, já havia movimentações de grupo homossexuais, como modo de sociabilidade desse grupo. A partir da segunda metade de 1970, tal movimentação passa a se organizar como movimento (SIMÕES; FACCHINI, 2009). No período da ditadura, o então chamado Grupo Somos (1978), primeiro grupo brasileiro em defesa dos direitos dos homossexuais, reúne-se em torno do objetivo de apoiar uma imprensa alternativa, unindo-se ainda às causas raciais e feminista. Nasce, na mesma época, o periódico *Lampião da Esquina* (1978-1981). De acordo com Simões e Facchini (2009), mesmo fazendo as mulheres lésbicas parte desse movimento, as questões voltadas a esse grupo não foram prontamente incorporadas na agenda política. Assim, em 1980, as mulheres do grupo rompem com o Somos e é criado o Grupo de Ação Lésbica-Feminista (GALF).

Foi em 1981 que o GALF publicou pela primeira vez o periódico - ora trimestral, ora quadrimestral-, *Chanacomchana* (1981-1987). De acordo com Simões e Facchini (2009), o boletim era formado por textos de militância contra o regime ditatorial, expondo pautas lésbico-feministas, e distribuído pelas próprias participantes do grupo em bares, boates, congressos e outras capitais brasileiras para além de São Paulo, sede da organização. É em

meio a militância política que a imprensa lésbica surge, com o objetivo de fortalecer políticas de visibilidade, na luta contra violência e no rompimento de estigmas sociais em torno de preconceitos contra esse grupo.

A partir de 1987, o GALF passa a publicar o boletim *Um Outro Olhar* que circulou até 1993. De acordo com Lessa (2007), a mudança no nome do boletim e a reformulação da publicação acompanharam as mudanças do grupo que o editava. Em 1989, o GALF passa a se chamar Rede de Informação Lésbica *Um Outro Olhar*.

Dos guetos a um mercado crescente e segmentado, os anos de 1990 marcaram uma alta de estabelecimentos comerciais como espaços de sociabilidade gay, sintetizado na expansão do chamado “mercado gay” (FRANÇA, 2006). Na mídia, o cenário foi de aumento da visibilidade “multifacetada” da comunidade GLS¹ em virtude da epidemia do HIV/AIDS. No que concerne à cultura de massas, a década de 1990 mostrou maior tendência de representações de gays e lésbicas na teledramaturgia, notadamente nas telenovelas. Nesse contexto, dois anos após a última publicação do boletim lésbico *Um Outro Olhar* (1987 - 1993), surge a revista *Sui Generis* (1995 - 2000).

Assim como os periódicos *Lampião da Esquina* (1978-1981), *Chanacomchana* (1981-1989) e *Um Outro Olhar* (1987 - 1993), a *Sui Generis* era uma revista endereçada ao público GLS - a segunda e a terceira publicação, como vimos, mais endereçadas ao “L” -, entretanto com formato bastante diferente destas e de outros jornais e revistas do mesmo período que se diziam para este público. De acordo com Feitosa (2014), a revista além de ter um número alto de tiragem, entre 25 e 30 mil exemplares, diferenciava-se por se inserir no mercado jornalístico, saindo do formato contra-hegemônico proposto pelos demais periódicos, em que a circulação dos boletins ficava restrita a Organizações Não Governamentais (ONG) e/ou distribuições gratuitas em bares, clubes noturnos e saunas. Nesse momento, vemos no mercado uma revista para Gays, Lésbicas e Simpatizantes que se apresentava como um periódico sobre “cultura, moda, comportamento, política & entretenimento” e não mais apenas sobre política e militância (FEITOSA, 2014).

A revista *Sui Generis* (1995 - 2000) teve 55 edições. Desse total, apenas sete tiveram mulheres na capa. Entre celebridades e modelos heterossexuais, uma delas foi protagonizada

¹ Sigla utilizada no período (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) que era mais vinculada à cena cultural e comercial do que ativista, hoje LGBTQIA+.

por uma mulher lésbica: a edição 48 trouxe a cantora Cássia Eller como capa, no ano de 1999. O conteúdo da revista era, em sua maior parte, direcionado para homens gays. Entre fotos de modelos sarados sem camisa, dicas de conquista e assuntos sobre a realidade da época, havia um único espaço para as mulheres leitoras da revista, inaugurado a partir do segundo ano de publicações da *Sui Generis*: uma coluna de uma página, com artigos opinativos escritos por Vange Leonel, intitulada *Grrrls*. E foi assim, majoritariamente, até o encerramento da revista.

A cantora, compositora, escritora e ativista Vange Leonel foi membra do grupo Lésbico Feminista (LF), tendo seu ativismo em consonância com os textos percorridos na coluna *Grrrls*. As mulheres que construíam as publicações lésbicas utilizavam-se do espaço para falar das suas demandas e pautas políticas do momento (OLIVEIRA, 2019), e a escrita Vange não fugia desse preceito. Entretanto, nem só de militância pura e escancarada vivia a coluna, Leonel recorria a um lugar reduzido na revista para levar temas como música, cinema, arte, história, esportes e ciência, ampliando as discussões sobre o (não) lugar da mulher lesbiana nos anos de 1990 e ao longo de toda a história.

Atravessado pelo histórico de luta junto à imprensa viabilizado por mulheres lésbicas desde 1970, a reivindicação de espaço para aportar as suas demandas enquanto grupo e indivíduos políticos e com base no contexto histórico que é o pano de fundo para as temáticas levantadas na coluna, o presente trabalho se propõe a analisar a produção discursiva da coluna *Grrrls* da revista *Sui Generis* endereçada a um público projetado majoritariamente como de mulheres lésbicas, acerca das questões das lesbianidades e das pautas sociais desse grupo social na época da publicação (1997 a 2000).

No início da minha vida adulta, quando comecei a entender sobre a minha sexualidade, recorria com frequência a um blog que, na época, tratava sobre a temática, o Sapatomica.com (2011). Os conteúdos abordados iam de política a como ter relações sexuais com outra mulher. Dessa maneira, o diário virtual era um dos espaços de informação e entretenimento para mulheres lésbicas e bissexuais naquele período - meados de 2014. Na busca por entendimento e identificação, o blog, que encerrou as atividades em 2017, foi uma importante ferramenta para minha formação identitária enquanto mulher lésbica. No ano de 2020, no mês de junho, foi lançado a revista *Lésbi* (2020) em formato digital e impresso, um projeto aprovado pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte em 2019. O periódico apresenta-se como uma revista “Para mulheres que se relacionam com mulheres”,

trazendo para a atualidade os moldes da imprensa lésbica brasileira, produzida exclusivamente por mulheres para leitoras mulheres.

A coluna *Grrrls*, na revista *Sui Generis*, é um espaço de discussão sobre temas do dia a dia da mulher lésbica, política, cultura e ciência. É citada em algumas pesquisas acadêmicas (OLIVEIRA, 2019; AGUIAR, 2017) como um espaço fixo na revista que trazia “textos refletindo sobre experiências sexuais e afetivas de mulheres com outras mulheres podem ser encontrados, em meio a ensaios fotográficos de homens, dicas de moda masculina, anúncios de festas, bares e saunas de frequência majoritária ou exclusivamente masculina” (AGUIAR, 2017, p. 34). Aguiar (2017) revela a realidade da revista *Sui Generis* que, apesar de declarar ser um espaço GLS, tinha a *Grrrls* como única seção dedicada exclusivamente para as leitoras da revista. Assim, a coluna escrita por Vange Leonel, é marcadora num território majoritariamente masculino na revista LGBTQIA +, com contribuições aos/e dos movimentos homossexuais da época.

Podemos acompanhar hoje, nas redes sociais, discussões sobre a invisibilidade lésbica principalmente nos meios de comunicação, entretanto, quando se fala sobre uma imprensa lésbica, a invisibilidade toma outras proporções. Na atualidade, há um periódico feito por e para mulheres, mas quando se fala sobre a história da imprensa lésbica-feminista no Brasil e a correlação existente com os movimentos e coletivos do mesmo período, a coluna da revista *Sui Generis* não é referida como fazendo parte desta história. Há, ainda, uma ausência consistente de produções acadêmicas que trate das produções lésbicas nos meios de comunicação na década de 1990.

Portanto, norteadas por questões pessoais e por experienciar a importância da imprensa lésbica para a formação identitária na descoberta da sexualidade da mulher lesbiana, e pela lacuna presente de produções acadêmicas sobre a temática, o presente projeto fundamenta-se na relevância de um levantamento histórico sobre a coluna *Grrrls* e as lutas lésbicas do final da década de 1990 e início dos anos 2000. Ciente que nas sociedades contemporâneas os ativismos e a comunicação são pontos centrais, a pesquisa visa contribuir para pôr em questionamento a própria invisibilização, no movimento e na academia, acerca das mulheres lésbicas e bissexuais.

Com isso, compreendemos a relevância de discussões sobre a imprensa lésbica e as pautas sociais desse grupo identitário, mas ainda não nos possibilita a compreensão dos elementos mais específicos do contexto escolhido para a nossa pesquisa. Dessa maneira,

temos como questão-problema da pesquisa: **Como a coluna "Grrrrls", publicada na revista *Sui Generis*, constrói uma relação discursiva entre suas temáticas sobre lesbianidades e as pautas sociais de mulheres lésbicas no período de 1997 a 2000?** Diante desta pergunta, definimos como objetivo geral de nossa pesquisa analisar a produção discursiva da coluna, endereçada a um público projetado majoritariamente como de mulheres lésbicas, acerca das questões das lesbianidades e das pautas sociais desse grupo social na época da publicação (1997 a 2000). Como objetivos específicos, pretendemos: a) Identificar e analisar criticamente temáticas das lesbianidades, a partir dos textos da coluna selecionados no corpus; b) Compreender como a coluna, por meio de seus discursos, deu visibilidade a temáticas e pautas voltadas para uma audiência lésbica; c) Investigar em que medidas tais pautas convergiam ou divergiam das questões emergentes no movimento lésbico no período de 1995 a 2000.

A título de organização, além da introdução e das referências, este trabalho encontra-se subdividido em três capítulos. O primeiro divide-se em três seções: Lesbianidades na História, A Lesbiana na Mídia e O Movimento LGBT na década de 1990, em que discorreremos sobre o marco teórico eleito para estabelecermos o diálogo com os discursos da coluna, assim como na seção seguinte. No segundo capítulo, além de esquadrihar algumas das principais características da revista *Sui Generis*, e sobre o objeto de estudo da pesquisa, a coluna *Grrrrls*, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados, com as seguintes seções: Uma coluna *Sui Generis*?, Vange Leonel cheia de opinião e Metodologia de análise. No terceiro capítulo, privilegiam-se as discussões emergentes da análise discursiva. Por fim, estabelecemos as considerações finais advindas desta experiência teórico-metodológica.

2 LESBIANAS GRRRLS

Neste capítulo, buscamos realizar uma aproximação com os estudos teóricos sobre as lesbianidades ao longo da história e as condições de invisibilidade da mulher lésbica, realizada a partir de Mott (1987), Navarro-Swain (1999; 2004) e Rich (2010). Na segunda seção, traçamos uma breve história da mulher lesbiana nos meios de comunicação, recorrendo a Lahni E Auad (2019), Aguiar (2017) e Oliveira (2019). Essas aproximações têm como intuito nos auxiliar política e teoricamente no entendimento desse grupo como sujeitos e compreender as formas de silenciamento e apagamento da mulher lésbica na sociedade brasileira e na mídia.

Na terceira seção, tratamos a questão das pautas LGBTs nos anos de 1990 (FACCHINI, 2009; PARKER, 2002), com o objetivo de compreender o contexto histórico do período em que a coluna *Grrrls* estava em circulação.

2.1 LESBIANIDADES NA HISTÓRIA

O olhar sobre a homossexualidade feminina, no Ocidente, remonta há muitos séculos. Na Grécia do século VI, a poeta Safo, residente da Ilha de Lesbos, dividia sua vida sexual e afetiva com outras mulheres e, de acordo com Mott (1987), de tão forte que foi a figura desta mulher, seu nome e o de sua ilha tornaram-se sinônimos de homossexualidade feminina. Safo escreveu nove livros de poemas que mais tarde, no século XI, foram queimados pelo Papa Gregório VII. A demonização das sexualidades que fogem da heteronormatividade e da matriz da heterossexualidade compulsória² (BUTLER, 2003) seguiu ao longo da história, ainda de acordo com Mott (1987). No período da colonização do Brasil, quando os portugueses encontraram os povos originários com hábitos, culturas e, consequentemente, formas diversas de se relacionar afetivamente e sexualmente, puniram as indígenas (MOTT, 1987). Neste caso, as Tupinambás, que se relacionavam com outras mulheres, alegando ser “pecado contra a natureza” (p. 22), sendo um crime punível com a morte na fogueira.

De acordo com Navarro-Swain (2004), nas civilizações antigas, apesar dos poucos dados fornecidos, havia relatos sobre uma sociedade matriarcal na ilha de Creta e a presença considerável nos clássicos gregos sobre as guerreiras Amazonas, sendo nesse período a

² Heterossexualidade compulsória refere-se à concepção social de que a heterossexualidade é uma inclinação socialmente imposta nos seres humanos, associando a sexualidade às determinações valorativas e hierarquizadas do gênero (BUTLER, 2003).

heterossexualidade um dever do cidadão, mas não a norma. Entretanto, no Ocidente cristão, se a homossexualidade masculina foi sendo banida, a homossexualidade feminina foi sendo totalmente apagada, e as mulheres punidas por práticas homossexuais eram denominadas de sodomitas. Navarro-Swain (2004) identifica nesta ação o apagamento e silenciamento da mulher lesbiana, pois, para ela, o que nem é intitulado, não existiu. A lesbianidade, nessa perspectiva, está ausente dos próprios discursos sociais.

O amor e sexo entre duas mulheres é potencial perigo de perda de poder (NAVARRO-SWAIN, 2004). Na sociedade patriarcal, a forma de assegurar a dominação é na prática heteronormativa, sendo esta hierarquia definidas pelos valores morais e religiosos. Assim, nota-se que a figura da mulher lésbica pouco aparece na história porque, num contexto em que apenas o homem é valorizado, espera-se que a mulher se afaste de sua sexualidade, sendo preconizado o sexo para a reprodução. A exclusão da lesbiana é, assim, um processo de ordenação do normativo heterossexual institucionalizado.

O debate contemporâneo em torno das lesbianidades aponta o sistema patriarcal, heterocentrado e racista como fomentador da invisibilidade e discriminação lésbica. Simone de Beauvoir, no livro “O Segundo Sexo” (1949), dedica um capítulo para discutir a lesbianidade. Neste, vê-se um reforço do senso comum em torno da homossexualidade feminina, apontando as lesbianas como mulheres não desejadas pelos homens, tornando-se, assim, homossexuais. Beauvoir “demonstra o poder das representações no discurso social, no imaginário que habita tudo o que é dito, escrito, publicado, discutido, enunciado em um estado de sociedade específico” (NAVARRO-SWAIN, 1999, p. 114), o que nos mostra a historicidade do estereótipo em torno da mulher que se relaciona com outra mulher. E o apagamento, também histórico, das lesbianidades, enfatizado aqui por uma das figuras pioneiras da discussão feminista.

É consenso para as pesquisadoras sobre lesbianidades contemporâneas a questão da invisibilidade lésbica e a importância da visibilidade como forma de potencializar suas existências. Bourcier (2015), Saunders (2017), Rich (2010), Navarro-Swain (1999), Lorde (1984) e Clarke (1988), em publicações de diferentes áreas e com as mais variadas perspectivas, apontam a visibilidade frente a uma cultura dominante que mantém as lésbicas invisíveis e sem poder. Lorde (1984) e Clarke (1988) destacam que as mulheres lesbianas negras são as mais vulneráveis nesse ciclo de silenciamento e apagamento. Entretanto, são

elas com seus corpos subversivos em uma cultura supremacista-machista, capitalista, misógina, racista e homofóbica, a própria formulação de resistência a partir de suas vivências.

Essas teóricas fazem, além do mais, uma crítica ao movimento feminista que, historicamente, não agregou as demandas existentes no ser mulher não heterossexual e não-branca. No que tange às lesbianidades, uma crítica sobre a normatização da heterossexualidade e a classificação da lesbianidade como uma sexualidade “alternativa”. Para Rich (2010), “a teoria feminista não pode mais afirmar ou meramente declarar uma tolerância ao “lesbianismo” como um “estilo de vida alternativo”, ou “fazer alusão às lésbicas” (p. 22), e ainda que o movimento já deveria ter se manifestado há tempos sobre a heteronormatividade excludente e entendê-la como uma instituição política.

Mas a invisibilidade lésbica é marcada igualmente pela estrutura social patriarcal e machista, em que a heterossexualidade é uma forma de manifestação de poder masculino. Assim, as mulheres que não seguem este padrão não são vistas como pessoas. A dicotomia homem/mulher é um mecanismo heterogêneo que auxilia na manutenção do sistema patriarcal, preconceituoso e segregador da nossa sociedade e cultura. Reforça a exclusão de outras identidades, formas de se relacionar afetivo e sexualmente fora do padrão heterossexual cisgênero, convencendo as mulheres que a orientação sexual voltada aos homens é um irremediável componente de suas vidas, mesmo que essas relações sejam insatisfatórias (RICH, 2010). E é dessa forma que a heterossexualidade compulsória debilita a normatização de relações homoafetivas e se manifesta no controle de corpos femininos, corroborando para a efetividade da opressão dos corpos lésbicos, gays e transsexuais.

A existência da mulher lésbica é marcada pelo apagamento de sua sexualidade, história e vida. As lesbianas encontraram formas de resistir, sobreviver e reivindicar suas demandas, pois a invisibilidade sofrida por este grupo as marginalizou, excluindo-as como sujeito de direito, sendo inferiorizadas até no que tange o direito à comunicação. Vamos agora adentrar no campo da imprensa brasileira, com o intuito de identificar o lugar da mulher lésbica nos meios de comunicação, seja na forma de produção das suas próprias publicações, como na representação e representatividade deste grupo, pois entendemos a importância e centralidade da comunicação na sociedade contemporânea como fator fomentador de discursos discriminatórios ou inclusivos de grupos minoritários.

2.2 A LESBIANA NA MÍDIA

O GALF foi responsável pela primeira movimentação da imprensalésbo-feminista no Brasil, em 1981, quando coloca em circulação a edição zero do *ChanaComchana* (1981-1987). Seu conteúdo era composto basicamente por longos artigos com relatos sobre eventoslésbico-feministas, agendalésbico-feminista, comportamento e sexualidade da mulherlésbica e legislação envolvendo os direitos das mulhereslésbicas, em tiragens de 200 exemplares por edição (OLIVEIRA, 2019). Entretanto, de acordo com Aguiar (2017), sua junção com o movimento feminista foi marcada por conflitos identitários dentro do boletim. Este embate entrelésbicas e feministas, no qual aslésbicas reivindicam mais espaço político dentro do movimento feminista, aparece com frequência nas primeiras edições do *ChanaComChana* (1981-1987). Com isso, em 1987, o GALF além de mudar de nome, passa a se chamar de Rede de Informação Lésbica, publicando o boletim *Um Outro Olhar* (1987-1993), com proposta mais autônoma no que diz respeito às pautas das mulhereslésbicas (AGUIAR, 2017). No que concerne às representações das lesbianidades na mídia, para mais da pouquíssima presença deste grupo nos meios de comunicação, as representações que haviam eram carregadas de estigmas e estereótipos. De acordo com Nascimento (2015), nas telenovelas, um casallésbico apareceu pela primeira vez na novela *O Rebu* (1974)³. Desde então, estas representações sempre foram hegemonicamente normativas. Entretanto, é a partir de 1980 que o tema da lesbianidade apareceu mais expressivamente no contexto da televisão brasileira. Ainda de acordo com Nascimento (2015), isso se deu em função de uma junção de fatores, entre eles a emergência de estudos sobre a lesbianidade no Brasil e a modernização das telenovelas.

Na novela *Vale tudo* (1988–1989), havia duas mulheres bem-sucedidas, Cecília (Lala Deheinzelin) e Laís (Cristina Prochaska), cuja relação foi mostrada de forma discreta, com poucas cenas, até que uma das personagens morre no meio da trama⁴. O mesmo ocorreu em *Torre de Babel* (1998–1999), em que Rafaela (Christiane Torloni) e Leila (Sílvia Pfeifer) formavam um casal de empresárias que são retiradas de maneira abrupta da narrativa, em uma explosão no shopping onde ambas trabalhavam. De acordo com Borges (2007), a exclusão das

³ Novela escrita por Bráulio Pedroso e dirigida por Walter Avancini mostrou o romance entre Roberta (Regina Viana) e Glorinha (Isabel Ribeiro).

⁴ O romance entre Cecília e Laís era sugerido, nas entrelinhas e pelo contexto das cenas, dos diálogos. Após a morte de Cecília, a novela faz uma discussão sobre o direito de herança para a companheira, que não era amparada legalmente.

personagens se deu pela intensa manifestação negativa da audiência para com o casal de lésbicas, levando o autor da trama a fazer a retirada imediata. Vale ressaltar que na pesquisa executada por Nascimento (2015), na teledramaturgia brasileira de 1970 a 2013, dos 156 personagens que se encaixam em arquétipos LGBT, apenas oito eram negros. Desses, cinco homens negros, uma mulher bissexual, uma travesti, uma transgênero e nenhuma lésbica.

Já na mídia impressa, a representação da mulher lésbica deixou ainda mais lacuna ao longo da história. No Brasil, de acordo com Buitoni (2013), o primeiro periódico dedicado exclusivamente às mulheres surgiu em 1914 com a revista *Feminina*, abordando o consumo de moda e do setor da beleza, e segue com representações bem específicas ao longo dos anos. Na década de 1950, por exemplo, as chamadas revistas femininas eram ligadas ao ambiente doméstico, à maternidade e ao casamento. Já a partir de 1970, o tema que toma destaque no mercado editorial é a sexualidade, quando a imagem da mulher passa a ser representada com maior sensualidade: calcinha e sutiã ou roupas transparentes. Em meados da década de 1980, ganha espaço nas capas de revista femininas o culto ao corpo sarado. Naquele momento, capas predominantemente com mulheres brancas, esbeltas e de biquínis dão título a novas revistas que entram em circulação como *Boa Forma* (1984) e *Plástica e Beleza* (1999) (DE CASTRO, 2007). Mas a representação ou a representatividade lésbica não entra nesse mercado, e também não é parte expressiva no mercado segmentado LGBT, já que este é representado majoritariamente por homens gays (FEITOSA, 2014).

As representações lesbianas foram efetivadas pela auto-organização deste grupo na produção de uma mídia alternativa para suprir a urgência por espaços onde suas histórias, vivências e lutas estivessem em pauta. A pesquisadora sobre lesbianidades na mídia Carolina Maia (2017) fez o mapeamento da imprensa lésbica no Brasil entre 1981 e 2016, onde foram identificados 19 periódicos, entre eles, nomes mais conhecidos como o *ChanaComchana* (1981-1989) e o *Um Outro Olhar* (1987 - 1993). De acordo com Maia (2017), estas publicações, em sua maioria, são advindas da articulação de grupos acadêmicos e da militância lésbica, havendo assim uma falta de regularidade na periodicidade, principalmente por motivos financeiros.

A presença reduzida de representação e representatividade lésbicas nos meios de comunicação, e a invisibilidade dentro do próprio movimento LGBT, encontramos exemplificado na revista *Sui Generis* (1995-2000), em que a representatividade lesbiana aparece como destaque principal da capa uma única vez, com a cantora Cássia Eller (1999), e

em textos esporádicos sobre o tema ao longo das publicações. A coluna *Grrrls* exprime um espaço importante para a comunidade na mídia no segmento especializado, pois era um espaço fixo acerca da temática lésbica e impulsionava discussões relevantes para o momento histórico de então. Na próxima seção, apresentamos um panorama de algumas das principais pautas do movimento LGBT na década de 1990, contemporâneas à coluna assinada por Vange Leonel na revista *Sui Generis*⁵.

2.3 O MOVIMENTO LGBT NA DÉCADA DE 1990

Emergente de uma subcultura sexual homoerótica, ou seja, práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo sem a reivindicação exclusiva de uma identidade homossexual, é na década de 1980 e início de 1990 que se difunde com mais visibilidade, notadamente nas capitais e cidades de maior porte do país, o conceito de “comunidade gay”. De acordo com Parker (2002), anterior a este período o que havia era um “complexo sistema urbano” (p.73) onde homens que tinham práticas sexuais com outros homens utilizava-se de espaços públicos como cafés e bares ainda não segmentados, praças e ruas e a promessa de anonimato de um centro urbano para estabelecer suas relações de sociabilidade. Entretanto, apesar de ser um importante princípio organizador, essa subcultura se organizava em torno da prática homoerótica independente de qualquer constituição identitária fortemente demarcada.

Essa subcultura gay converte-se em ponto de convergência onde as classes médicas e científicas se apropriam, passando a integrá-la, fundindo com esta mistura de correntes o conceito de “comunidade gay” (PARKER, 2002). Foi atravessada pela epidemia da Aids que este grupo identitário foi ampliando sua forma de movimento e, ao contrário do que se viu nas décadas precedentes, foi crescente a conscientização de uma formação identitária gay e homossexual para uma formação dessa comunidade:

Com o surgimento da Aids entre o início e meados da década de 1980, e a contínua associação entre HIV/Aids e a experiência de homens gays e bissexuais no Brasil, a mobilização social e política relativamente gradual que vinha ocorrendo dentro da comunidade gay emergente durante mais de uma década começou a seguir de mãos dadas com a defesa intensiva da causa da Aids. No Brasil, como em outras partes do mundo em desenvolvimento (e, quanto a isso, até nos países desenvolvidos), a Aids proporcionou uma base importante, bem como uma fonte significativa de recursos, para a organização e mobilização gay cada vez mais visíveis (PARKER, 2002, p. 76).

⁵ Retomamos a uma apresentação mais sistemática da coluna, por sua vez, no segundo capítulo.

É na década de 1990, de acordo com Simões e Facchini (2009), ainda impactados pela epidemia da aids da década anterior, que o momento de ativismo pelos direitos dos homossexuais volta a crescer, formando assim uma nova geração de militantes elaborando novas formas de atuar, proporcionando também pelo momento político de redemocratização do país. Assim, a atuação política dos homossexuais ao fazer frente à epidemia de aids foi simultânea à própria formação identitária desses indivíduos como homossexuais e a sua identificação de pertencimento ao grupo.

De acordo com Parker (2002), foi nesse período que, em decorrência das organizações de grupos e ONGs gays, se formam referências fundamentais para a construção social do mundo gay. Nessa conjuntura específica, destaca-se a organização dos próprios portadores do HIV em ONGs para pressionar o Estado a tomar medidas com relação à aids. Também se faz necessário ressaltar o que a epidemia significou especificamente para o movimento homossexual. Além da pressão que os acometidos fizeram sobre o poder público e as autoridades, outra grande e importante ação, assim como novidade da experiência da doença, foi a maior inserção dos debates sobre direitos humanos no interior das políticas de saúde pública. Foi assim que, em 1994, o Brasil assinou um primeiro acordo com o Banco Mundial, o chamado Aids I, que vigorou até 1998, com incentivos à participação das ONGs na formulação e implementação das políticas nacionais nesta área (SIMÕES; FACCHINI, 2009).

A pauta de “assumir-se” gay era recorrente no movimento, mas, de acordo com Parker (2002), houve uma pressão para que fosse englobada a diversidade sexual ao grupo, tendo em vista que grande parte da organização era liderada por homens de classe média “com uma incrível ênfase na identidade gay” (p.133). No entanto o que se tinha como pauta prioritária era a violência sexual e discriminação, o que hoje é nominado de “homofobia”:

Exatamente devido ao problema de usar a identidade sexual como base primária para a organização política no Brasil, muitas das organizações gays tiveram seu maior impacto ao concentrarem especificamente na questão da violência e no modo como as diversas formas de violência sexual são sentidas independentemente de identidade (PARKER, 2002, p. 132).

Quando o movimento emergente se refere à diversidade, nesse contexto, não se aplica a outras identidades do então, hoje, LGBT. A incorporação de travestis e transexuais foi alvo de alguns dos investimentos dos programas estatais de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e Aids. Em 1993 e 1994, haviam sido realizados dois encontros de "Travestis e Liberados" relacionados inicialmente com as atividades desenvolvidas pela Associação de

Travestis e Liberados (ASTRAL), do Rio de Janeiro (SIMÕES; FACCHINI, 2009). Num momento em que a própria identidade travesti estava se configurando de forma independente da identidade homossexual, a ASTRAL teve uma atuação primordial nas interlocuções junto às ONGs/Aids, a participar da elaboração de planos de ação do movimento LGBT, além de começar a elaborar seus próprios projetos.

Já a comunidade lésbica, desde 1992, ainda de acordo com Simões e Facchini (2009), vinha participando mais intensamente, com grupos exclusivamente de mulheres nos Encontros Brasileiro de Homossexuais. Com o passar dos anos, o movimento de mulheres lésbicas adquire autonomia, funda suas próprias organizações, produzindo críticas à misoginia, ao patriarcado e à forma falocêntrica do movimento homossexual, dominado por homens.

Muitas lésbicas integraram-se ao movimento feminista brasileiro desde seu início. Lessa (2007) ressalta, contudo, que o movimento resistiu a incorporar as questões das mulheres lésbicas em sua produção teórica e agenda política. Boa parte se deixou intimidar pela pressão social da conjuntura da época, que exigiu aos feminismos o silêncio sobre a lesbianidade e sua invisibilização. Na prática, o campo feminista é marcado pela existência de mulheres lésbicas, bissexuais e com vivências afetivas sexuais entre mulheres. Os encontros nacionais feministas, que tiveram seu auge na década de 1980 e 90, foram momentos importantes de visibilização da presença lésbica no feminismo para feministas e para mulheres populares urbanas e rurais dos movimentos de mulheres, mesmo que a lesbianidade não estivesse pautada no temário central (LESSA, 2007).

A experiência de dispersão pelos movimentos feminista e LGBT é tomada como objeto de reflexão nos encontros de feministas e homossexuais. É na década de 1990 que se desenha outro cenário para o ativismo lésbico, surgindo várias formas de atuação, em grupo, independente, em redes, articulações e partidos políticos. Em 1993, de acordo com Fernandes (2018), no VII Encontro Brasileiro de Homossexuais, as mulheres conseguiram adicionar a palavra lésbica ao nome do encontro, passando assim a se chamar Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas. Fernandes (2018) destaca também outra conquista adquirida nesse mesmo congresso: as mulheres conquistam a paridade entre gays e lésbicas em todas as instâncias nacionais do Movimento.

Foi a partir desse encontro que surgiu a Comissão Nacional de Direitos Humanos de Gays e Lésbicas, organização promovida por dois grupos, um do Paraná e o outro do Rio de

Janeiro. Em 1994, foi apresentada a Carta de Princípios e do Estatuto da Comissão, sendo levado à plenária um ano depois no VIII Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas, em janeiro de 1995 (FERNANDES, 2008). Ainda de acordo com Fernandes (2018), o documento não foi bem aceito por alguns grupos independentes pois, não eram propostos a paridade entre gays e lésbicas. Entretanto, ainda em meio às opiniões distintas, no encontro foi deliberado a criação da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis, “uma organização que moldava um novo ativismo LGBT, com formato centralizador, de postura reivindicatória perante o Estado e de representante e porta-voz oficial do movimento LGBT brasileiro” (p. 104).

Todavia, mais uma vez as mulheres lésbicas não ocuparam o protagonismo dentro da Associação, e seus questionamentos sobre relação de poder e gênero não foram viabilizados, em que até os cargos que foram destinados a este grupo eram subalternizados. Ao mesmo tempo, nos grupos feministas, de acordo com Lessa (2007), a tendência foi estabelecer a convivência com feministas lésbicas sem a preocupação em desconstruir a heteronormatividade na pauta política e teórica. Algumas mulheres lésbicas articularam grupos de lésbicas, todavia, muitas lésbicas feministas construíram sua atuação política junto aos grupos feministas e não romperam com a invisibilidade das mulheres lésbicas:

Os mesmos problemas do passado ainda se impunham. O movimento de lésbicas feministas no Brasil já existia há 17 anos e suas pautas não encontravam apoio real junto aos movimentos feminista e homossexual. Para elas, era urgente a criação de um espaço próprio, autônomo, de abrangência nacional, para repensar suas individualidades e aperfeiçoar os posicionamentos políticos e as estratégias de combate ao patriarcado, à heterossexualidade compulsória, ao racismo e à lesbofobia (FERNANDES, 2018, p. 105).

É neste cenário que grupos de mulheres lésbicas decidem criar o I SENALE – Seminário Nacional de Lésbicas, em 1996, no Rio de Janeiro, contando com a participação de cerca de 100 lésbicas, onde foi escolhido o dia 29 de agosto como Dia Nacional pela Visibilidade. Um movimento importante para conquista de visibilidade, sendo significativo para a organização política lésbica e bissexuais no Brasil (SIMÕES; FACCHINI, 2009).

Depois do primeiro SENALE, as organizações e movimentos lesbianas crescem e são realizados encontros em níveis municipais, estaduais, regionais e internacionais (FERNANDES, 2018). E, de acordo com Simões e Facchini (2009), a articulação com a coordenadoria Nacional de DST e Aids foi fundamental para a ampliação da visibilidade e da organização das lésbicas. Saúde, visibilidade e organização, são os temas que norteiam o I

SENALE, pois no período era reconhecido a vulnerabilidade também das mulheres lésbica perante as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e Aids.

De acordo com Fernandes (2018), as primeiras edições do Seminário tiveram dinâmicas diferentes das que ocorreram posteriormente. Além da forma de organização ser gerida por grupo de lésbicas e lésbicas que não faziam parte de nenhuma organização, posteriormente foi criada a Comissão Organizadora composta pelas redes nacionais de lésbicas, que tinha como diferencial também a temática: “foi natural que se discutissem temas básicos como sexualidade, violência, preconceitos, discriminação, invisibilidade, machismo dos gays, indiferença das heterofeministas, casamento igualitário e a ausência de políticas públicas de atenção à saúde das lésbicas” (FERNANDES, 2018 p. 106). A partir do VI Seminário, novas práticas são adotadas e a forma de sistematização de dados, aperfeiçoando o formato dos relatórios, um marco também importante para a organização.

Em 1999, o Brasil foi sede o do V Encontro Lésbico Feminista da América Latina e do Caribe, uma dos maiores e mais importantes encontros Lésbicos da América Latina. No evento, foi debatida a distribuição financeira de recursos governamentais e internacionais para a organização. A discussão fomentada era entender o apoio do Estado às ações lésbicas. No relatório final do Encontro, o entendimento das organizadoras de que o financiamento dos eventos vindo por instituições governamentais e internacionais era uma reparação histórica com os grupos minoritários advindo de pela ausência de políticas efetivas para estas pessoas (FERNANDES, 2018).

A década de 1990 é marcada também pelo surgimento da parada LGBT. De acordo com Camargos (2018), em momento anterior do que seria a Primeira Parada GLT, houve outra parada, realizada no Rio de Janeiro em 28 de junho de 1995 para denunciar a discriminação contra LGBT e estimular práticas sexuais seguras frente à epidemia da aids, tendo uma grande visibilidade. Em 1996, em São Paulo, um ato na Praça Roosevelt foi promovido e reuniu cerca de 150 pessoas. Para o autor, pode-se chamar de ato, pois “apesar de não saírem na rua, havia um microfone e várias pessoas falaram e deram o seu recado” (CAMARGOS, 2018, p.424). Foi a partir daí que houve a mobilização de vários grupos militantes da cidade para organização da primeira Parada, que ocorreu em 1997.

As Paradas do Orgulho LGBT se definem como passeatas reivindicatórias por direitos iguais, questionando a ordem vigente na medida em que esta exclui as pessoas com sexualidades não hegemônicas, entretanto reforçam a ordem, visto que buscam nela se

integrar. Objetivam, dessa forma, a normatização de sua participação social. Foi com este objetivo que em 28 de junho de 1997, aconteceu na Avenida Paulista a parada que tinha cerca de 2.000 participantes e teve como tema “Somos muitos, estamos em todas as profissões” (CAMARGOS, 2018, p. 425).

Entretanto, de acordo com Fernandes (2018), desde o primeiro ano da Parada, as mulheres lésbicas reivindicavam a mudança na nomenclatura do evento, alegando a invisibilização dos grupos de lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais. Até o ano de 2003, o evento se chamou Parada do Orgulho Gay. A parada também foi um espaço de invisibilidade para as lesbianas, por isso, em 2001 o grupo se organizou em uma forma de chamar a atenção para seus apagamentos dentro da comunidade: “saíram com um Trenzinho de 02 vagões” (FERNANDES, 2018 p.109), tentativa essa que ocasionou no ano seguinte atitude favorável à visibilidade lésbica. Em 2002, a Parada homenageou duas figuras lésbicas conhecidas nacionalmente, a escritora Cassandra Rios e a cantora, escritora e ativista Vange Leonel. A quinta Parada contou também um trio elétrico só para as mulheres e a abertura do evento foi feita por um grupo de mulheres motoqueiras.

O mercado segmentado aparece fortemente desde a primeira metade da década de 1990. De acordo com Facchini (2003), é nesse período que ocorre uma definitiva inserção dos homossexuais no mercado, com o surgimento de vários bares, clubes, boates, assim como revistas, jornais, livrarias, editoras, agências de turismo, de namoro etc. especificamente orientados para o público homossexual e, também, de seções em grandes jornais, livrarias, editoras e agências de viagem expressado na utilização da sigla GLS: gays, lésbicas e simpatizantes.

A sigla GLS é associada ao jornalista carioca André Fischer, um dos principais idealizadores de eventos como o Mercado Mundo Mix (“feira moderna” que reunia expositores e público GLS) e o Festival de Cinema Mix Brasil da Diversidade Sexual, além do primeiro portal GLS brasileiro, o Mix Brasil, no ar desde 1994 (SIMÕES; FACCHINI, 2009). O mercado GLS incorporava, assim, marcas do discurso ativista, como a bandeira do arco-íris, e as ideias gerais de “orgulho” e “visibilidade” do movimento:

Por mais que a associação entre AIDS e homossexualidade e a expansão de um mercado segmentado tenham colaborado no aumento da adesão a um sistema classificatório moderno, tanto atores ligados ao “mercado gay” quanto as agências estatais voltadas para o combate ao HIV/AIDS, com o uso de siglas como o GLS e o HSH, parecem mover-se entre o “sair do armário” e as necessidades de alcançar um público que não se identifica necessariamente de acordo com um sistema de classificação moderno (FACCHINI, 2003, p. 121).

De acordo ainda com Facchini (2003), a revista segmentada *Sui Generis* foi um importante marcador para mostrar tanto que há um mercado para tais publicações quanto indica uma maior incorporação, no contexto brasileiro, de identidades baseadas num sistema classificatório moderno. Assim, foi possível observar a articulação entre segmentação de mercado e afirmação de identidades amplamente expressadas no país, na década de 1990. Ainda impactados pelo advento da aids no Brasil, uma maior organização de grupos e movimentos dos direitos homossexuais, a ascensão de um movimento lésbico, o surgimento da Parada de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis, e o expressivo mercado de consumo segmentado são fatores que evidenciam como os anos de 1990 foram, efetivamente, de importante impacto para a comunidade LGBT no Brasil.

3 A COLUNA GRRRLS

Este capítulo é dedicado a apresentar o locus da pesquisa. Na primeira seção, a história da revista *Sui Generis*, da edição zero em dezembro de 1994 ao seu encerramento no ano de 2000. Apresentamos como a revista se diferenciou no mercado editorial segmentado gay, bem como as dificuldades de articulação para se manter viável. Introduzimos, também, a coluna assinada pela cantora Vange Leonel, *Grrrls*, a partir de Feitosa (2014) e Rodrigues (2018).

Na segunda seção, faz-se uma síntese teórica sobre o gênero jornalístico de opinião, a partir de Beltrão (1980) e Marques de Melo (2003), para compreender o processo de desenvolvimento textual da coluna de Vange Leonel. De modo correlato, traça-se uma breve imersão na vida da escritora. Na última seção, é apresentada a metodologia de análise utilizada para responder ao objetivo geral desta pesquisa. Apoiando-se em teóricos como Charaudeau e Maingueneau (2008) e Brandão (2012) para compreender a Análise de Discurso Francesa, delinea-se a estratégia teórico-metodológica escolhida para analisar a produção discursiva da coluna *Grrrls*.

3.1 UMA COLUNA *SUI GENERIS*?

A imprensa gay no Brasil, assim como no mundo, surge da necessidade que uma parcela da sociedade teve em procurar seus semelhantes, buscar uma união com os iguais, construir um refúgio coletivo, lutar contra um sistema que os tornava invisíveis (RODRIGUES, 2018). A revista *Sui Generis* surgiu de um desejo pessoal do editor, Nelson Feitosa, que com seu parceiro na época, José Viterbo, decidiu lançar e financiar o periódico, inicialmente mensal. Na época, não existia nenhum periódico dirigido à comunidade gay que não fosse centrado no erotismo.

Assim, a revista *Sui Generis* foi lançada em janeiro de 1995 (um número zero, experimental, saiu em dezembro de 1994), que objetivava “conquistar anunciantes e formadores de opinião” (FEITOSA, 2014). De acordo com Feitosa (2014), a *Sui Generis* nasceu buscando como uma de suas referências as revistas gays de circulação norte-americana e europeia. Em seu primeiro número, a revista traz na capa uma foto de Neil Tennant, do grupo de música *pop* *The Pet Shop Boys* e teve como destaque na chamada o texto: “O *Pet Shop Boy* Neil Tennant abre o jogo: ‘*I am gay*’”.

Na capa, pode-se identificar os indicadores daquilo que a revista pretendia ser: *fashion*, mas também séria, que procurava mostrar o gay como alguém que não se intimida e

que assume sua sexualidade publicamente. Assim, já nesta primeira edição, a revista demonstra uma de suas políticas editoriais: o “outing” ou a “saída do armário”.

De acordo com Rodrigues (2018), no segundo momento da imprensa gay do Brasil, a partir da década de 1980, os periódicos criaram verdadeiros espaços de manifestação de opiniões acerca de um certo tema, com alguma coerência ideológica entre si, e colaboram para congregar um determinado grupo de pessoas que leem a mesma história e compartilham dos valores ali expressos e que, de alguma maneira se identificam com eles. Assim, a *Sui Generis* imprime a identidade de um novo “mercado gay”, conceito importado dos Estados Unidos da América, que reproduziu uma mudança no mercado editorial segmentado gay que fugia de publicações unicamente homoeróticas masculinas:

A revista *Sui Generis*, publicação da SG Press, apostou numa postura militante sem o ranço do ativismo dos anos 1970. Ela manteve uma atitude do “assumir-se”, mas também promoveu o desejo homoerótico e a auto-estima. Tudo isso regado com textos analíticos, grandes doses de cor, fotografias muito bem produzidas e um projeto gráfico inovador, compatível com sua proposta. A revista procurou desde o início encontrar um caminho para a expressão de uma identidade gay que, de certa forma refletisse o comportamento daquela comunidade dos anos 1990 (RODRIGUES, 2018, p. 23).

A revista pode ser encarada como uma materialização simbólica da cultura gay dos anos 1990, de forma que se apresenta como sendo um lugar de “discernimentos sérios e futilidades chics, dirigidas para homens e mulheres gays” (FEITOSA, 2014 p. 43), um lugar de circulação de símbolos, representações e um lugar onde se daria a racionalização do debate, espaço da discussão e troca de opiniões. Para Rodrigues (2018), a *Sui Generis* procurou falar de assuntos que fossem de interesse da comunidade gay, sempre de forma positiva. Ela abordava temas tendo sempre como preocupação o ponto de vista do leitor gay (RODRIGUES, 2018). De acordo com Feitosa (2014), a forma como o jornalismo da revista se posiciona e constrói sua imagem editorial em relação ao emergente cenário político gay no país, ao mesmo tempo em que não quer “fazer militância” em suas páginas, demonstra versatilidade e estratégia jornalística:

A combinação entre “discernimentos sérios” e “futilidades chics”, atrelada ainda à proposta de oferecer “um jornalismo de qualidade” (expressões utilizadas no editorial de estreia), sugerem que a revista buscava costurar um público leitor que não ficasse restrito apenas ao universo de “militância” gay da época, mas que tinha interesse em “política”; ao mesmo tempo, e como o título da revista também procurava diferenciar, que se reconhecesse e reconhecesse a publicação como sofisticada (“chic”), de poder aquisitivo relativamente alto, “moderna”, consumidora de moda e frequentadora de festas e casas noturnas, interessada em literatura, cinema, música e teatro (FEITOSA, 2014, p. 43).

Foi assim que a *Sui Generis* ganhou força nesse novo cenário, também cultural e mercadológico, da homossexualidade. A revista trabalhou questões políticas e lutas pelos direitos ao lado do espaço de consumo. De acordo com França (2006), a mídia e o mercado editorial segmentados foram capazes de estabelecer um canal de comunicação com a comunidade GLS, através do qual se poderia tratar tanto de assuntos políticos e demandas da agenda do movimento, quanto informações a respeito do “circuito GLS” e dos diversos estilos de vida que o acompanham. De acordo Rodrigues (2018), a revista se propunha a ser um espaço público de visibilidade e tematizações de algumas das questões gerais que abrangia a homossexualidade, sendo um local no qual se materializava uma construção simbólica de uma estética pertinente ao mundo GLS, principalmente gay.

A cultura do *outing* proposta pela revista, além de ser um marcador do estímulo identitário da comunidade enquanto posicionamento político de visibilidade, o “saia do armário” também abarcava discursos atravessados pelo conceito de “‘modernização’ e ‘normalização’, ‘diferenciação’ e ‘assimilação’ do que é ‘ser gay’ (e, com muito menos visibilidade, lésbica)” (FEITOSA, 2014, p. 115), sendo possível, assim, ainda de acordo com Feitosa (2014), identificar nos discursos veiculados na revista e na atuação dos jornalistas a política de afirmação pessoal e coletiva gay do *outing* como condição do ser “gay como ‘identidade’ e ‘como cultura’” (p. 116).

Dessa “identidade” e “cultura gay” propagadas pela *Sui Generis*, de acordo com Feitosa (2014), identifica-se as representações, nas capas e em reportagens, de personalidades que, mesmo não tendo suas identidades como homossexuais, tinham a imagem associadas a esta comunidade. Assim, nessa proposta editorial do *outing*, em consonância ao incentivo do fortalecimento do que seria a identidade e cultura gay, a revista alinhou seu discurso “do tornar visível, modos de enunciar e reivindicar visibilidades a partir de determinadas práticas e modelos de ser ‘gay’” (FEITOSA, 2014, p. 154), passando a inserir no processo de produção de representações a valorização de uma diferença e adesão numa integração do que Feitosa (2014) denomina como “sociedade como um todo” (p. 145).

Dessa forma, além do culto à “cultura gay”, reproduzida na revista pela hipervalorização do corpo do homem, em que a masculinidade marca a inserção do homossexual nesse universo que prioriza a beleza física, apresentado na revista homens majoritariamente brancos, jovens e sarados, encontram-se também figuras como a então deputada federal pelo estado de São Paulo, Marta Suplicy (ed. 14, junho, 1996) e o ator global

André Gonçalves⁶ (ed. 6, outubro, 1995), agregando o grupo de “simpatizantes” da sigla GLS. De acordo Feitosa (2014), é importante lembrar que, além da estratégia mercadológica que vai além do consumo de um público específico, o termo simpatizante era importante para outras identidade sexuais que não se encaixavam como gay ou lésbica, ainda podendo auxiliar àqueles que temiam serem reconhecidos socialmente como homossexuais:

Ao mesmo tempo em que abria essas brechas para as homossexualidades, essa aproximação aos “simpatizantes”, no cotidiano do fazer jornalístico de *Sui Generis*, viabilizava tanto construir uma legitimação entre um público mais amplo como facilitava o acesso a personalidades que não tinham uma identidade gay ou lésbica “assumida” ou que eventualmente, não demonstravam interesse em “assumir” publicamente, mas reconheciam a relevância da publicação, julgavam-se dispostas a atender pedidos de entrevistas ou mesmo tinham interesse em aparecer nas páginas do periódico. Também ampliava o acesso a colaboradores, que procuravam a revista por considerá-la um título “descolado”, “moderno”, valores associados à ideia de “simpatizante” (FEITOSA, 2014, p. 148).

Com a proposta de afastamento do mercado situado como erótico ou pornográfico, e, apesar de seguir preceitos mercadológicos, a *Sui Generis* não veiculava, em suas páginas, imagens com conteúdo homoerótico explícito, de modo a para manter a linha editorial “sofisticada”, priorizando o debate das maneiras de exercer a sexualidade (FEITOSA, 2014). Entretanto, identificando uma demanda do público em consumir esse tipo de material, e com a solidificação da revista erótica *G Magazine* (1997) como principal título destinado ao público leitor gay, a editora que publicava *Sui Generis*, a *SG Press*, lançou as revistas *Sodoma* (1997) e *Homens* (1998). Estas revistas eram voltadas para uma audiência aparentemente mais interessada em contos eróticos e ensaios de nu, nacionais ou reproduzidos/traduzidos de outras publicações estrangeiras, contendo ainda anúncios de garotos de programa e uma seção de cartas para trocas sentimentais, assuntos não abordados na *Sui Generis* por questão de linha editorial.

De acordo Feitosa (2014), mesmo a revista *Sui Generis* querendo fugir do editorial erótico e/ou pornográfico, o “conteúdo publicitário veiculado na revista era ocupado por pequenos anúncios, comumente de saunas e locadoras de vídeo eróticos” (p. 49), um dos sinalizadores das dificuldades que se havia em captar recursos para mantê-la em funcionamento. Algumas edições chegavam com atraso às bancas de revistas e casas dos assinantes, e de acordo Rodrigues (2018), mesmo com esforços para manter a qualidade

⁶ O ator André Gonçalves interpretou o personagem Sandrinho, da novela *A Próxima Vítima* (1995), que era homossexual e vivia um romance com Jefferson (Lui Mendes). O ator relatou, em matéria na revista *Sui Generis* (p. 30), que passou a sofrer violência na rua por acharem que ele seria homossexual.

estética e editorial e a colaboração de artistas e intelectuais em conceder entrevistas para a revista, era difícil concorrer com a linha editorial da revista *G Magazine* e a sua forte gama de famosos estampando suas capas:

Com muito trabalho e muita dedicação, ela cobriu, em 55 edições, os interesses de grande parte do universo gay do qual seu principal editor fazia parte: a classe média alta. E, para isso, não mediu esforços para conseguir a colaboração de pessoas importantes, como Caio Fernando de Abreu, Martha Suplicy, João Silvério Trevisan, Luiz Mott, Sócrates Nolasco, entre outros. Apesar da qualidade dos seus textos e da sua apresentação gráfica, tanto no aspecto visual quanto técnico, a revista começou a perder o fôlego (RODRIGUES, 2018, p. 24)

E foi assim que em março de 2000 a *Sui Generis* saiu das bancas de revistas. De acordo Rodrigues (2018), mesmo os anunciantes sendo em número considerável, os anúncios não eram constantes. Para Feitosa (2014), as estratégias utilizadas para ocupar as páginas que deveriam ter anúncios sinalizam o desafio para controlar as contas, e assim eram elaborados “anúncios promovendo a própria revista uma imagem de si para os leitores” (p. 49). As revistas da editora *SG Press* ganharam relevância no mercado e por um período foi uma concorrente da *G Magazine* (RODRIGUES, 2018), não obstante foram insuficientes para manter na ativa a *Sui Generis*.

A revista *Sui Generis* é marcada como símbolo da transformação das publicações homossexuais (OLIVEIRA, 2019), pois iniciou um novo processo no mercado editorial de revistas segmentadas direcionadas ao público gay. De acordo com Rodrigues (2018), a revista fugiu dos nus e da pornografia, que predominavam em outras publicações do segmento naquele período, e ainda abordava temas tendo sempre como preocupação o ponto de vista do leitor gay, sendo esta uma grande diferença em relação aos outros periódicos (RODRIGUES, 2010). Ainda, de acordo Feitosa (2014), a revista contribuiu para destacar a particularidade do momento de vivência das homossexualidades do Brasil com o “mercado gay”, e a segmentação com um perfil editorial específico sugere uma perspectiva crítica para situar as dimensões desse mercado. Para Rodrigues:

A revista se propunha a ser um espaço público de visibilidade e tematizações de algumas das questões gerais que envolvem a homossexualidade; ser um local no qual se materializava uma construção simbólica de uma estética pertinente ao mundo GLS, principalmente gay. Entretanto, não podemos esquecer que o público é ativo, e de certa forma vai influenciar na estética da revista (RODRIGUES, 2010 p. 506).

Ainda em vida, um dos pontos de tensão da revista *Sui Generis* estava no fato da revista se apresentar como publicação “para gays e lésbicas, mas ter uma linha editorial majoritariamente voltada para um público homossexual masculino. Então, as mulheres

leitoras da *Sui Generis* utilizavam-se do espaço “Cartas”, um espaço de diálogo dos leitores com a redação da revista, para reivindicar seu espaço na revista GLS (FEITOSA, 2014). De acordo com Feitosa (2014), apesar do periódico se declarar uma revista para gays e lésbicas, havia um direcionamento comercial para o público gay masculino. Em parte, isso também era consequência da equipe editorial formada majoritariamente por homens.

De acordo com Feitosa (2014), em entrevista realizada com uma das editoras do periódico, a jornalista Heloiza Gomes, a diretriz norteadora da revista era firmada também pelo fato do perfil do proprietário e dos colaboradores contratados corresponder, na sua maioria, a homens brancos de “classe média e alta, que viviam num universo cultural e de consumo em que prevalecia maior visibilidade aos homossexuais masculinos” (p. 150). Além do mais, apesar de haver uma movimentação das leitoras cobrando mais espaço na revista, estimava-se que as mulheres não eram as principais compradoras dos exemplares.

Dos cinco anos em que *Sui Generis* esteve em circulação, de acordo com o pesquisador, a edição que houve menor número de vendas foi o exemplar com Cássia Eller na capa (ed. 48, 1999). Assim, o único espaço consolidado e permanente, a partir do segundo ano de circulação da revista, até o seu encerramento, feito por uma mulher lésbica, direcionada para o público feminino da revista, foi a coluna *Grrrls*. Assinada pela cantora, escritora e militante LGBT Vange Leonel, ocupava uma página em cada edição, trazendo textos de opinião com o objetivo, posto pela própria Vange Leonel (2001), de ser anti-sexista e valorizar as mulheres.

Entretanto, nem só de textos com posicionamentos políticos evidentes era construída a coluna. Vange recorria a um lugar reduzido na revista para levar temas como música, cinema, arte, história, esporte e ciência para agregar as discussões sobre o (não) lugar da mulher lesbiana nos anos de 1990 e ao longo de toda a história. Na próxima seção, além de conhecer melhor a dona da escrita de *Grrrls*, também vamos explorar os artigos de Vange no interior do gênero jornalístico de opinião.

3.2 VANGE LEONEL: CHEIA DE OPINIÃO

Maria Evangelina Leonel Gandolfo, também conhecida como Vange Leonel, foi cantora, multi-instrumentista, compositora, escritora e ativista LGBT. Iniciou a carreira artística em 1985, como vocalista da banda de rock *Nau*, lançou dois álbuns solo e, de acordo com Facchini (2008), organizou ainda “um festival de cultura jovem feminista feito

exclusivamente por mulheres e também direcionado para mulheres” (p. 152), o “minas do rock”, em 2004. Entretanto, Vange foi ativista de grupos homossexuais desde o início do movimento, quando tinha dezessete anos, e foi em 1982 que deu início à militância integrando o GALF (FACCHINI, 2008). Com isso, naquele mesmo ano, segundo Oliveira (2019), a cantora passa a assinar uma coluna no boletim de publicações lésbico-feministas *ChanaComchana* (1981-1989).

Oliveira (2019) ressalta que, durante a primeira metade da década de 1980, a imprensa feminista incorporou a categoria de gênero e a crítica à heteronormatividade, ampliando as demandas e as discussões do movimento, tomando como fontes charges, cartuns e outras formas de humor gráfico publicados nos periódicos brasileiros. Vange faz parte desse movimento no *ChanaComchana*, assim como na coluna *Grrrls*. Vange Leonel também faz parte do grupo de mulheres com livros situados no campo da literatura lésbica. São eles: *Balada para as meninas perdidas* (GLS Edições, 2003), *Grrrls – garotas iradas* (GLS Edições, 2001) e *As sereias da Rive Gauche* (Editora Brasiliense, 2002).

Na introdução do livro *Grrrls – garotas iradas* (2001), um compilado de todos os artigos publicados na revista *Sui Generis* e mais alguns textos inéditos, Vange descreve a passagem pelo periódico e de como se utilizou desse espaço para agregar pautas do movimento feminista que, de acordo com ela, eram menosprezados nos meios de comunicação. A escritora aborda a violência sofrida pelas mulheres no país e sobre sua subversão ao discurso sexista de comportamentos de gênero: “Objetivo sempre foi valorizar as garotas que são fortes, agressivas e que têm atitude, ao contrário do que se espera de uma mulher na sociedade: ternura, concordância e suavidade” (p. 12).

Assim como no movimento LGBT, onde ao longo da sua história as mulheres tiveram que lutar por espaço e representatividade junto aos movimentos, tanto homossexuais quanto feministas, Vange, na revista *Sui Generis*, também precisou resistir nesse espaço majoritariamente masculino. Ainda na introdução do seu livro, a cantora fala sobre como, a partir da sua participação na revista, suscitou uma nova maneira de escrever e enxergar o “mundo gay” e como, durante os quatros escrevendo a coluna, precisou de investir piamente contra discursos sexistas, pela sua liberdade de expressão e pela tolerância.

A coluna de Vange Leonel era escrita de maneira livre, no que diz respeito aos moldes jornalísticos, pontuada pela ironia, abundância de referências e um humor pontual. Alguns de seus textos configuram-se como crônicas sobre as vivências de uma mulher lésbica nos anos

de 1990, em outros a escrita lembra uma campanha educacional. Assim, segundo Beltrão (1980), o gênero jornalístico característico dos textos da coluna *Grrrrls* é o opinativo, por ser totalmente subjetivo, apesar da subjetividade não ser exclusiva do gênero, e com as opiniões da colaboradora da revista. De acordo com José Marques de Melo, gênero jornalístico é:

um conjunto de circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde para o seu público. Um relato que, pela dinâmica própria do jornalismo, se vincula às especificidades regionais, mas incorpora contribuições dos intercâmbios transnacionais e interculturais. É a articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura) (MARQUES DE MELO, 2003, p.64).

Para Marques de Melo (2003), o gênero opinativo é uma reação diante das notícias, “difundindo opiniões, seja as opiniões próprias, seja as que lê, ouve ou vê” (p. 29). Para ele, narrar os fatos e expressar as ideias segundo os padrões historicamente definidos como jornalismo informativo e jornalismo opinativo não alteram fundamentalmente o resultado do processo interativo que se estabelece entre a instituição jornalística e a coletividade que tem acesso ao universo temático e conteudístico fabricado continuamente. Ainda de acordo com Marques de Melo (2003), os textos opinativos, em geral, se originam em algum acontecimento noticiado pelos textos informativos. O reconhecimento da existência de duas categorias fundamentais no jornalismo, o informativo e o opinativo, “obtem o consenso dos profissionais e estudiosos da área, independentemente das concepções ideológicas que assumem ou do modo de produção econômica que caracteriza a sociedade respectiva” (MARQUES DE MELO, 2003, p.26).

Já para Beltrão (1980), não é possível dissociar a opinião do jornalista no texto produzido independente do gênero produzido, seja em artigos informativos, reportagens ou mesmo cobertura sobre fatos, o jornalista tem o dever de exercitar a opinião. Para ele, opinar engrandece a atividade profissional, desde que se expresse com honestidade e dignidade, com reta intenção de orientar o leitor, sem forçar ou violentar a “sacralidade” das ocorrências. O autor entende que se deve tratar a opinião no jornalismo como um dever, mais do que informar, o que confere maior liberdade ao jornalista, porém exigindo uma responsabilidade ainda maior, pois afere a responsabilidade de caráter intelectual do profissional, mesmo com barreiras e limites (BELTRÃO, 1980).

Ainda de acordo com Beltrão (1980), o jornalista que escreve artigos de opinião está em consonância com o editorial e ideologia do veículo de comunicação. Assim, quando relacionamos a coluna escrita por Vange Leonel na Revista *Sui Generis*, observa-se que,

apesar da revista ter como público prioritário homens homossexuais e haver pouco espaço de diálogos com as mulheres consumidoras da revista, nenhum conteúdo opinativo produzido por Vange fugia da contextualidade LGBT do momento e trazia nítida aproximação com objetivo editorial do periódico em ter “discernimentos sérios e futilidades chics” (FEITOSA, 2014, p. 43).

A escrita irônica e metafórica de Vange articulada a fatos, ideias e subjetividades, de acordo com Beltrão (1980), pode-se entender como uma estilística da escrita cronista. Luiz Beltrão aponta que a crônica gira permanentemente em torno da atualidade, e com sensibilidade e sutileza de raciocínio capta a dinâmica da notícia para narrar o cotidiano. “Crônica é a forma de expressão do jornalista/escritor para transmitir ao leitor seu juízo sobre fatos, ideias, emoções pessoais ou coletivas, o que a coloca no nobre gênero do jornalismo opinativo” (BELTRÃO, 1980, p.66). A coluna *Grrrls* se dissolve em artigos opinativos e “crônica geral” (p.68), abordando temas variados em um espaço fixado na revista (BELTRÃO, 1980).

O movimento emergente durante a primeira metade da década de 1980, em que a imprensa feminista se utilizava de referências irônicas e humorísticas para criticar a heteronormatividade, é percebido nos textos de Vange. Assim como Marques de Melo ensina que “a opinião se manifesta explícita e permanentemente através da caricatura, cuja finalidade satírica ou humorística pressupõe a emissão de juízos de valor” (MELO, 2003, p. 163), Vange apropria-se de variados meios capazes de expressar e transmitir sua mensagem como alusão histórica, literatura, metáforas, paradoxo, humor, sarcasmo (BELTRÃO, 1980): “Será que um gay não caricato ameaça tanto assim o poder constituído da macheza brasileira?” (edição 10, 1997). Na próxima seção, apresentamos a metodologia utilizada para analisar a coluna *Grrrls* e os elementos que a atravessam, como seu gênero jornalístico, o contexto histórico do período da revista e a própria posição desta escritora neste espaço editorial.

3.3 METODOLOGIA DE ANÁLISE

O objetivo geral desta pesquisa, como destacado na introdução, analisa a produção discursiva da coluna *Grrrls* da revista *Sui Generis*, endereçada a um público projetado majoritariamente como de mulheres lésbicas, acerca das questões das lesbianidades e das pautas sociais desse grupo social na época da publicação, e para compreender a relação discursiva entre o objeto de estudo desta pesquisa, a coluna *Grrrls*, e as pautas no movimento

lésbico na segunda metade da década de 1990 até o início dos anos 2000, utilizamos o método de Análise de Discurso (AD), seguindo a corrente da linha francesa.

Esta linha de análise discursiva, como o nome sugere, surgiu na França em meados 1960, onde o pano de fundo atravessado era o levante do movimento estudantil que iam às ruas reivindicar reformas no ensino. Como forma de analisar os discursos vigentes no período de diferentes posicionamentos políticos, a AD opera inicialmente de maneira a investigar o discurso para além da parte gramatical da língua, levando em consideração fatores externos do discurso concreto, operando assim uma junção da linguística com o social. Vale destacar que, nessa perspectiva, a língua é fato social, e não é uma estrutura fechada em si mesma. É lugar de tensões. Ela está sujeita a equívocos, isto é, falhas, lapsos, deslizamentos, mal-entendidos e ambiguidades. O discurso é entendido, na visão de Pêcheux (1995), como efeito de sentido entre locutores. Assim, de acordo com Brandão (2009), discurso é toda atividade comunicativa, produtora de efeitos de sentidos entre interlocutores, sujeitos situados social e historicamente, nas suas relações interacionais. No que se refere a linguística, é por meio do texto que se materializa o discurso, ou seja, por meio do texto que se pode entender o funcionamento do discurso.

O método de Análise Discursiva é aplicado, aqui, no estudo dos textos da coluna pois, a partir dele, busca-se entender as subjetividades e intertextualidade presentes na escrita de Vange Leonel, uma vez que é função da AD explorar as dinâmicas sociais, contexto histórico, as condições de produção e gêneros que incorporam a contextualidade do discurso. De acordo com Brandão (2012), é importante cristalizar os sentidos dos textos, cristalização esta que contribui na criação de dois efeitos, o de sujeitos plenos e detentores daquilo que dizem e o efeito da língua como um sistema transparente, que produz sentidos claros, diretos e evidentes, quando, na verdade, a língua possui uma característica opaca, isto é, não se é possível enxergar todos os sentidos das palavras (BRANDÃO, 2012).

Ainda de acordo com Brandão (2012), há três conceitos básicos que embasam a Análise de Discurso francesa: “a noção de condições de produção, de formação ideológica e de formação discursiva” (BRANDÃO, 2012, p. 21). A AD obedece a um quadro de dimensões, posto por Maingueneau para demarcar sua especificidade:

- o quadro das instituições em que o discurso é produzido, as quais delimitam fortemente a enunciação;
- os embates históricos, sociais etc. que se cristalizam no discurso;
- o espaço próprio que cada discurso configura para si mesmo no interior de um interdiscurso (MAINGUENEAU apud. BRANDÃO, 1987, p 17).

No que concerne a outros dois conceitos centrais na análise de discurso francesa, a ideologia e o discurso são, respectivamente, embasados por Althusser (1970) e Foucault (1969), e a partir dessas definições que Pêcheux, estudioso na área discursiva, valoriza o conceito de “formação discursiva” (BRANDÃO, 2012). Na Análise do Discurso Francesa, de acordo Pêcheux (1995), o sujeito não é intencional. A ideologia torna possível a relação palavra/coisa. Há para isso as condições de base, a língua e o processo, que é discursivo, no qual a ideologia torna possível a relação entre o pensamento, a linguagem e o mundo, ou seja, reúne sujeito e sentido. A definição de ideologia posta pelo filósofo marxista Althusser (1970) é que o conceito “representa uma relação imaginária dos indivíduos com sua existência, que se concretiza materialmente em aparelhos e práticas” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, p. 267, 2008). Para ele, a ideologia não é aparato mecânico da realidade, mas sim é a maneira que os sujeitos vivem e expressam a sua existência:

A existência da ideologia é, portanto, material, porque as relações vividas, nela representadas, envolvem a participação individual em determinadas práticas e rituais no interior de aparelhos ideológicos concretos. Em outros termos, a ideologia se materializa nos atos concretos, assumindo com essa objetivação um caráter moldador das ações (BRANDÃO, p. 25. 2009).

Foucault (1969) entende o discurso como um conjunto de enunciados, formados por elementos sem ligações de princípios de unidade, cabendo a AD elencar as regras que regem uma formação discursiva (FD). O discurso, para ele, “não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo” (p. 61). Com a reformulação de Pêcheux sobre formação discursiva, elaborada inicialmente por Foucault, é que a AD incorpora o conceito, e é a partir da formação discursiva que é analisada a posição dos sujeitos falantes na conjuntura histórica e social. Na perspectiva foucaultiana, fazer aparecer o espaço em que se desenrolam os acontecimentos discursivos não é tentar recompensar em um isolamento que nada poderia superar, não é encerrá-lo em si mesmo, é tornar-se livre, a fim de descrever, nele e fora dele, jogos de relações (FOUCAULT, 1969).

Com os conceitos acima apresentados, o método de análise de discurso francesa nos aproxima do contexto histórico, social, político e pessoal das temáticas abordadas na coluna *Grrrrls*. Para compreender a dinâmica social que a coluna ocupava e apresentava, os discursos postos nas pautas do movimento de mulheres lésbicas também se tornam um aliado nas

análises que aqui serão feitas. Esta estratégia teórico-metodológica foi escolhida com o desígnio de compreender as relações discursivas entre a coluna da revista *Sui Generis*, movimento e pautas sociais lésbicas, pois, de acordo com Brandão (2009) o discurso “materializa o contato entre o ideológico e o linguístico” (p.103), no sentido que a linguística apresenta as contradições do ideológico e assim, observamos o exterior do discursos, significando que para interpretar o texto discursivo se faz necessário acessar o interdiscurso, discurso de um sujeito (PÊCHEUX, 1995), e o intradiscurso, matéria linguística, ideológica, simbólica, etc, pré-existente na imagem do discurso (PÊCHEUX, 1995), pois o enunciador é influenciado também pela sua posição social, suas crenças, suas experiências e vivências. No próximo capítulo, apresentam-se as edições selecionadas para a análise, o método anteposto na escolha das colunas e, por conseguinte, a análise discursiva da coluna *Grrrls*.

4 ANÁLISE DA COLUNA *GRRRLS*

Este capítulo é dedicado à análise discursiva das colunas *Grrrls*. Na primeira seção, apresentamos a construção do corpus do trabalho, descrevendo os eixos temáticos elaborados para a organização e agrupamento das colunas selecionadas, além de elucidar como se deu a criação destes eixos.

As seções seguintes são reservadas para a análise do objeto principal desta pesquisa, a coluna *Grrrls*. Na seção dois, discorre-se sobre as colunas selecionadas que tratam sobre "identidades lesbianas e GBTs". A terceira seção é onde exploramos analiticamente os textos que abordam temáticas de comportamento. A quarta e última seção deste capítulo está concentrada nas análises dos textos que trazem em sua temática questões políticas e de visibilidade LGBT.

4.1 CONSTRUÇÃO DO CORPUS

Para analisar a produção discursiva da coluna *Grrrls*, tivemos acesso a 40 dos 55 exemplares publicados por *Sui Generis*. Deste universo, realizou-se uma leitura primária, em que foi constatada a inclusão da coluna em 31 exemplares.

Foi apurado também que, nos dois primeiros anos de circulação da revista, a coluna *Grrrls* não fazia parte da publicação. O primeiro exemplar em que Vange assinou uma coluna foi a edição nº19 em 1997, entretanto, o espaço é apresentado com o nome de "Papo de Mulher". Na edição seguinte, a coluna já aparece intitulada "*Grrrls*". Outra observação é que mesmo havendo uma regularidade em sua publicação, uma das edições, a nº27 (outubro, 1997), não apresentou a coluna. Em janeiro de 2000, a capa da *Sui Generis* anunciava que, a partir daquele momento, a revista seria quinzenal. Em seu último ano, foram publicadas cinco edições, de janeiro a março, e todas incluíam a coluna *Grrrls*.

Nesse primeiro momento, as análises foram feitas com o objetivo de aproximação ao objeto, mas também como uma estratégia seletiva do material. Para abranger todo o período em que a coluna esteve presente na revista *Sui Generis* (1995 - 2000), foi definido que, para cada ano das publicações, seriam analisadas três edições da coluna.

Dessa forma, são analisadas com mais profundidade 12 edições de *Grrrls*. Isso permite vislumbrar uma maior dimensão das perspectivas histórico-sociais presentes na

coluna ao longo de cada ano do periódico. E para a organização e delimitação do *corpus*, foram elaborados três eixos para agrupar as colunas, apresentados abaixo na tabela 1.

Tabela 1: Eixos de delimitação do *corpus*

EIXO	CATEGORIA
Eixo 1	Lesbianidades, identidades lésbicas e lgbs;
Eixo 2	Comportamento;
Eixo 3	Lesbianidades e políticas de visibilidade.

(Fonte: quadro elaborado pela autora)

A elaboração dos eixos se deu por conveniência a partir da pré-análise das colunas⁷. Nessa etapa de leitura, foi verificado que cada coluna privilegia uma temática diferente, como esportes, ciências, música, etc. A partir disso, criamos temas “guarda-chuva” que abarcasse o maior número de assuntos possíveis. Impulsionada pela análise prévia das *Grrrls*, elaborou-se os três eixos acima apresentados.

Ressalvamos que a categorização das colunas selecionadas em cada eixo não as exclui de se encaixarem em outros eixos, pois acreditamos que as dinâmicas apresentadas não são questões separadas umas das outras. Entretanto, a elaboração dos eixos e a classificação das colunas neles tem como objetivo uma estruturação mais nítida para empreender a análise discursiva da escrita de Vange Leonel na coluna *Grrrls*.

No primeiro eixo, referente às lesbianidades, identidades lésbicas e LGBTs, são englobadas as temáticas que tratam sobre as identificações e alteridades dos conteúdos sobre categorias como *sapas*, *ladys*, *gays*, *travestis*, *trans*, *bissexuais* etc. No eixo dois, identificado como “comportamento”, são incorporadas as colunas que tratam de temáticas como relacionamentos amorosos, festas, consumo, artes e esportes. No último eixo, “Lesbianidades e políticas de visibilidade”, estão as edições que se dedicam a tratar sobre *outing*, ativismo, visibilidade midiática e história lésbica/homossexual/lgbt.

Apresentados os eixos de categorização das colunas selecionadas como objeto de análise da pesquisa, descreveremos agora como se dará o passo a passo de execução: 1)

⁷ Para visualização da tabela com a pré-análise das colunas, cf. Apêndice A

compreender quem é o sujeito falante do discurso; 2) analisar as condições de produção; 3) analisar o contexto social e histórico que foi construído cada discurso; 4) analisar os discursos em consonância com as pautas emergentes no movimento lésbico no período. No que tange ao compromisso com a pesquisa, tomaremos como um procedimento metodológico a ética no desenvolvimento do estudo, acreditando que esta é uma ferramenta basilar nos procedimentos metodológicos.

Seguindo os conceitos do método de AD, centralizando no contexto e dinâmica social do período e buscando entender as condições de produção dos discursos aqui trabalhados, após terem sido pré-analisadas 31 edições do periódico, selecionamos 12 edições da coluna *Grrrls*, considerando-as como uma amostra exemplar e que permite contemplar os cinco anos da revista *Sui Generis*. Assim, buscamos identificar e analisar criticamente as temáticas das lesbianidades, a partir dos textos da coluna selecionados no corpus, compreender como a coluna, por meio de seus discursos, deu visibilidade a temáticas e pautas voltadas para uma audiência lésbica e investigar em que medidas tais pautas convergem ou divergem das questões emergentes no movimento lésbico brasileiro no período de 1995 a 2000.

4.2 IDENTIDADES LESBIANAS E OUTRAS IDENTIDADES

As identidades LGBTQ foram tratadas em diversas colunas de Vange Leonel. Os textos empregam invocativos como *sapas*, *ladys*, *gays*, *travestis*, *trans*, *bissexuais* etc., para valer-se da diversificação das identidades sexuais e de gênero da comunidade. As edições selecionadas para representar esta seção são: edição 22, com o título “Estilo provoca terremoto” (1997); edição 40, “Lésbica ou Transbicha?” (1998); a edição 46, intitulada “Você gosta de gays da tevê?” (1999); e a edição 51: “Dez mandamento lesbianos” (2000)⁸. Assim, analisamos uma edição para cada ano da coluna *Grrrls*, neste recorte específico das identidades.

Na primeira coluna que analisamos, o humor sarcástico de Vange emerge num decálogo na versão lesbiana. Com o título “Dez mandamentos lesbianos”, a edição 51 da revista *Sui Generis*, em janeiro de 2000, anuncia na coluna *Grrrls* a aproximação do terceiro milênio, os 500 anos da chegada dos portugueses ao país, e Vange convida a comemorar os quase 2.500 anos de história das mulheres lésbicas. Nessa introdução ao decálogo, os anos de existência histórica lésbica são registrados a partir dos poemas escritos por Safo, reconhecidos

⁸ Para visualização de todas as edições citadas, cf. anexo A

como os primeiros textos que revelaram o amor entre mulheres, datados no século VII a. C.

Vange lembra que grande parte da obra de Safo foi queimada pelo Papa Gregório VII, e assim não haveria material suficiente para formar uma bíblia lésbica. É assim que a colunista decide fazer, a partir do seu entendimento e experiência como mulher lésbica, os mandamentos que prometem “orientar ou, na pior das hipóteses, consolar nos momentos difíceis” (LEONEL, 2000, p. 32).

A noção de identidade, de acordo com Stuart Hall (2006), envolve reivindicações sobre pertencimento feita por determinado grupo de indivíduos. No iluminismo o “eu”, calcado numa perspectiva eurocêntrica, é fundamentado a partir da ideia do ser o único detentor do que é dito como civilizado (HALL, 2006), assim, dando ideia de unificação, por meio de um discurso moralista, normativo e religioso que adota um critério ético-existencial na configuração da vida dos seus povos e das suas personalidades. O que cria margem para sair desse pensamento é a autonomia, pois através dela o ser humano adentra em um estágio de não submissão ao crivo moral da sociedade. Hall (2006) ainda afirma que a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia e que o feminismo é um dos cinco "eventos" que vão justamente produzir esse descentramento do “eu” na contemporaneidade. A existência possui diversas formas, não é algo que dá para fixar e dizer o que é com precisão, pois a identidade é justamente o processo de transformação que há modificações constantes, então, o termo “eu sou” não se aplica a afirmação de algo, entretanto, dizer “estou sendo” é o que se adequa no mundo social de novas identidades.

Com isso, nota-se que a identidade lesbiana citada ao longo do texto não necessariamente é representante de toda a comunidade lésbica, pois não existe identidade unificada. O que acompanhamos na coluna é a centralização, por vezes, estereotipada⁹, do comportamento lesbiano. Cabe rememorar que a coluna é caracterizada por textos opinativos.

Logo no primeiro mandamento, é afirmado: “Toda mulher é homossexual, mesmo que prove o contrário” (LEONEL, 2000, p. 32). Aqui, Vange relaciona o fato de, na primeira infância, as garotas iniciarem suas descobertas e curiosidades sexuais com outras meninas. Nesse momento, há uma inversão do padrão social onde o que seria uma sexualidade compulsória, passando da heterossexualidade para a homossexualidade. Utilizando a irônica

⁹ O conceito de estereótipo utilizado segue a perspectiva de Stuart Hall (2006). Os estereótipos são entendidos, segundo ele, como uma prática significativa, representacional, que reduz aquilo que se está representando a algumas características simplificadas, fixas e essenciais.

frase “a mulher que se diz exclusivamente hetero não lembra - ou não quer lembrar - do período idílico que aconteceu a transição edipiana” (LEONEL, 2000, p. 32), é estimulada a ideia de que a lesbianidade é intrínseca às mulheres, e que o período onde se vivencia essa experiência é intenso e rápido, mas ainda assim poético.

Os próximos quatro mandamentos são sobre a forma de se relacionar das lésbicas, que de acordo Vange, segue a sentença de que não há monogamia nos relacionamentos entre mulheres, que todas as lésbicas que fazem parte de um grupo social têm ligações amorosas uma com as outras. Fala-se também sobre os casamentos rápidos associados a mulheres lésbicas e como estes relacionamentos tendem a seguir características maternas. Há, aqui, uma elaboração estereotipada dos comportamentos e relacionamentos lesboafetivos.

Outro mandamento é o da busca do autoconhecimento e o que Vange chama de “amor-físico-sexual-próprio” a partir da masturbação. Nesse mandamento, é percebido a subversão da colunista ao declarar que “mais vale a sua xoxota na mão que duas quaisquer a masturbando”. Ao trazer uma temática tabu como do autoprazer feminino em uma revista com conteúdo e leitores majoritariamente masculinos, Vange mostra seu intuito, declarado anos depois pela colunista: construir um espaço anti-sexista e valorizar as mulheres (LEONEL, 2001).

Ao encerrar o decálogo, com determinação de evitar conflitos e enfatizar seu tom irônico, Vange acautela as leitoras mais conservadores sobre o texto ser apenas uma sátira sem ambição de substituir o texto religioso: “Até porque, o assunto é saborosamente profano. São apenas dez tolos mandamentos sábios para nos guiar no caminho do roçadinho. Amém!” (LEONEL, 2000, p. 32).

No terceiro ano da revista, em 1997, é quando Vange inicia sua jornada como colunista da revista *Sui Generis*. Na edição 22, deste mesmo ano, a pauta trazida pela cantora é o estigma sobre a mulher lésbica masculinizada e a invisibilidade lesbiana no movimento homossexual e na cena GLS. Ao falar sobre a experiência de sociabilidade de mulheres lésbicas em bares na cidade de São Paulo na década de 1970, Vange relata a abordagem para identificação das identidades performativas nas relações homoafetivas entre mulheres. Quando inicia o texto com a indagação “Você é lady ou sapatão?” (LEONEL, 1997, p.56), Vange remete à dicotomia que, de acordo ela, existe na relação afetiva e sexual do sujeito lésbica nesse período, e se coloca como personagem desse enredo ao narrar a situação em que é perguntada sobre “que identidade lésbica a pertence”.

Com isso, é possível identificar um dos comportamentos sociais relevantes na vivência das lesbianidades daquela década, na qual havia uma reprodução estereotipada de modos nos relacionamentos lésbicos, em que as performances de papéis de gênero seguem o padrão heteronormativo no qual as mulheres com características comportamentais e de estilos de vestimenta mais afeminadas são as *ladys*, e as que optam por utilizar roupas tidas como masculinas, as sapatões. Vange não se pronuncia no texto em relação a temática de reproduções de papéis de gênero heteronormativos, reservando-se a pontuar o desconforto social que existe em relação às mulheres lésbicas masculinizadas.

Assim, ao longo do texto, é feito um apanhado histórico sobre as mulheres que se vestiam e performavam maneirismos masculinos, fossem para poder fazer parte de um exército na guerra como Joana D'Arc, para praticar o sacerdócio já em 855 d.C., como Vange diz haver indícios, ou para viver como escritora tranquilamente, para descrever que não era um feito da modernidade, mas um ato que não representava mais transgressão, como é dito no texto. Nessa analogia do modo de se vestir e do comportamento de mulheres, Vange nos leva a década de 1950, quando algumas militantes lésbicas repreendiam o portar masculinizado das lésbicas “sapatões”, pois assim estariam reforçando a imagem estereotipada sobre o relacionamento homoafetivo entre mulheres.

O título que é dado a este texto, “Estilo provoca terremoto”, é compatível com a insatisfação aparente de Vange em torno do preconceito, na comunidade LGBT, com a lésbica que traz na sua identidade a performatividade masculinizada. O mesmo acontece com a imagem que ilustra o texto. Nesta imagem, há uma tesoura grande sendo cortada por uma tesoura menor, um paralelo sobre o cerceamento dos comportamentos feitos até mesmo por outras mulheres lésbicas. Aqui, assimilamos a mulher lésbica à tesoura, objeto simbólico do ato sexuais entre mulheres, e a utilização do termo “terremoto” ao rechaçamento da “sapatão” no movimento que luta por liberdade e igualdade, o então “ativismos gay”.

Sobre a invisibilidade lésbica retratada na coluna, Vange exemplifica com um episódio ocorrido com uma fotógrafa lésbica, cujo livro foi boicotado inclusive por livrarias dedicadas à comunidade LGBT, por ter fotografias em que casais de mulheres masculinizadas praticavam atos sexuais. É neste ponto que a colunista profere seu posicionamento como militante que durante anos esteve no interior do ativismo e acompanhou a invisibilização das lesbianas, tanto no movimento feminista como no homossexual (LESSA, 2007; SIMÕES; FACHINI, 2009).

Vange Leonel categoriza as performatividades masculinizadas como “fantasia”, entretanto, defende veementemente o direito de expressão da mulher lésbica da forma que for. A coluna é encerrada com uma crítica firme sobre o ativismo gay excludente, recorrendo a um trecho de uma música de composição de Rita Lee, do álbum “Atrás do Porto Tem uma Cidade” (1974). Na música “De pés no chão”, Rita Lee diz que quando se tem sexualidade questionada, a resposta bem-humorada é: “É só questão de gosto. Lacinhos cor-de-rosa ficam bem num sapatão”. E assim, Vange, entre o trecho de música e metáforas sobre visibilidade, conclui:

Ruim é ter de se comportar seguindo uma cartilha politicamente correta, mesmo sendo ela ditada por um ativismo gay pretensamente consensual, mas na verdade careta e estreito. A liberdade e a visibilidade são para as borboletas, para os lacinhos cor-de-rosa e também para os sapatões (Leonel, 1997, p. 56)

Já na edição 40, em 1998, identificamos uma apresentação estigmatizada sobre a transexualidade masculina. Com o título de “Lésbica ou transbicha?”, o texto relata os avanços, ainda recentes na época, da ciência no que tange às cirurgias do que conhecemos hoje como redesignação sexual. O texto inicia-se com a frase: “Que piercing que nada! A intervenção mais radical que uma pessoa pode fazer em seu próprio corpo tem outro nome: ‘cirurgia para mudança de sexo’” (LEONEL, 1998, p. 51), e ao decorrer da coluna, outras colocações hoje tomadas como inadequadas emergem.

Entende-se que, no contexto, as discussões sobre transexualidade estão aquém do que vemos agora no ano de 2021, entretanto, em 1998 já haviam grupos e organizações políticas consolidados de pessoas travestis e transexuais. De acordo Simões e Facchini (2009), na década de 1980, travestis e pessoas trans reuniam-se no então movimento homossexual, e em meados dos anos 1990, é que surgem organizações exclusivamente deste grupo. Em 1992, é fundada a ASTRAL -Associação das Travestis e Liberados do Rio de Janeiro e, na mesma década, surgem mais duas associações em outros estados brasileiros.

Com isso, pode-se notar a ausência de visibilidade desse grupo, e dos estigmas sobre ele em grande parte da sociedade, inclusive de ativistas gays e lésbicas. Vange, ainda no início do texto, expõe que a “mudança de sexo” não é um assunto novo para as “travecas”, que há tempo já recorriam a clínicas para colocar implantes nos seios. Em seguida, a frase: “Mas estou falando do contrário. São as garotas agora que estão fazendo tratamento para a mudança de sexo” (LEONEL, 1998, p. 51). A partir daí, o termo utilizado para referenciar homens trans é “as garotas”. É recente a movimentação da adequação do uso da linguagem

não-pejorativa nos meios de comunicação, em torno de identidades de gênero e sexualidade. Em 2012, a ativista Jaqueline Gomes de Jesus, lançou um guia técnico para formadores de opinião com orientações sobre identidade de gênero, até então o que víamos eram construções discursivas como a de Vange, que aos olhos de hoje soam desorientadas e pejorativas.

No decorrer do texto, a colunista privilegia a descrição de como se dá a tal cirurgia e todas as transformações que acontecem no corpo do transexual. É feita referência aos Estados Unidos da América, acerca da legalidade da redesignação sexual, já que, até 1997, no Brasil, a cirurgia era proibida pelo Conselho Federal de Medicina (DE JESUS, 2018), sugerindo que, pela validade jurídica da cirurgia, um maior número de homens trans surgiram nos EUA. Vange menciona, como exemplo, uma “tendência entre sapatonas” de São Francisco. Ao aludir o homem trans como lésbicas, a colunista incorre no equívoco de sobrepor sexo e gênero, já que orientação sexual e identidade de gênero seriam realidades distintas: gênero se refere a formas de se identificar, e orientação sexual, à atração afetivossexual. Como já foi explanado acima, identificamos que as terminologias e alinhamentos sobre condutas e expressões preconceituosas são temáticas recentes, entretanto, também se faz necessário a exposição da fala e posicionamento inadequados para com a população transexual naquele contexto histórico e social, bem como do perfil editorial da revista e de seu público preferencial.

A imagem que ilustra o texto é a foto de Loren Cameron, um homem trans, musculoso, tatuado, nu e aplicando em si mesmo uma seringa, em uma fotografia preto e branco. Cameron também é citado no texto. De acordo Vange, Cameron, sendo designado no texto por pronomes femininos, lançou um livro de fotografias dele e de outras pessoas trans o que ajudou a tornar visíveis este grupo que “desafiam completamente a visão do mundo dividida em dois gêneros, o masculino e o feminino” (LEONEL, 1998, p. 51).

Apesar de iniciar o texto com uma espécie de aviso de alerta sobre um conteúdo forte, quando ela diz: “Se você não tem estômago - ou uma abertura qualquer - para saber os detalhes sobre esse tipo de transformação, é melhor não ler esta coluna” (LEONEL, 1998, p. 51), Vange, no final do texto, expressa uma satisfação a este novo, quando diz “É muito pra sua cabeça? Ou você consegue se abrir para as infinitas possibilidades que a ciência, a medicina e a tecnologia nos oferecem hoje em dia?”, e conclui que o melhor a se fazer é aceitar as transformações.

Este texto representa ainda a caminhada do movimento LGBT em agregar as

diversidades das identidades da comunidade. De acordo com Facchini e Simões (2009), o termo "travestis" foi acrescentado a "gays e lésbicas" apenas em 1997, no Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas, que passou a se chamar assim em 1995. Antes disso, o termo usado era "movimento homossexual brasileiro". Na coluna analisada anteriormente, Vange exprime sua insatisfação com a invisibilidade lésbica dentro do ativismo gay. Nesse texto, escrito poucos anos depois, observamos que a caminhada para a população travesti, transexual e transgênera ainda não era uma pauta totalmente assimilada pela comunidade LGTB, tampouco socialmente.

A propósito, ao trazer o “socialmente compreendido”, a edição 46 de 1999, denominada como “Você gosta dos gays da tevê?”, relata sobre este tema nas teledramaturgias brasileira. Mesmo o texto abordando representação, a incluímos nesse eixo da análise por identificá-lo tratando também da estereotipização dessas identidades, e sobre as características socialmente aceitas nessas representações.

As representações das identidades gays e lésbicas e a aceitação destas pela sociedade foi pauta, também no ativismo gay, daquele ano. Vange inicia o texto apontando a contribuição de seu colega de revista e um dos ativistas LGBT com trabalhos mais relevantes do país, Luiz Mott, sobre sua insatisfação com a representação homossexual monotemática na novela *Suave Veneno*, de Aguinaldo Silva (1999). O que causou a insatisfação de alguns representantes do movimento gay foi o fato do personagem gay da novela, Edilberto, vivido pelo ator Luiz Carlos Tourinho, sofrer violência e humilhação em horário nobre da Rede Globo, emissora de maior audiência do país. Entretanto, o incômodo era pelo fato de o personagem aparecer apenas nas situações de violência, o que realmente retratava a realidade de um homossexual no Brasil, mas Vange questiona: “Cadê o bônus do beijo?”.

A partir disso, Vange discorre sobre a aceitação social acerca da expressão de gênero¹⁰ diante da orientação sexual das pessoas. De acordo com Vange, o mesmo aconteceu com a novela *Torre de Babel* (1998–1999), em que o casal de lésbicas morreu na explosão de um shopping após “sofrer uma enorme rejeição” (LEONEL, 1999, p. 49) do público. Vange faz uma volta no tempo até a Inglaterra da década de 1920, quando uma escritora lésbica teve seu livro levado a julgamento e proibido pela alegação de não condizer a heroína ser boa e homossexual ao mesmo tempo: “Apesar de gays e lésbicas estarem sendo retratados de

¹⁰ Expressão de gênero, de acordo com De Jesus (2012), é a forma como a pessoa se apresenta, sua aparência e seu comportamento, de acordo com expectativas sociais de aparência e comportamento de um determinado gênero. E que varia dependendo da cultura em que a pessoa vive.

maneira mais justa e coerente em peças de teatro, filmes e livros, quando se trata de um veículo de massa como a televisão, ser ‘bom e homossexual’ continua chocando” (LEONEL, 1999, p. 49).

Ou seja, o homem gay que aparece nas televisões das casas das pessoas somente é aceitável se ele sofrer preconceito por ser homossexual, mas a relação dele com um outro homem não é louvável. Ou ainda, se uma personagem lésbica for a mocinha de uma narrativa, é inapropriado pois não se assemelha com a realidade. Vange diz: “Afinal estamos pedindo que nos mostre como somos”, mostrando o descontentamento dela e de parte do ativismo, representado ali pelo posicionamento de Luiz Mott.

A aceitação das identidades e expressão de gênero, de acordo com o que relata Vange na coluna, é atravessada pela estereotipação nas representações de gays e lésbicas, e isso se dá por haver o padrão do personagem “bichinhas quá-quá e sapatas caminhoneiras”. Vange não se posiciona contrária a representação de gay afeminados e extravagantes, nem de lésbicas masculinizadas, prevalecendo no texto é a insatisfação com apenas uma forma de representação:

Como se não bastasse, a teledramaturgia ainda conta com outra enorme dificuldade: como retratar gays e lésbicas de maneira justa, já que se trata de um grupo heterogêneo, que de comum têm apenas a orientação sexual? A solução, me parece, está em reforçar exatamente essa diversidade dentro do grupo e fugir, sempre que possível, de clichês e estereótipos. Infelizmente, é justamente aí que a televisão comete seu maior pecado (LEONEL, 1999, p. 49).

A foto de ilustração do texto são os atores Diogo Vilela, que interpreta Uálber, e Luiz Carlos Tourinho, o Edilberto. Na foto, Tourinho aparece abraçado com Vilela e veste uma blusa colorida, pulseira e um anel, com expressão corporal expressando feminilidade, enquanto Vilela veste uma camisa branca e feições sérias. Na novela, o personagem Uálber é um guru que atua como consultor espiritual e Edilberto, seu assistente. Ambos são homossexuais, mas o que sofreu violências foi o personagem afeminado. A legenda anuncia: “sucesso de audiência e polêmica entre homossexuais”.

O discurso de Vange interpela como a sociedade recebe a interpretação de identidades homossexuais e como a estereotipação dessas influi no que será aceito ou não. O texto é encerrado com a provocação para a mudança dessas narrativas, em uma comparação implícita entre a morte das personagens lésbicas da novela *Torre de Babel* (1998–1999) e morte de mulheres lésbicas por práticas homossexuais puníveis na fogueira ao longo da história (NAVARRO-SWAIN, 2004): “Afinal, esse negócio de queimar lésbicas em explosões e

fogueiras já está meio ultrapassado, não é mesmo?” (LEONEL, 1999, p. 49).

As diversas formas de tratar as identidades LGBT nesta seção, representa a diversidade da comunidade, a luta por visibilidade e a ausência de uma compreensão única sobre as individualidades de cada grupo que compõem essa coletividade. No ano de 2000, na coluna sobre os mandamentos lesbianos, Vange trouxe humor no seu ponto de vista do que seria lesbianidade. Na edição 22, ao tratar sobre o estigma sobre a mulher lésbica masculinizada e a invisibilidade lesbiana no movimento, é notado a incompatibilidade de espaços de mulheres no ativismo gay. Isso também é observado na edição 40, quando a temática é o avanço da ciência na redesignação sexual, quando termos inapropriados e pejorativos são usados pela colunista. Nesse ponto vemos que gays e lésbicas não incorporaram as pautas trans nos seus ativismos. A última edição analisada trouxe a representação homossexual na mídia, e confrontou quais identidades são socialmente aceitas para estarem nas televisões.

4.3 SOCIABILIDADES E DINÂMICAS COMPORTAMENTAIS LESBIANAS

No que toca ao substantivo “comportamento” utilizado nesta seção, englobamos as colunas selecionadas em que Vange traz à vista temáticas como relacionamentos amorosos, festas, consumo, artes ou esportes. São elas: edição 26, intitulada “À caça do celulóide secreto” (1997); edição 33, “Que seja eterno enquanto dure” (1998); edição 44, “Atletas de Safo com muita honra” (1999); edição 55, “Gomorra paulistana” (2000)¹¹.

A coluna da edição de 1997, número 26, é um paralelo evidente do que foi o crescente mercado segmentado LGBT na década de 1990, no que compete à indústria cinematográfica, e sobre a visibilidade e representação lésbica nesta indústria. Vange inicia o texto mencionando sua experiência, já na adolescência, na busca por filmes que compartilhassem no enredo as mesmas perspectivas de vivência lesbiana dela e da namorada. Assim, por falta de mais opções, as duas assistiram algumas vezes o filme *Julia* (1977), na expectativa das personagens principais beijarem-se, o que não aconteceu. De acordo Vange, o romance era sugerido nas entrelinhas e, por isso, tinha a certeza de que “elas se amavam bem mais que duas grandes amigas” (LEONEL, 1997, p. 56).

A partir da introdução com o relato de suas experiências, Vange faz um panorama do estado, ainda recente, do cinema lésbico e diz: “hoje em dia as locadoras de vídeo já oferecem

¹¹ Para visualização de todas as edições citadas, cf. anexo B

uma variedade considerável de filmes mostrando a homossexualidade feminina sob vários pontos de vista” (LEONEL, 1997, p. 56). Entretanto, a representação monotemática e subliminar é destacada pela colunista, ressaltando personagens com problemas em relação à homossexualidade, o que fazia destes filmes “dramalhões”, e o enredo de duas amigas muito próximas, que não são um casal declaradamente, mas que, nas entrelinhas, ficaria bastante sugerido. É deste modo que Vange se refere a um filme sucesso de bilheteria: “é o caso do belo e enrustido¹² *Tomates Verdes Fritos*” (LEONEL, 1997, p. 56).

Sobre o estereótipo que há sempre uma conjuntura dramática em torno das vivências e descobertas homossexuais, observamos no discurso de Vange uma ampla recorrência a respeito desse tipo de representação, mas as mudanças que foram acompanhadas pela colunista nas produções que surgiram a partir da década de 1990 são celebradas, já que com narrativas mais diversificadas, haveria também uma abrangência de perfis mulheres lésbicas apresentados nas nelas:

Mostrar uma mulher sem problemas com sua homossexualidade foi um alívio para nós, público, pois injetou um pouco de veracidade nas telas. Afinal, todas nós sabemos, a vida de uma lésbica não é só sofrimento. Mostrar mulheres dos mais variados tipos também tem enriquecido nossa filmografia sáfica (LEONEL, 1997, p. 56).

Além disso, outro ponto abordado por Vange é sobre a comum representação de lésbicas em que, nos finais dos filmes, “aparecia um homem que freudianamente” (LEONEL, 1997, p. 56) as tiravam das “opções” homossexuais em que se encontravam. A ideia de que a mulher tem sua orientação sexual voltada aos homens é histórica e fruto de um sistema social patriarcal e machista em que a heterossexualidade é uma forma de manifestação de poder masculino (RICH, 2010), e assim, de acordo Vange, o homem salvaria a mulher dessa situação temporária a que foi submetida causada pela adolescência.

Vange explica que, até a década de 1980, no Brasil, as produções lésbicas não chegavam com tanta facilidade, então eram em mostras de filmes gays e lésbicos que surgia a oportunidade de se atualizar com o que estava acontecendo na indústria cinematográfica estrangeira, além de ser o momento de sociabilidade com pessoas da comunidade. Mas, a partir do aparecimento e consolidação do mercado segmentado na primeira metade da década de 1990 (FACCHINI, 2003), houve um estímulo nas produções de filmes sobre a temática: “O crescimento do mercado consumidor gay e a maior visibilidade das pessoas que ousam dizer o

¹² Enrustido é um adjetivo informal brasileiro que é o mesmo que: dissimulado, escondido, oculto.

nome do amor que praticam, favorecem o surgimento de filmes mais interessantes abordando a homossexualidade” (LEONEL, 1997, p. 56).

De acordo com Facchini (2003), é durante os anos de 1990 que ocorrem uma incorporação mais sistemática da comunidade LGBT no mercado, com o surgimento de vários bares, clubes, boates, assim como revistas, jornais, livrarias, editoras, agências de turismo, de namoro etc especificamente orientados para o público homossexual. Então, em razão disso, houve a metamorfose, identificada por Vange, nos enredos, produções e distribuições de filmes LGBTs.

Sobre visibilidade lésbica no cinema, outro ponto levantado no texto foi o fato de que houve um aumento, também, no número de mulheres lésbicas produzindo filmes sobre a temática: “Por trás das telas também, cineastas lésbicas começam a fazer filmes e nos retratar de maneira muito mais realista, certamente por conhecerem a fundo” (LEONEL, 1997, p. 56). Produções estas que retratavam atos sexuais mais verídicos, casais felizes e mulheres livres e contentes. Vange encerra o texto com uma observação irônica sobre os retratos feitos nos filmes, em que lésbicas usariam unhas grandes, e isso não é condizente, na maioria das vezes, com a realidade, pois, de acordo Vange, “Frango e mulheres comem-se com as mãos” (p. 56).

Na edição 33 da revista, a coluna é intitulada “Que seja eterno enquanto dure” (1998). Um texto escrito quase que completo em terceira pessoa, de forma a narrar a história de várias mulheres lésbicas em seus relacionamentos, socializações, conflitos amorosos e sobre uma dinâmica, já apresentada por Vange na coluna “Dez mandamentos lesbianos” (ed. nº51, 2000), analisa na seção anterior, que é a de haver trocas de parceiras no interior de grupo de lésbicas, uma espécie de corrente de relações em que lésbicas ficam umas com as outras. Hoje em dia, a prática é popularmente conhecida como “rebuceteio”.

Assim, são narradas as histórias de “Gertrude Stein e Alice Toklas, Romaine Brooks e Natalie Barney e Dolly Wilde, Ma Rainey e Bessie Smith, Djuna Barnes e Thelma Wood e Edna St. Vincent-Millay, Greta Garbo e Mercedes de Acosta e Marlene Dietrich, Martina Navratilova e Judy Nelson” (LEONEL, 1998, p. 54), mulheres que formavam um grupo social lésbico de artistas, escritoras, atrizes, em que o amor e o troca-troca de parceiras eram recorrentes.

Vange faz uma analogia deste contexto com a ilha grega de Lesbos, local de nascimento de Safo, considerada a primeira poetiza lésbica: “Mas querendo reconstruir uma Lesbos em plena Paris do começo do século, Natalie se encanta pelas moças e namora quase

todas, para desespero de Romaine, sua namorada mais constante” (LEONEL, 1998, p. 54). Em Lesbos, de acordo Mott (1987), Safo dividia sua vida sexual e afetiva com outras mulheres da ilha, reforçando a ideia de que haveria uma rede de relacionamentos entre as lésbicas. E assim, o nome da ilha tornou-se sinônimo da homossexualidade feminina.

É apenas no final do texto que as contribuições irônicas de Vange aparecem com mais evidência, quando a colunista opta por usar desse recurso para ressaltar as atribulações dos relacionamentos mencionados: “Ah, o amor! Como diria o poeta, que seja eterno enquanto dure... Porque depois que acaba, podem esperar pela tempestade” (LEONEL, 1998, p. 54). Assim se deu também o título do texto. Alguns amores por vezes fugazes, outros duradouros, mas, de acordo Vange, tumultuados quando chegam ao fim.

As mulheres lésbicas carregam o estereótipo de tornarem os relacionamentos dramas intensos e, ainda, de não saberem lidar com os términos, gerando assim confusões e “tempestades”. Podemos acompanhar isso nesta coluna, assim como naquela da edição 51, “Dez mandamentos lesbianos” (2000), reflexo da reprodução machista em que se acredita que as mulheres são seres emocionais e a ausência de racionalidade as tornariam históricas incontroláveis. Mas como retratar grupos que, por vezes, reproduzem alguns padrões sem que haja uma estereotipização? De acordo Hall (2006), a representação de algumas características de forma simplificadas e generalistas são, irremediavelmente, estereotipadas. De acordo com Beauvoir “todo ser humano concreto sempre se situa de um modo singular” (Beauvoir, 1949, p. 17), ainda que haja uma identificação coletiva por fazer de um grupo, a reprodução repetitiva de marcadores desses sujeitos reforça a construção da imagem estereotipada da mulher (BEAUVOIR, 1949), neste caso, da mulher lésbica.

A coluna é encerrada com uma síntese de todos os relacionamentos citados ao longo do texto: “Paixões, infidelidade, triângulos amorosos, inspiração para poemas, romances, começos febris, finais tristes, algumas amizades eternas, casamentos estáveis, e outros que são uma montanha russa” (LEONEL, 1998, p. 54). E conclui que, por essência, os relacionamentos lésbicos têm o fascinante postulado do extraordinário: “São tantas as cenas e tão triviais que ousa dizer que o amor entre mulheres é tão comum quanto extraordinário”.

A coluna de 1999 intitulada “Atletas de safo com muita honra”, edição nº 44, é um texto que aborda a visibilidade lésbica e a lesbofobia nos esportes daquele período de publicação da revista, sobretudo, no tênis. O texto inicia apresentando uma atleta de 19 anos que estava em destaque, movimentando a arena de debate em torno da homossexualidade

feminina. A francesa Amelie Mauresmo chamava a atenção da mídia, inicialmente, por ter eliminado, uma a uma, suas adversárias no torneio de Aberto da Austrália, “graças a seu jogo agressivo e sua direita forte” (LEONEL, 1999, p. 51).

Vange explica a agitação que houve acerca da sexualidade da atleta: em uma entrevista para imprensa, Amelie disse que preferia que, ao se referirem à moça que a acompanhava em todos os jogos, não a chamassem de “amiga”, mas de “namorada”. “Se ela fosse cantora talvez não provocasse tanta surpresa, mas no meio esportivo essa é uma atitude rara” (LEONEL, 1999, p. 51). Com essa frase, Vange ilustra bem como no meio esportivo, o preconceito e invisibilidade lésbica eram latentes. Entretanto, a década é 1990 e este é momento em que os movimentos LGBTs voltavam a florescer, formando uma nova geração de militantes, elaborando novas formas de atuar (SIMÕES; FACCHINI, 2009): “Mas Amelie é jovem e vive numa época onde orgulho e visibilidade são palavras-chave para quem quer viver sua homossexualidade de maneira descomplicada” (LEONEL, 1999, p. 51).

Ainda que houvesse resistência por parte de grupos organizados, ou mesmo de pessoas politizadas em “revelar” sua homossexualidade, no discurso de Vange identificamos que aquilo que vem de fora, às vezes, atinge. Amelie passou por situações em que sua sexualidade foi colocada em questão, quando o assunto deveria ser apenas a sua atuação dentro das quadras. Foi assim nesse mesmo torneio na Austrália onde duas de suas adversárias, ao falar sobre Amelie, referiram-se a ela como “meio-homem”:

Todo esse episódio ilustra um equívoco básico, decorrente da falta de informação. Ainda acreditam que lésbicas são masculinizadas. E no esporte, esse problema é muito maior, pois quando uma tenista afirma que a adversária é mais forte por ser lésbica, insinua - erroneamente - que ela deve ter taxa excessiva de hormônios masculinos, o que tornaria a competição injusta (LEONEL, 1999, p. 51).

Em outra coluna, analisada na seção anterior, a edição 22, intitulada “Estilo provoca terremoto” (1997), Vange discorre sobre a invisibilidade lésbica e sobre o preconceito em torno das lesbianas mais masculinizadas. Entretanto, o que trata este texto não é sobre a expressão de gênero (DE JESUS, 2012), mas sim sobre lesbofobia, no meio esportivo que relaciona, neste caso, a mulher lésbica à figura do homem e isso vai além de uma performatividade da masculinidade¹³. O que ocorreu na utilização do termo “meio-homem” é a associação de uma mulher lésbica à estrutura biológica de um homem, o que, como afirma

¹³ Lacombe (2007) explica que há mulheres que se relacionam com outras mulheres que incorporam comportamentos tidos como exclusivos dos homens, assim é necessário desconsiderar a masculinidade como incindível da estrutura biológica do homem e entender que a masculinidade é um fator “que se constrói performática e socialmente” (p. 215).

Vange, é inautêntico e incorreto para a vida de atletas que participam de torneios e campeonatos femininos.

O que aconteceu após a declaração preconceituosa foi que a Associação de Tenistas Profissionais exigiu que as atletas fossem à imprensa fazer uma retratação, o que foi feito, mesmo a contragosto. Mas Vange volta à década anterior para rememorar que este não foi um problema recente, mostrando que o *outing* no meio esportivo era uma prática malvista:

Embora a atitude da ATP tenha sido impecável, as coisas bem sempre foram assim. Na metade dos anos 80, a tenista Hana Mandlikova sugeriu publicamente que Martina Navratilova - que acabara de fazer seu 'outing' - deveria jogar o torneio masculino. Alguns anos mais tarde, Margaret Court, campeã veterana e membro da Associação de Mulheres Tenistas, declarou que Navratilova estava dando um péssimo exemplo depois que ela, ao ganhar um torneio, correu para beijar a sua namorada (LEONEL, 1999, p. 51).

Vange demonstra sarcasticamente uma outra imagem que se tem das mulheres lésbicas, ao citar a declaração de duas atletas que declararam ter “medo de ficar nua no vestiário na frente de tantas tenistas sapatas” (LEONEL, 1999, p. 51). Ironizando esta situação, a colunista fala sobre a errônea ideia de que a mulher lésbica é uma “predador” a busca de uma “moça inofensiva” para atacar. A coluna encerra-se apontando que por estes percalços, existe uma tentativa de expressão mais afeminada de atletas para, de certa forma, amenizar os preconceitos sofridos no meio esportivo. Vange lamenta esta situação, mas expressa a admiração pela jovem tenista Amelie por se mostrar resistente e não demonstrar ter medo dos conflitos, da lesbofobia nem da sua força física.

A edição 55 da revista *Sui Generis* trouxe na coluna *Grrrls* a aventura lesbiana nas noites de São Paulo, vivenciada por Vange Leonel na década 1980, intitulada como “Gomorra paulistana” (2000). A temporalidade em que a coluna é narrada é anterior ao aumento do mercado segmentado LGBT, portanto, não corresponde ao período em que a *Sui Generis* (1995-2000) esteve disponível nas bancas de revista. Apesar disso, o texto relata como era a forma de socialização de uma adolescente lésbica em bares para este mesmo público, e a relação junto ao seu grupo de amigas. As referências das construções narrativas utilizadas pela colunista nem sempre correspondem à contemporaneidade das publicações da coluna, entretanto, traz relevantes contextualizações sobre a trajetória LGBT ao longo da história.

No discurso, observa-se o posicionamento político de Vange como membro do Grupo Lébico-Feminista, já no referido ano de 1980: “Nós, ativistas e festivas, tentávamos convencê-las de que ‘entendida’ era um termo bobo e enrustido - é muito mais bacana,

dizíamos, ser ‘lésbica’. Bastava pronunciar a palavra mágica para as fanchas ficarem mal-humoradas” (LEONEL, 2000, p. 44). Nesse momento, Vange aponta o mesmo que Lacombe (2007), a resistência de mulheres lésbicas em se autorreferir como “lésbicas”, e a utilização desse termo ficar por conta das lesbianas ativistas. Identificamos também a utilização do termo “fancha”, utilizado no linguajar LGBT, principalmente na década 1990, para ironizar a não utilização da palavra “lésbica”.

Outro ponto que se destaca no texto é a variedade de locais de sociabilidade para as mulheres lésbicas no centro da cidade de São Paulo: “localizava-se no Centro de São Paulo: uma série de sete redutos para lésbicas que ficava num triângulo entre a Praça da República, a Rua Santo Antônio e a Avenida da Consolação”(LEONEL, 2000, p. 44), o que mostra uma dissonância com o que é apontado por algumas autoras como França (2006) e Facchini (2003) de que até a década de 1990, os grupos LGBTs estavam nos “guetos”, e só a partir dessa década ganham fortemente um espaço no mercado. Deixamos em destaque aqui que a região com sete espaços para o público lésbicos, pode ser uma exceção dentro do contexto nacional de 1980, mas também levamos em consideração a bibliografia utilizada neste trabalho onde foi apresentado uma escassez de ambientes segmentado, o que não condiz com o que Vange apresenta nesta coluna.

Apresentada em outra publicação da coluna, analisada na seção anterior, edição 22, em 1997, a questão da dicotomia “*lady* e sapatão” revela o comportamento performativo de algumas lésbicas guiados pelos papéis de gênero heteronormativos. Entretanto, nesta coluna, a performatividade não é apresentada apenas nas vestimentas mais afeminadas ou mais masculinizadas, os modos comportamentais dessas mulheres seguem a reprodução da atuação social do papel de gênero, em que a díade homem e mulher apresenta-se quando Vange fala das “*ladies*” ficarem em casa na quinta e sexta enquanto as “sapatões” iam para o bar “para caçar”:

A segunda estação da nossa paixão gomorrana era um bar chamado Canapé e Poesia, com uma pequena pista no subsolo. Ele era frequentado por casais tipo Lady & Sapatão, mas as ‘maridas’ só compareciam com suas mulheres no sábado. Na quinta e na sexta, as fanchas iam sozinhas, para caçar. É claro que, sendo sapatonas, elas só se interessavam por ladies, sandálias e uma ou outra hetero desavisada que caía de pára-quedas (LEONEL, 2000, p. 44)

Vange encerra o texto refletindo sobre o companheirismo presente naquele grupo de amigas lesbianas, que mesmo ao final de uma noite em que conseguissem a companhia de outra dama, teriam sempre uma a outra, num gesto de demonstração de uma sororidade

feminina-lesbiana. Esta foi a última coluna na última edição da revista *Sui Generis*. Encerrada de maneira a não se despedir das leitoras, mas com uma divertida história das aventuras “sapatônicas” de Vange Leonel nas noites paulistanas da década de 1980.

Neste eixo, em que analisamos a temática "comportamento" apresentada na coluna *Grrrls*, ao tratar sobre relacionamentos amorosos, festas, consumo, artes e esportes, discorreu sobre as dinâmicas de sociabilidade em diferentes áreas e de diferentes perspectivas das vivências lesbianas. Na primeira coluna analisada na seção, a edição 26, Vange nos apresentou a crescente aparição lesbiana no cinema em decorrência do fortalecimento do mercado segmentado LGBT, emergente daquela década. Já na coluna “Que seja eterno enquanto dure” (1998), é feita uma narração sobre os relacionamentos amorosos de um grupo lésbico na década de 1920. A edição 44 em 1999, tratou sobre a visibilidade lésbica e lesbofobia no esporte. E na última coluna *Grrrls* na última edição da revista, a nº 55, analisamos o panorama feito por Vange sobre as noitadas lesbianas na sua juventude, na cidade de São Paulo.

4.4 POLÍTICAS DE VISIBILIDADE LGBT

Nesta seção, é discorrido sobre as colunas que trazem em sua temática o *outing*, ativismo, visibilidade midiática e história lésbica/homossexual/lgbt, nomeando este eixo de “Lesbianidades e políticas de visibilidade”. Assim, as colunas selecionadas para comporem esta categoria da análise são: a edição 29, intitulada “Feliz Natal, Natalie Barney!” (1997); a coluna “Quem tem medo de Virginia Woolf?”, na edição 34 (1998); “Muito além da alcova” edição 47 (1999); “A arte do disfarce: parte II” edição 53 (2000)¹⁴.

A edição de 1997, número 29, é uma homenagem póstuma à poeta Natalie Barney. Além de discorrer sobre a vida de Natalie que, até então, segundo Vange, não havia sido revelada com precisão, até o livro de biografia antológica *Paris Was a Woman* (1995) de Andrea Weiss, faz uma homenagem ao grupo de mulheres ligadas à arte que engendrava o círculo de amigas da poeta, e na Paris da década de 1920, formava uma rede de apoio e resistência lésbica.

O texto inicia-se descrevendo Natalie Barney a partir de suas características físicas e enquanto sua competência de escritora, aqui, é possível observar um tom terno na escrita de Vange, afetuosidade que é estendida ao longo do texto. Vange diz: “E como uma Lesbos

¹⁴ Para visualização de todas as edições citadas, cf. anexo C.

reinventada, os salões de Natalie Barney também ficaram conhecidos por ser o acontecimento mais excitante para todas as mulheres que literalmente e fisicamente amavam-se umas às outras” (LEONEL, 1997, p. 56). O discurso neste texto assume um tom diferente das colunas analisadas nesse trabalho até o momento, em que Vange ressalta o amor e resistência de mulheres lésbicas, e de como essa rede fazia dessas relações um ato político.

Ao citar a colaboração artística, psicológica e até mesmo financeira que surgiu desse grupo de amigas, Vange sinaliza a firmeza dessa relação, que na década de 1920, destoava da realidade social, como “uma grande família” (LEONEL, 1997, p. 56). Características apontadas pela colunista como ainda vigentes na comunidade LGBT na década contemporânea ao texto:

Algumas bissexuais como Colette, tinha marido e crianças. Mas em geral eram mulheres apartadas das famílias e sem filhos, que encontravam nessa pequena Lesbos o apoio afetuoso que lhes faltavam. Apoio que não se procura apenas na relação a dois. Apoio e afeto que, vindo de um pequeno núcleo social, são importantíssimos como um sinal de que não somos proibidos de expressar amor e afeto socialmente (LEONEL, 1997, p. 56).

Quando Vange afirma “Mas claro que não era um paraíso. Como em qualquer grupo, pipocavam pequenas intrigas e desconfianças”, e mais adiante refuta, “Mas tudo isso é café pequeno comparado ao suporte emocional que davam umas às outras”, observamos aqui uma espécie de asserção reparativa das imagens apontadas, inclusive, em outras edições da coluna, da gerência conflituosa nas relações lésbicas. Nesta edição, com um texto mais descritivo e aparentemente mais celebrativo, o enfoque discursivo de Vange é a união lesbiana em torno do bem-estar desta comunidade, o que conhecemos hoje como “sororidade”, conceito este que, em suma, preza pela união das mulheres: “O que podemos aproveitar deste histórico lésbico que nos está sendo revelado é que se nos juntarmos e nos oferecermos apoio, nossas chances de sucesso em uma sociedade chauvinista serão maiores” (LEONEL, 1997, p. 56).

Quase no final do texto, Vange discorre sobre o atraso em ser apresentado com “mais clareza e menos pudor” (LEONEL, 1997, p. 56) a vida de Natalie. Nota-se, aqui, uma crítica à invisibilidade e apagamento da existência lésbica ao longo da história. Apagamento esse que, de acordo Navarro-Swain (2004), abstrai a mulheres lésbica dos próprios discursos sociais, acreditando também que amor e sexo entre duas mulheres é potencial perigo de perda de poder, já que em uma sociedade patriarcal, o poder é regulado na prática heteronormativa.

O texto é encerrado de modo a enfatizar toda a narrativa trazida sobre a importância de uma rede de apoio com suas iguais. Sobre a potencialidade da união lésbica no apoio

emocional e psicológico desse grupo, das insignificâncias que os conflitos relevam se comparado a estruturação, quase que familiar, de um grupo consciente de como a sociedade as vê e as tratam. E faz um convite para as lesbianas fortalecerem a sua rede de apoio, como uma forma também de resistência política: “E você? Já encontrou sua pequena Lesbos?” (LEONEL, 1997, p. 56).

O tema principal tratado na coluna *Grrrls* na edição 34, no ano de 1998, é sobre *outing*, indo ao encontro da política editorial da revista *Sui Generis*, que tinha como base a questão da “saída do armário”. Nessa coluna, intitulada “Muito além da alcova”, Vange corrobora a política editorial da revista, com argumentos e afirmações de tom politizado, posicionando-se com veemência em relação *outing* também social, no que concerne a ocupação de espaços públicos e sociais como homossexual, para que a sexualidade não fique restrita a ambientes exclusivamente de sociabilidade LGBT.

O texto inicia-se com o que Vange diz ser a argumentação usada por gays e lésbicas que não querem sair do armário: “Eu mesma não saio por aí falando que prefiro 69, *fist fucking* ou *strip-tease* para me excitar durante as preliminares. Mas mesmo que eu não revele meu segredo de alcova, nada impede que eu deixe claro que gosto de namorar garotas” (LEONEL, 1998, p. 58). E é a partir dessa argumentação, tida como um reforço simbólico da estereotipização em torno de pessoas homossexuais, referindo-se a associação à promiscuidade de gays e lésbicas, que Vange desenvolve a tese dela sobre o “enclausuramento” das sexualidades que fogem do heteronormativo, por estímulo da sociedade patriarcal e preconceituosa.

Sobre a correlação entre homossexualidade e relacionamentos puramente sexuais, trata-se de um estigma que Vange aborda ao longo do texto: “Insistindo na tese de que a homossexualidade é uma questão de foro íntimo, reforça-se mais um preconceito: o de que gays e lésbicas só pensam em sexo, cama, orgasmos e suspiros” (LEONEL, p. 58). Com esta argumentação, faz-se o convite à “saída do armário” para espaços sociais: “Pois saibam que essa é mais uma das manobras silenciosamente orquestradas pelo patriarcado para privar gays e lésbicas de um poder extraordinário: o de expressar socialmente o seu amor” (LEONEL, 1998, p. 58).

A partir disso, observa-se a construção politizada do texto de Vange associada a um posicionamento crítico em torno dos homossexuais que preferem manter a sexualidade em ambientes íntimos ou em espaços restritos a este público. Acreditamos que as vivências de

Vange em grupos organizados politicamente como no grupo Lésbico Feminista, favoreceu sua visão sobre as estruturas e dinâmicas sociais como algo fomentador do afastamento de gays e lésbicas de espaços públicos. Entretanto, a imposição da ocupação desses espaços pelos homossexuais mostra uma tentativa semelhante à coação ao *outing*, de maneira a transparecer que o LGBT que não se posiciona publicamente é acometido por uma falha enquanto sujeito político. Vale salientar que, de acordo com Feitosa (2014), a influência da “imprensa gay” norte-americana é fortemente assinalada na personalidade editorial da revista, e um dos pilares dessa imprensa é “marcada, entre outros temas, pela política de ‘tirar’ personalidades do ‘armário’” (FEITOSA, 2014, p. 123).

Ao se referir sobre o mercado segmentado como bares, a colunista questiona: “Isso não soa um pouco como um *apartheid*¹⁵?” (LEONEL, 1998, p. 58), e mais adiante torna a fazer a comparação com questões raciais de separação entre negros e brancos: “Não parece também como nos Estados Unidos dos anos 50, quando os negros tinham que se sentar na parte de trás dos ônibus para não se misturar com a população branca?” (LEONEL, 1998, p. 58). A reafirmação comparativa de segregação racial ao de grupo de pessoas gays e lésbicas dá um tom favorável à política do *outing* apresentado na coluna. Entretanto, este também é amenizado ao ser pontuado a significância de se colocar nos espaços públicos:

Você pode achar que passa a vida numa boa sem beijar sua queridona no shopping, mas isso é sim segregação. A ocupação de espaços públicos é importantíssimo para qualquer pessoa. É em público que encontramos outros cidadãos que compõem nossa sociedade, e se queremos fazer qualquer coisa na vida que não seja nas quatro paredes do nosso quarto, é nosso espaço público que vamos trabalhar para melhorar, entreter e melhorar o mundo à nossa volta (LEONEL, 1998, p. 58).

No que tange ao termo “amor” utilizado ao longo do texto, assim como no último parágrafo, identifica-se uma forma de buscar um compadecimento social por se tratar de um dos sentimentos mais famosos e aceito mundialmente, para assim, poder expressar que homossexuais não “pensam só em sexo”, mas que a relação entre pessoas do mesmo também podem ser também “uma mola propulsora” (LEONEL, 1998, p. 58) de transformação do mundo. O encerramento da coluna tem um efeito “manifesto” pela natureza persuasiva, objetivando alertar a relevância política do posicionamento de lésbicas e gays “Muito além da alcova”, como declara o título da coluna:

Não se esqueça nunca que a manifestação do seu amor é uma das coisas mais divinas e poderosas que podemos usar. Não exercite apenas no quarto, em casa, nos bares e no gueto. Não deixe sua expressão amorosa morrer na praia, no trabalho ou

¹⁵ Apartheid foi a segregação das populações negra e branca, veiculada pela política oficial que ocorreu na África do Sul, de 1948 a 1994.

na sala de jantar da sua família. Expresse seu homoerotismo e seja feliz. O mundo agradece (LEONEL, 1998, p. 58).

Na coluna intitulada “Quem tem medo de Virginia Woolf?”, edição 47, ano de 1999, traz um texto que, para além abordar conceitos centrais na obra de Virginia como princípio norteador da discussão apresentada, faz indagações do modelo de sociedade e sobre o ativismo LGBT no período da publicação da revista. A escrita de Vange nesta coluna é preenchida por hipóteses e provocações apresentadas em formato de indagações.

No início do texto, o primeiro ponto indicado é a teoria de Wolf sobre as pessoas excluídas e marginalizadas serem as mais capacitadas e credenciadas a fazerem uma crítica sobre o modelo de sociedade. A partir deste ponto, Vange alimenta a ideia de que existem pessoas que vivem à margem, mas que apreciam este fato como uma “benção”, pois assim não estariam integradas ao que Vange chama de “sociedade hipócrita, doente, careta e sem graça” (LEONEL, 1999, p.49). Este grupo estaria em busca da transgressão, entretanto, haveria outro grupo, também de marginalizado, que a luta na verdade seria para se integrar a este modelo de sociedade:

Outros, no entanto, se recusam a aceitar essa condição de excluídos e lutam para integrar a sociedade - como os ativistas, no caso homossexuais, que procuram batalhar pelos direitos civis de gays e lésbicas. Diferentemente do grupo anterior, que romantiza sua exclusão, este grupo não se conforma com a situação de ter que viver à margem e considera a verdadeira transgressão discutir com a sociedade e exigir sua inclusão (LEONEL, 1999, p. 49).

Nos deparamos aqui com uma díade de grupos marginalizados transgressores: “Os que fazem questão de permanecer à margem ou os que não se conformam com isso” (LEONEL, 1999, p.49). Ainda apoiando-se na tese de Wolf, Vange explica que nessa díade não há nada de revolucionário de estar fora da sociedade, se não fizer uma crítica a esta. Da mesma forma que não tem validade fazer a crítica sem poder mexer nas estruturas. Nesse discurso, há um intuito político de validar a necessidade geral de mudança dos padrões estruturais existentes na sociedade. E para reafirmar o elóquio, outra obra e outra tese de Wolf é apresentada, agora sobre a emancipação feminina. Nesta teoria, o que preciso pensar é em um novo modelo de sociedade, uma que não excluísse milhares de pessoas.

O discurso de Vange, que dialoga com teorias socialistas e feministas, traz importantes discussões sobre os modelos de sociedade excludentes. Entretanto, ao debater sobre grupos marginalizados e minoritários, e a integralização destes na sociedade, observa-se uma simplificação da realidade ao tratar sobre a temática. O fato é que pode ser que existam

peessoas que não fazem questão de estarem envolvidos e pertencentes às estruturas da nossa sociedade moderna, entretanto, o contexto de pessoas marginalizadas é mais complexo do que uma busca por transgressão. Ao longo da história é acompanhado os vários tipos de violência, descaso e invisibilização de grupos como os citados pela colunista: “podres, negros, índios, mulheres (pois ainda ganham 60% do salário de um homem na mesma função), drogados, loucos, idosos, deficientes físicos e homossexuais, entre outros” (LEONEL, 1999, p.49). Entretanto, a ideia de estar à margem e a partir fazer uma crítica para mudar o modelo de sociedade é reafirmado no texto:

É essa a chave para entender esse conflito entre ficar de fora ou integrar-se à sociedade. Só vale a pena se o fizermos no sentido de interferir nessa mesma sociedade. Precisamos aproveitar o fato de estar de fora, de termos uma visão crítica para apontar alguns caminhos que libertem homens e mulheres dos grilhões do falso moralismo (LEONEL, 1999, p. 49).

Entende-se que o discurso principal de Vange é sobre o modelo ineficiente e excludente da sociedade e as possibilidades de mudá-la, de acordo com as teses de Virginia Woolf. Mas salientamos, em contraponto, que a reprodução dos discursos sobre os grupos marginalizados, não tão menos destacados no texto, é insuficiente para tratar as especificidades e violências desses grupos.

O que destacamos no final do texto é o uso do termo “homossexual”, quando Vange diz: “como homossexuais, nosso papel revolucionário é mostrar como são fluidas a sexualidade e as fronteiras entre gênero masculino e feminino” (LEONEL, 1999, p.49). Observamos que, ao longo das edições das colunas, Vange faz o uso de terminologia identitária de acordo a conjunção textual. No uso do termo “lésbica”, há discurso ativista e de visibilidade, e sempre que necessário a autoreferencia enquanto grupo ou sujeito, Vange utiliza o termo “lésbica”. Entretanto, quando é colocado “nós, como homossexuais”, existimos uma dinâmica diferente do que nomear os grupos de mulheres que se relacionam com outras mulheres de “homossexuais femininas”, termo que até o momento não foi encontrado no discurso de Vange. Aqui, a colunista se compreende enquanto comunidade de gays e lésbicas, e o uso do termo “homossexuais” é associado também ao contexto histórico que até o ano 1993 chamava o grupo de ativistas e encontros LGBTs de Encontro Brasileiro de Homossexuais (FERNANDES, 2018).

Na edição 53, no ano de 2000, Vange faz a parte dois de um texto iniciado na coluna anterior. Intitulado “A arte do disfarce: parte II”, a colunista trata de descrever os artifícios

utilizados na produção da série norte-americana “Xena, a princesa guerreira” (1995-2001), para ocultar a lesbianidade das personagens principais na série televisiva. Se, por um lado, Vange faz uma crítica à invisibilização do romance entre as personagens Xena e Gabrielle, principalmente no diz respeito exibição da série no Brasil, por outro lado é lembrado que, graças a utilização das entrelinhas no quesito relacionamento amoroso, a série foi bem aceita pelo público e pode render seis temporadas.

No início do texto, Vange explica que a ideia de as personagens formarem um casal surgiu de uma brincadeira entre as atrizes que as interpretavam, a partir do sucesso delas entre o público lésbico. A partir disso, os roteiristas aderiram à ideia e, assim, inicia-se o romance oculto entre Xena e Gabrielle. Vange descreve o momento em que a série a incorpora e os subtextos começam a surgir: “No primeiro episódio quase explícito - *Altered States* -, uma cena panorâmica mostra as roupas de Xena e Gabrielle espalhadas e a protagonista, em off, dizendo: ‘Vamos, Gabrielle, faça de novo, é tão bom...’” (LEONEL, 2000, p.24). O que Vange chama de “quase explícito”, depois revela-se como uma ironia, já quando a cena se aproxima das personagens e Gabrielle, na verdade, está ensinando sua amada a pescar, as duas nuas em um lago.

Na segunda temporada da série acontece o beijo entre as personagens, e diferente de outros episódios em que o beijo ocorreu na intervenção da respiração boca-a-boca, neste, de acordo Vange, aconteceu um “beijo apaixonado e sem truques”. É nesse momento, ao explicar que a cena não foi exibida no Brasil, que Vange faz sua crítica: “Pode-se argumentar que o horário de exibição, domingo de manhã, não permite cenas ‘fortes’. Mas o fato é que a série mostra, normalmente, cenas de lutas neste horário” (LEONEL, 2000, p.24). Este comparativo feito pela colunista, a princípio pode parecer exagerado, entretanto, quando se observa a invisibilização do grupo nos meios de comunicação, facilita a compreensão da aceitação da violência e a censura de uma cena onde duas mulheres se beijam.

O que acontece nessa representação é o mesmo que acompanhamos na coluna “À caça do celulóide secreto” (ed. 26, 1997), analisada na seção anterior: duas amigas muito próximas, que não formam um casal declaradamente, mas nas entrelinhas, é entendível que sim. E assim o “ser lésbica” é dirigido ao ilusório, onde apenas pessoas que vivenciam as orientações LGBTs seriam aptas a entender. No seriado de Xena, aconteceria o mesmo. Ainda que não fosse explicitamente um casal lésbico, o enredo da série corrobora com o imaginário lesbiano ao trazer, do que chama Vange, “soluções lésbicas” à trama:

O fato é que o subtexto predomina em Xena. Mesmo quando os produtores enfrentam algum problema extra filmagens, as soluções são sempre imaginativamente lésbicas. Para justificar a gravidez da personagem, que não tem nenhum namorado, os roteiristas decidiram que Xena engravidará de um anjo (tipo virgem Maria). Para completar, Xena dará a luz a uma menina, que, por ser fruto de uma união celestial, crescerá rapidamente, a tempo de revelar a Xena e Gabrielle que ela foi feita da essência das duas. Que tal? Mais lésbico impossível (LEONEL, 2000, p.24).

Ainda que sob a influências do conservadorismo na dinâmica de ocultação da real orientação ou práticas homossexuais das personagens Xena e Gabrielle, Vange reconhece em seu discurso a importância da exibição da série na televisão aberta no Brasil. A década de 1990 é marcada pela volta do crescimento do ativismo LGBT, que havia sofrido impacto pela epidemia da aids da década anterior, e neste momento a luta também é por visibilidade (SIMÕES; FACCHINI, 2009). Desse modo, a colunista encerra a coluna dando mérito a produção e exibição da série:

A televisão jamais mostrou algo tão revolucionário nas suas matinês. Apesar de nada ser explícito, não há quem não perceba que a série é completamente lésbica. Numa época em que os movimentos gays valorizam a visibilidade, pode-se dizer que o programa faz uma concessão ao sistema, optando pelo lesbianismo sugerido. Mas que também graças aos subtextos a série sobrevive deliciando as fãs (LEONEL, 2000, p.24).

Nesta coluna, a representação estigmatizada e a invisibilidade reforçada pelas entrelinhas, são, em certo ponto, ofuscadas pelo entendimento da importância da exibição de personagens LGBTs nos meios de comunicação, mesmo que de forma implícita. Dessa forma, o que sobressai no texto é o desvendamento dos artifícios utilizados para a representação de Xena e sua companheira Gabrielle.

Este eixo analisou questões sobre *outing*, ativismo, visibilidade midiática e história LGBT, na perspectiva das problemáticas apontadas por Vange. Em “Feliz Natal, Natalie Barney!” (1997), o texto é um registro histórico sobre uma comunidade lésbica encabeçada por Natalie Barney, em Paris na década de 1920. Já em “Quem tem medo de Virginia Woolf?” (1998), além do registro histórico sobre a escritora Virginia Woolf, há uma problematização sobre grupos marginalizados e a sociedade, onde transgressão e luta pela mudança das estruturas da sociedade convergem no texto. “Muito além da alcova”, edição 47, é um discurso politizado que trata sobre *outing* e a importância, de acordo com Vange, da ocupação de espaços públicos pela comunidade LGBT. “A arte do disfarce: parte II”, tem como foco os artifícios de disfarce dos conteúdos lésbicos contidos na série televisiva “Xena, a princesa guerreira”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propormos identificar e analisar criticamente temáticas das lesbianidades, a partir dos textos da coluna *Grrrrls*, pretendíamos, além de fortalecer o debate acerca de quanto a mulher lésbica é posta à margem no campo dos estudos da mídia brasileira, compreender como a coluna, através de seus discursos, deu visibilidade a temáticas e pautas voltadas para a audiência projetada majoritariamente como de mulheres lésbicas. Observamos que a coluna escrita por Vange Leonel, apesar de trazer vigorosamente questões sobre as lesbianidades, não produzia conteúdo exclusivamente para o público lésbico. As temáticas levantadas na coluna, destinavam-se também para a audiência gay da revista. Pensamos isto uma vez que identificamos, em diversas colunas, a problematização de temas envolvidos na comunidade LGBT, mais fortemente direcionado a gays e lésbicas.

O fio condutor do presente trabalho foi abordar, numa perspectiva sócio-histórica, as lesbianidades e a comunidade LGBT, em suas interfaces com a mídia, o ativismo e a sociedade em geral. No nosso primeiro capítulo, discorremos sobre as lesbianidades ao longo da história, a lesbiana na mídia e sobre o movimento LGBT da década de 1990. Ao abordar as lesbianidades na história, vimos que no século VI da Grécia Antiga, a sexualidade não era heteronormativa e na ilha de Lesbos, habitou a primeira poeta que escreveu sobre o amor romântico entre mulheres. Entretanto, centenas de anos depois, no século XI, os livros da poeta Safo foram queimados pelo Papa Gregório VII. A partir disso, e com a ascensão do Ocidente cristão, foi possível acompanhar a demonização e, conseqüentemente, o apagamento da mulher lésbica e suas vivências. Observamos que isso se dá em razão de um sistema patriarcal, em que a heteronormatividade é um mecanismo auxiliar na manutenção desse sistema, fazendo das mulheres sujeitos subalternos, sendo esta hierarquia definida pelos valores morais e religiosos.

Já no século XX, na mídia, as mulheres lésbicas se organizaram na produção de materiais como folhetins e revistas, ocupando esses espaços para falar sobre suas pautas e demandas, tendo em vista que não haviam outros meios que as suas vozes pudessem ser ouvidas. Foi assim que, na década de 1980, mulheres do GALF passaram a produzir o *ChanaComchana* (1981-1987) um folhetim com conteúdos sobre o ativismo lésbico, identificado como o primeiro conteúdo da imprensalésbo-feminista no Brasil. Sobre as

representações lésbicas, principalmente na teledramaturgia brasileira, foi observado a pouquíssima presença desse grupo nesse meio, e as representações eram hegemonicamente normativas e estereotipadas.

No movimento LGBT da década 1990, a invisibilização das mulheres lésbicas não foi diferente. Havia uma busca por espaço para exposição de suas pautas no ativismo homossexual, entretanto, as mulheres lésbicas não ocuparam o protagonismo. Algo correlato também ocorria no movimento feminista. Muitas lésbicas integravam o movimento feminista brasileiro desde seu início. Contudo, o movimento resistiu a incorporar as questões das mulheres lésbicas em sua produção teórica e agenda política. A década de 1990 foi marcada também pela volta do fortalecimento do ativismo gay, ainda impactado pela epidemia da aids da década anterior, e esta atuação política dos homossexuais ao fazer frente à epidemia foi simultâneo à própria formação identitária desses indivíduos como homossexuais e à sua identificação de pertencimento ao grupo. Assim, uma das pautas recorrentes a esse período foi a reivindicação por direitos humanos e por visibilidades. Em paralelo à retomada do ativismo LGBT, estava o aumento do mercado segmentado para este público, tema abordado em nosso segundo capítulo.

Ao tratarmos do mercado segmentado gay emergente na década de 1990, apresentamos a revista *Sui Generis*, um dos exemplos da reverberação desse mercado que ocorre também na existência de meios de comunicação como revistas, jornais, além de livrarias e editoras segmentadas. O capítulo dois trouxe também a apresentação da coluna *Grrrrls*, assim como da colunista que a assinava, a cantora, multi instrumentista, compositora, escritora e ativista LGBT, Vange Leonel. Além disso, discorremos sobre o gênero jornalístico que compunha a coluna, o gênero opinativo, segundo as abordagens de Beltrão (1980) e Marques de Melo (2003), e ainda apresentamos a metodologia de análise do corpus que teve como base a Análise de Discurso Francesa.

Entendemos que a revista *Sui Generis* tinha como característica uma posição militante, mas não só. O ativismo explorado nas páginas das publicações era sobre visibilidade, orgulho e *outing*, isso tudo em meio a fotos de homens com pouca roupa, matérias sobre moda e comportamento para homens gays e anúncios de saunas e boates. A partir do segundo ano de circulação da revista, nasce a coluna *Grrrrls*, espaço que ocupava uma página em cada edição, trazendo textos de opinião com o objetivo de ser anti-sexista e valorizar as mulheres.

Um elemento de destaque é o papel central que Vange Leonel teve na construção discursiva da coluna, tendo em vista que os textos escritos refletem as vivências no ativismo e enquanto mulher lésbica da cantora. Vange utilizou-se de elementos característicos do gênero opinativo para falar sobre políticas, invisibilidade da mulher lésbica, comportamento e história. E isso é um dos pontos principais nas análises feitas no terceiro capítulo, sobre as 12 colunas analisadas: o posicionamento e colocações politizadas de Vange Leonel, principalmente sobre as lesbianidades, em um espaço majoritariamente feito por homens para uma audiência predominantemente masculina que era a revista *Sui Generis*.

Vimos, a partir das análises, que Vange utilizou-se do espaço na revista para expor sua opinião crítica, por vezes sarcástica e bem-humorada, em torno das sexualidades que fogem da heteronormativa. E, quando nos debruçamos nas temáticas das lesbianidades abordadas nas colunas, identificamos que, além de tratar sobre questões políticas em torno das mulheres lésbicas, Vange dedicava-se a relatar sobre as vivências, comportamento, história e sobre a participação (ou não) das mulheres lésbicas nos meios de comunicação. A partir disso, é possível compreender como a *Grrrls* deu visibilidade às mulheres lésbicas, não se ocupando apenas de discorrer sobre este grupo, mas enfatizando em seus discursos as pautas e demandas dessa audiência. Sobretudo, é inquestionável a consonância das tais pautas referidas nas colunas com questões emergentes no movimento, não só lésbico, mas LGBT da década de 1990.

Atualmente, a presença da mulher lésbica nos meios de comunicação continuam sendo um desafio, tanto na produção quanto representação e representatividade. E, apesar de hoje haver um periódico feito por e para mulheres lésbicas, isso ainda representa um espaço ínfimo. Encontramos ainda páginas nas redes sociais que fazem o trabalho de reunir e divulgar publicações, também científicas, feitas por mulheres lésbicas, demonstrando que mais uma vez a auto organização é a saída para que haja espaço de debate e visibilidade para as lésbicas. Nesse trabalho, podemos reiterar a importância do resgate histórico de mulheres que colaboraram para que as histórias e demandas das lésbicas não continuassem à margem. Vange Leonel desempenhou, de maneira divertida, única e valiosa, a construção narrativa sobre a lésbica na década de 1990. Por mérito de sua escrita, temos acesso a saber mais sobre momentos da história pouco divulgados e explorados, no que tange às sexualidades.

Um fato é que, ao chegarmos ao momento de encerrar este trabalho, não se configura como um momento de encerramento dos nossos estudos sobre a contribuição da

coluna *Grrrls* para a visibilidade lésbica e para os estudos da mídia brasileira. O caminho de construção da presente pesquisa corrobora o fortalecimento da ideia de que esta se insere no caminho da permanente construção da memória e do registro histórico sobre a imprensa LGBT no Brasil. Ao analisarmos textos a respeito das lesbianidades ao longo da história, a partir da imprensa gay do Brasil, assim como os discursos produzidos por Vange na coluna, outras inquietações emergiram. E é por isso que a trajetória da pesquisa sobre as contribuições das escritas da *Grrrls* faz necessária a posteriori, para que possa haver uma reparação ao que se entende como apagamento tanto das mulheres lésbicas na mídia assim como da coluna *Grrrls* nos estudos sobre a imprensa LGBT.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Carolina Maia de. **Entre armários e caixas postais:** escritas de si, correspondência e constituição de redes na imprensa lésbica brasileira. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à análise do discurso.** Campinas: Unicamp, 2009.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. Enunciação e construção do sentido. In: FIGARO, Roseli (org). **Comunicação e análise do discurso.** São Paulo: Contexto, p. 19-43, 2012.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo.** Porto Alegre: Editora Sulina, 1980.
- BORGES, Lenise Santana. Lesbianidade na TV: visibilidade e “apagamento” em telenovelas brasileiras. **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis.** Rio de Janeiro: Garamond, p. 363-384, 2007.
- BUITONI, Dulcília. Schroeder. Revista e segmentação: dividir para reunir. **A revista e seu jornalismo.** Porto Alegre: Penso, p. 107 -118, 2013
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso.** São Paulo: Contexto, 2014.
- CLARKE, Cheryl. El lesbianismo, un acto de resistencia. **Moraga, Ch. y Castillo, A., Esta puente, mi espalda, ism press, San Francisco,** p. 99-108, 1988.
- COSTA, Ana Alice et al. Uma conversa franca com MH/Sam Bourcier sobre correntes feministas e queer na contemporaneidade. **Revista Feminismos,** Salvador, v. 2, n. 2/3, p. 28-59, 2015.
- DE CASTRO, Ana Lúcia. **Culto ao corpo e sociedade:** mídia, estilos de vida e cultura de consumo. Annablume, 2003.
- DE JESUS, Jaqueline Gomes. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. **Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião,** 2012.

_____. Travessia: caminhos da população trans na história. In: GREEN, James N; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (orgs). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, p. 379-392, 2018.

FACCHINI, Regina. Entre compassos e descompassos: um olhar para o "campo" e para a "arena" do movimento LGBT brasileiro. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 3, n. 04, 2009.

_____. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cadernos AEL**, 2003.

_____. **Sopa de letrinhas**: movimento homossexual e a produção de identidades coletivas nos anos 90. Ed. Garamond, Rio de Janeiro, 2012.

_____; FRANÇA, Isadora Lins; BRAZ, Camilo. Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado: olhares antropológicos contemporâneos. **cadernos pagu**, n. 42, p. 99-140, 2014.

FEITOSA, Ricardo Augusto de Sabóia. **Linhas e entrelinhas**: homossexualidades, categorias e políticas sexuais e de gênero nos discursos da imprensa gay brasileira. Tese (Doutorado em Sociologia) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, p. 275, 2014.

FERNANDES, Marisa. Ações lésbicas. In: GREEN, James N; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (orgs). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, p. 91-120, 2018.

FRANÇA, Isadora Lins. **Cercas e pontes**: o movimento LGBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LACOMBE, Andrea. De entendidas e sapatonas: socializações lésbicas e masculinidades em um bar do Rio de Janeiro. **cadernos pagu**, n. 28, p. 207-225, 2007.

LAHNI, Cláudia Regina; AUAD, Daniela. Não é mole não, ser feminista, professora e sapatão: Apontamentos de uma história a partir do espaço das lésbicas e da lesbianidade na produção de conhecimento sobre mídia. **Anos 90**, v. 26, p. 1-18, 2019.

LEONEL, Vange. A arte do disfarce: parte 2. **Sui Generis**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 53, 2000. Coluna Grrrls, p. 24.

_____. À caça do celulóide secreto. **Sui Generis**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 26, 1997. Coluna Grrrls, p. 56.

_____. Atletas de Safo com muita honra. **Sui Generis**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 44, 1999. Coluna Grrrls, p. 51.

_____. Dez mandamentos lesbianos. **Sui Generis**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 51, 2000. Coluna Grrrls, p. 32.

_____. Estilo provoca terremoto. **Sui Generis**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 22, 1997. Coluna Grrrls, p. 56.

_____. Feliz Natal, Natalie Barney!. **Sui Generis**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 29, 1997. Coluna Grrrls, p. 55.

_____. Gomorra paulistana. **Sui Generis**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 55, 2000. Coluna Grrrls, p. 44.

_____. Lésbica ou transbicha?. **Sui Generis**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 40, 1998. Coluna Grrrls, p. 51.

_____. Muito além da alcova. **Sui Generis**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 47, 1999. Coluna Grrrls, p. 58.

_____. Que seja eterno enquanto dure. **Sui Generis**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 33, 1998. Coluna Grrrls, p. 54.

_____. Quem tem medo de Virginia Woolf? **Sui Generis**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 34, 1998. Coluna Grrrls, p. 49.

_____. Você gosta dos gays da tevê?. **Sui Generis**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 46, 1999. Coluna Grrrls, p. 49.

LESSA, Patrícia. **Lesbianas em movimento**: a criação de subjetividades (Brasil, 1979-2006). 2007.

LORDE, Audre. Textos escolhidos. **Herética Difusão Lesbofeminista Independente**, sd, 2016.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. **O lesbianismo no Brasil**. Mercado Aberto, 1987.

NASCIMENTO, Fernanda. **Bicha (nem tão) má: LGBTs em telenovelas**. Editora Multifoco, 2015.

NAVARRO-SWAIN, Tania. Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão. **Cadernos Pagu**, n. 12, p. 109-120, 1999.

_____. **O que é lesbianismo**. Ed. Brasiliense, São Paulo, 2004.

OLIVEIRA, Júlia Glaciela da Silva. **Militância ou profissionalização de gênero?** Um estudo comparativo na imprensa feminista do Brasil, da Argentina e do Chile (1981-1996). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2019.

PARKER, Richard. **Abaixo do Equador:** culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Record, 2002.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 2010.

RODRIGUES, Jorge Caê. A imprensa gay do Brasil. In: GREEN, James N; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (orgs). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, p. 237-254, 2018.

_____. Impressões de identidade: os caminhos da imprensa gay nacional. **Retratos do Brasil homossexual:** fronteiras, subjetividades e desejos. São Paulo: Edusp: Imprensa Oficial, p. 403-412, 2010.

SAUNDERS, Tanya L. Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humana libertária. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 7. Salvador, p. 102-116, 2017.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOUZA, Simone Brandão. Teorias lésbicas contemporâneas e a arte como ativismo e potência de resistência e visibilidade. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 4, n. 2, p. 134-143, 2018.

VERÓN, Eliseo. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix/USP, 1980.

APÊNDICE

APÊNDICE A - TABELA DE PRÉ-ANÁLISE DAS COLUNAS “GRRRLS

Edição	Ano	Título	Tema	Trecho I	Trecho II	Comentário
9	1997	Perdoai -os Pai, Eles Não Sabem (coluna Papo de Mulher)	Misoginia; Notícias	Ao eliminar o seu lado masculino, adotando um papel tido pela sociedade como feminino, a mulher já está praticando um ato de mutilação	É aí que tem início a grande violência: a mulher que agora corta todo o pau não tardará em cortar do companheiro mais tarde.	Uma analogia entre o podar a masculinidade feminina a partir da genitália do homem. Sobre o feminino e o masculino estarem nas genitálias. Tudo isso a partir de citar notícias que mulheres haviam cortado o pênis de seus companheiros.
10	1997	Chama Diana Caçadora (grrrls)	Homofobia; Notícias; Performatividade.	É intrigante que um povo que proclame Roberta Close como símbolo sexual, que no carnaval seja tão simpático aos travestis em bailes e desfiles de escolas de samba, consiga ser ao mesmo tão intolerante quando se trata de lidar com personagem gay que não desmunheca	Será que um gay não caricato ameaça tanto assim o poder constituído da macheza brasileira?	Ao falar do ataque homofóbico que o ator André Gonçalves sofreu, Vange fala sobre performatividade de masculinidade, sobre o imaginária brasileiro de hipersexualizar travestis e fetiches do carnaval brasileiro.
21	1997	Tonhão, Um Doce de Garota	Comportamento; Performatividade	Faz uma garota pensar se, pelo fato de ser mulher, deve se comportar como um anjo de candura, um buraco cor de rosa e vazio para ser preenchido.	Tonhão, apesar da aparência masculinizada, era um doce de garota. Uma autêntica Grrrls.	Fala sobre o movimento feminino Grrrls, mulheres no Rock, performance de gênero e sobre o comportamento subversivo

			dade de Gênero; Música; Novela.			dessas mulheres do movimento Grrrls. Importante lembrete do movimento hippie nos anos 70 e a liberdade sexual, liberdade vivida de forma diferente entre homem e mulher. Sobre o comportamento esperado de figuras femininas masculinizadas.
22	1997	Estilo Provoca Terremoto	Comprometimento; Performance de Gênero; Lesbianidade	Você é Lady ou Sapatão? Eram assim que começava uma abordagem clássica nos bares Lésbicos de São Paulo, no final dos anos 70. Grande parte das garotas homossexuais procurava se encaixar num desses estereótipos: escolhendo vestir-se e portar-se como uma lady, cabelos compridos, roupas femininas e maquiagem, ou então preferirem o outro lado, usando roupas masculinas [...]	Ruim é ter de se comportar seguindo uma cartilha politicamente correta, mesmo sendo ela ditada por um ativismo gay pretensamente consensual, mas na verdade careta e estreito. A liberdade e a visibilidade são para as borboletas, para os lacinhos cor-de-rosa e também para os sapatões.	Sobre o estereótipo de lésbica masculinizada e dos estigmas acerca dele, sobre mulheres ao longo da história que se vestiam e se comportava de maneira tida como masculinizada. Sobre o travestir-se ser costumes antigo e sobre a invisibilidade lésbica no movimento GLS.
23	1997	Armário Com Porta de Vidro	Outing; Lesbianidade; Mundo da Música	A maior dificuldade em trazer essas mulheres (falando sobre o pedido da leitora por entrevistas dos ídolos ou ícones da comunidade lésbica brasileira) para as páginas da revista é a velha e boa questão do outing.	Assumir publicamente sua própria homossexualidade é uma questão íntima, e sinceramente, acho que faz outing quem quer e quem se sente preparado para isso.	Fala sobre a pressão de uma obrigatoriedade de sair do armário e como há uma força da própria comunidade LGBT. Como há um número ínfimo de mulheres famosas que declaram suas

			a			sexualidades, mas como isso são questões íntimas e pessoais. Vange instiga as leitoras da revista a pedirem maior espaço de visibilidade dentro da Sui Generis.
24	1997	Mudança da História	História; Lesbianidade; Feminismo	Porém nosso imaginário continua povoado por histórias que a mulher que ousa seguir sem um homem do lado é punida com a morte na fogueira, exílio ou a prisão. Parece que já podemos quase tudo, menos prescindir do homem como amante.	Por isso é necessário, se não por princípio, mas por compensação, que povoemos esse imaginário com novas histórias e novas heroínas. Não compactuo com a histeria politicamente correta que acha necessário retratar gays e lésbicas sempre de maneira cor de rosa. Mas por uma questão de equilíbrio estão faltando finais felizes ou apenas histórias comuns.	Traça as histórias de mulheres que ao longo da humanidade não foram viver com homens, optando por viver suas autonomias, e destaca o quanto dissociar-se de figuras masculinas, para mulheres pode ser punitivo socialmente.
25	1997	Vamos às Quadras, Garotas	Misoginia; Esportes; Masculinidade.	Então quase sempre as meninas deixam de praticar esportes enquanto os meninos são estimulados a competir e se tornarem mais fortes. Às meninas resta o recolhimento à sua fragilidade. Com isso passam a depender de alguém que as defenda e começam a acreditar que são mais fracas fisicamente. Ledo engano.	Fala-se também como o esporte sempre foi negado às mulheres, sempre com a desculpa que isso as masculiniza. Mesmo hoje em dia, apesar de vermos muitos esportes feminino pela TV, nota-se um certo preconceito. [...] Há algo de muito estranho nessa resistência do mundo macho straight em ver as	Assunto bastante discutido hoje em dia sobre os papéis de gênero. Vange tece uma crítica ao papel de frágil menina que não pode fazer atividade que não sejam delicadas ou para o lar e o menino forte, protetor e provedor. O tal de menina rosa e menino azul e tais. Vange fala

					mulheres como seres forte e potentes.	como os esportes podem ser um espaço importante e de acolhimento para meninas lésbicas.
26	1997	À caça do celulóide e secreto	Cinema; Cultural.	Era um anti-climax total. Muito diferente dos filmes que temos visto nesta década de 90. O crescimento do mercado consumidor gay e a maior visibilidade das pessoas que ousam dizer o nome do amor que praticam, favorecem o surgimento de filmes mais interessantes abordando a homossexualidade.	Por trás das telas também, cineastas lésbicas começam a fazer filmes e nos retratar de maneira muito mais realista certamente por conhecerem a fundo.	Vange faz um levantamento do mercado cinematográfico lésbico desde sua adolescência. Falando sobre as narrativas, uma crítica sobre os clichês lésbicos nos filmes é feita de maneira leve e divertida. O clichê homossexualidade e tragédia que ainda nos persegue até a atualidade. Mas o reconhecimento do avança nas narrativas e representações também é feito no texto.
29	1997	Feliz Natal, Natalie Barney	História; Sociedade	Algumas, bissexuais como Colette, tinha marido e crianças. Mas em geral eram mulheres apartadas das famílias e sem filhos, que encontravam nessa pequena Lesbos o apoio afetivo que lhes faltavam. Apoio que não se procuram apenas na relação a dois. Apoio e afeto que, vindo de um pequeno núcleo social, são importantíssimos como um sinal de que não somos	O que podemos aproveitar deste histórico lésbico que nos está sendo revelado é que se nos juntarmos e nos oferecermos apoio, nossas chances de sucesso em uma sociedade chauvinista serão maiores.	Uma linda história sobre a união de mulheres lésbicas na década de 20 na França. Vange mostra a resiliência dessas mulheres que se uniam para formar uma rede de apoio e afeto. Sabemos que são privilégios de mulheres brancas e classe média da Europa, entretanto é

				proibidos e expressar amor e afeto socialmente.		emocionante saber da união e luta por uma vida social de mulheres lésbica já década de 20.
30	1998	Doce Veneno das Tentações	História, Romance; Comprometimento	Já ouvi pessoas dizerem que o que mais as atrai em um romance homossexual é esse clima de obscuridade. O que mais excita, o que dá tesão, é o aspecto transgressor em amar alguém do mesmo sexo. Argumentam inclusive que quando o amor homossexual for bem aceito pela sociedade, essa mágica acaba.	A grande bobagem é achar que o doce veneno das tentações desaparecerá depois for adquiridos alguns direitos cívicos básicos. É achar que quando um gay puder aparecer num comercial de TV a coisa terá se banalizada tanto que quase perderá a graça. Como se não tivéssemos mais de mil e uma maneiras de transgredir e provocar o mundo.	Abrindo o texto falando sobre um Romance alemão sobre o amor proibido entre uma judia e esposa de um soldado nazista durante a guerra, Vange embarca n no pensamento reducionista de que a orientação sexual é umas percepções sociais da clandestinidade. Da sexualidade ser meramente fetiche do proibicionismo social.
32	1998	Humor Politicamente Incorreto	Tirinha; Política.	É impossível fazer humor quando há policiamento impedindo que ofenda as ditas minorias. É claro que há brincadeiras e piadas de péssimo gosto, como a maioria das piadas sobre negros. Mas o fato é que judeus adoram contar piadas sobre judeus, e alguns gays amam fazer caricaturas exageradas de bicha louca - e fazem o maior sucesso!	O esteriótipo gay sempre esteve ligado a festa, carnaval e alegria, tanto que a palavra “gay” (alegre) é universalmente aceita como designativo geral para esta parcela da população que preferente manter relações sexuais com os do mesmo sexo. Então porque não usar essa alegria e senso humor na hora de agir politicamente ou no momento de comentar	Errou feio, Vange! O discurso que não se pode fazer piadas de mais nada é forçada na coluna desta edição. Vange fala sobre como o politicamente correto impede de serem feitas piadas com grupos minoritários, hoje sabemos que estas piadas reforçam estereótipos e estigmas sobre os grupos, e que durante muito tempo foi a

					assuntos relativos nesta revista, por exemplo?	única representação feita, humor ridicularizando e reforço de esteriótipo de grupos minoritários.
33	1998	Que Seja Eterno Enquanto Dure	História; Comprometimento.	Paixões, infidelidade, triângulos amorosos, inspiração para poemas, romances, começos febris, finais tristes, algumas amizades eternas, casamentos estáveis, e outros que são uma montanha russa. [...] São tantas as cenas e tão triviais que ousou dizer que o amor entre mulheres é tão comum quanto extraordinário.	Por isso hoje em dia o presidente Clinton recebe o famoso casal lésbico Ellen DeGeneres e Anne Heche na Casa Branca. Só para não perder o costume: afinal, a mais de 50 anos a primeira-dama Elleonor Roosevelt adora usar nessa mesma festa um lindo anel de safira, presente de sua amante, a jornalista Lorena Hickok. Ah, o amor...	Vange passa pelos bastidores e fofocas das artistas lésbicas da década de 20 em Paris. Explana todas as facetas de relacionamentos homoafetivos, os percalços e afeições que haviam neste grupo de mulheres.
34	1998	Muito Além da Alcova	Política; Sair do armário.	Você pode achar que passa a vida numa boa sem beijar sua queridona no shopping, mas isso é sim segregação. A ocupação de espaços públicos é importantíssimo para qualquer pessoa. É em público que encontramos outros cidadãos que compõem nossa sociedade, e se queremos fazer qualquer coisa na vida que não seja nas quatro paredes do nosso quarto, é nosso espaço público que vamos trabalhar para melhorar, entreter e melhorar o mundo à nossa volta.	Não se esqueça nunca que a manifestação do seu amor é uma das coisas mais divinas e poderosas que podemos usar. Não exercite apenas no quarto, em casa, nos bares e no gueto. Não deixe sua expressão amorosa morrer na praia, no trabalho ou na sala de jantar da sua família. Expresse seu homoerotismo e seja feliz. O mundo agradece.	Vange fala sobre o posicionamento político de sair do armário. Sobre a importância de aparecer socialmente mostrando a sexualidade homoafetiva. Texto legal sobre como os espaços públicos são importantes espaços para manifestação política de relacionamentos homo.

35	1998	Entre o Genes e o Ambiente	Ciência; política	Essa polêmica só me faz ter certeza de que como é irrelevante saber se a causa da homossexualidade é genético ou não. Não é esse o ponto. Heterossexuais nunca ficam perdendo tempo explicando a causa da sua heterossexualidade, no entanto são bens aceitos como paradigmas da normalidade.	Esse estigma de imoralidade é que é o combustível de conservadores que negam seus direitos civis mais básicos. Enquanto eu tiver que olhar para os lados antes de beijar minha namorada em público com medo de causar confusão, vou me sentir uma cidadã de segunda classe. Pouco me importa se nasci assim ou se vou ser sempre assim. Respeito é bom e eu gosto: quero meus direitos porque pago meus impostos.	O texto inicia-se com a explicação sobre um estudo científico sobre a homossexualidade ser afetada pelos meios que se vive. Sobre como esta justificativa pode desagregar na militância LGBT em decorrência do conservadorismo, entretanto Vange coloca a discussão da ciência em segundo plano para debater que a origem da homossexualidade pouco importa, o que é mais importante é como os direitos LGBTs são negados pela sociedade.
36	1998	Confissões de uma Adolescente.	Lesbianidade;	Completando um ano e meio de “Grrrls”, e depois de receber tantas cartas e emails sinceros, pessoais e comoventes, me deu vontade de escrever uma coluna excepcionalmente mais pessoal, e porque não dizer, quase autobiográfica. Não que eu me dê importância enorme, mas acredito que muitas experiências de um indivíduo em particular, podem ser identificadas de certa forma	Para as garotas adolescentes que me escrevem falando dos seus medos, aflições e expectativas, espero ter conseguido passar um pouco do que foi a minha descoberta do amor lésbico. Tudo vale a pena se a alma não é pequena. Só não se deixem machucar muito pois, embora faça parte do pacote, a dor é interessante apenas se for devidamente	Vange mostra às leitoras suas experiências na descoberta de amar outra mulher. Um texto pessoal, entretanto, de identificação coletiva direcionado especialmente para adolescentes lésbicas que ansiavam por essa representação lésbica nos espaços de mídia. Acredito ser um texto que o público

				pertencente a todos, principalmente quando falamos de amor.	superada por um sorriso e um beijo apaixonado sob a luz auspiciosa do fim do túnel. Esse mesmo velho e bom túnel do amor.	lésbico esperou ler durante todos os outros anos da revista, quando escreviam pedindo maior espaço para as mulheres, um texto <i>muito legal</i> .
37	1998	Morte Súbita	Novela; Homofobia	Hoje em dia, graças a muitos esforços dos que vieram antes de nós, a liberdade de expressão está bem mais garantida que no tempo de Virginia Woolf e Radclyffe Hall. Porém, quando se trata do horário nobre da televisão, o juiz agora é uma massa de telespectadores intermitentemente pelas emissoras atrás de uma audiência cada vez maior. Agora quem tem o poder de vetar o que é mostrado é a audiência, um grupo tão heterogêneo que até você e eu fazemos parte dele.	E não será fácil também daqui mundo real, fora da tela. E já que somos nós que escrevemos o roteiro de nossas vidas, por que não reescrever esses beijos que não vimos nas novelas, beijando nossa namorada, até que um dia os caretas se acostumem com essas cenas inocentes de homoerotismo.	Vange fala sobre a novela Torre de Babel e a retirada súbita e de maneira cruel das personagens lésbicas da novela. Fala sobre como historicamente romances homossexuais são bruscamente retirados do meio social, como se fossem uma doença que não podem sem estar no meio da sociedade tão saudável. Vange enfatiza a importância de se posicionar politicamente e socialmente sobre a homossexualidade para que assim ganharmos força.
38	1998	A Última Gota D'água	História; Ciência; Filosofia;	O fato é que com tantas teorias surgindo, gays e lésbicas eram vistos agora como um grupo específico, bem mais visível e passível de ser rotulado com detratores de um lado e defensores	Bobagem. Existem mais mistérios na sexualidade humana que a vã filosofia possa rotular. Para a garota que me escreveu o e-mail, eu só posso dizer que essa	Vange começa respondendo uma pergunta que foi feita a ela em um programa de TV sobre a bixessualidade dela - não chamado assim no neste

			Comp ortame nto	do outro. Apesar de um pouco depois Freud corroborar a ideia de Ellis, - que a sexualidade humana é fluida e que gays e lésbicas não podem nem devem ser curados. o tabu e o silêncio sobre o assunto sempre foram tantos que muita gente hoje em dia ainda pensa como os antigos sexologistas.	história de rotular alguém de gay ou lésbicas foi apenas um erro de percurso, uma necessidade científica de categorizar e descrever a sexualidade como matéria exata.	período -, Vange fala sobre a ciência antiga, a criminalização e posteriormente, tido como problema de saúde mental a homossexualidade.
39	1998	Mundo para Gregos e Troianos	Preconceito; Comp ortame nto;	Aí voltamos ao caso daquela minha conhecida, que não queria se juntar às travecas na Parada do Orgulho. Pessoas como ela não suportam serem identificadas como essas sapatas machonas e talvez por isso ela não saia por aí se assumindo como lésbica. Provavelmente ela não entenda como uma mulher possa querer ser meio macha e acha isso muito feio.	Ao mesmo tempo a mulherada reclamando que não existem bares só para elas, que sempre, depois de um tempo a bicharada vai lá e toma conta. Reclamam também que não há uma publicação para elas e que a Sui Generes, traz sempre mais reportagens e editoriais para os garotos. Mas quando vou participar de debates sobre visibilidade lésbica, olho em volta e a grande maioria dos participantes são é formada por homens.	Sobre a representação homossexual nas grandes mídias, como é estereotipada e estigmatizada e sobre o preconceito dentro da própria comunidade LGBT. Sobre a falta de envolvimento lésbico e feminino no movimento LGBT e como este grupo cobra espaços dos quais é majoritariamente gay. Vange tece uma crítica a postura passiva das lésbicas.
40	1998	Lésbica ou Transbi cha?	Transgênero; ciênci a;	Pode parecer exagero dizer que isso está se tornando uma tendência entre muitos sapatos americanos, mas se viu tantos transsexuais nas ruas de São Francisco. Estes transsexuais costumam ser	Como se não bastasse a transição de gênero algumas FTMs, depois da cirurgia de mudança de sexo passam a se interessar por homens, ou seja, tornam-se homens gays	Sobre a transição de gênero de homens, que aparentemente não era comum ainda neste período, observa-se isso pela forma que a

				designado pela sigla politicamente correta FTM- do inglês “female-to-male”, que se transformaram de mulher para homem.		redesignação de gênero é apresentada e tratada na coluna. Com tabus e linguajar impróprio, os homens transsexuais são postos como seguidores de uma tendência.
41	1998	Novida de Sobre o Clitóris	Ciência;	Mas graças aos esforços de mulheres e homens curiosos, imparciais e nada sexistas, uma nova história e uma nova anatomia estão sendo formuladas. Aquele monte de besteira que alguns ainda insistem em propagar, que a natureza da mulher é toda voltada para dentro e do homem para fora, - uma analogia aos seus respectivos órgãos sexuais, não me parece correta. Todos sabem que mulheres tem falo e homens buracos.	Numa época em que pessoas em que pessoas fazem tratamentos hormonais de várias naturezas, desde a suspensão da menstruação - última coqueluche das mulheres de carreira - até tratamentos para mudanças de sexo, parece meio idiota falar de divisões de gênero entre masculino e feminino. Está na hora de sermos menos gêneros e mais humanos.	Vange fala sobre a descoberta científica do tamanho do clitóris e faz questionamento sobre a posição da mulher também na ciência, como o órgão sexual feminino demorou bastante tempo para ser estudado. Sobre como é desnecessário a divisão de gênero por acreditar que somos mais que órgãos sexuais,
43	1999	Índia Censura Homossexualismo	Cinema; Cultura; Mitologia; misoginia;	Thadani encontrou inúmeras obras de arte, estátuas e pinturas que foram deturpadas, maquiadas e disfarçadas para esconder seu caráter lésbico. Num templo onde havia imagens de duas mulheres se beijando na boca, alguém providenciou um pinto para uma delas.	Na Índia, hoje em dia, é muito difícil uma mulher viver independentemente de um homem. As lésbicas têm que optar por um casamento heterossexual de fachada e as pouquíssimas que ousam assumir acabam vivendo no exílio.	Iniciando falando sobre a repercussão de um filme na Índia, Vange fala como ao longo da história a misoginia encurrala e afeta as vidas de mulheres lésbicas no país.

44	1999	Atletas de Safo com Muita Honra	Esporte; notícia ;	Todo esse episódio ilustra um equívoco básico, decorrente da falta de informação. Ainda acreditam que lésbicas são masculinizadas. E no esporte, esse problema é muito maior, pois quando uma tenista afirma que a adversária é mais forte por ser lésbica, insinua -erroneamente- que ela deve ter taca excessiva de hormônios masculinos, o que tornaria a competição injusta	Embora a atitude da ATP tenha sido impecável, as coisas bem sempre foram assim. Na metade dos anos 80, a tenista Hana Mandlikova sugeriu publicamente que Martina Navratilova - que acabara de fazer seu 'outing' - deveria jogar o torneio masculino. Alguns anos mais tarde, Margaret Court, campeã veterana e membro da Associação de Mulheres Tenistas, declarou que Navratilova estava dando um péssimo exemplo depois que ela, ao ganhar um torneio, correu para beijar a sua namorada.	Notícia sobre lésbofobia no esporte, onde uma atleta tenista é acusada de jogar como homem logo após se declarar lésbica. Vange fala sobre a lesbofobia recorrente nos esportes e como mulheres tentavam ser o mais feminina possível fora dos esportes. uma forma de forçar que ainda que praticassem esportes eram mulheres e femininas.
46	1999	Você Gosta dos Gays da Tevê?	Representação; telenovelas	No caso de Suave Veneno, não se trata nem de uma maneira politicamente correta. Se a novela fizesse questão de mostrar a realidade dos gays, além das humilhações sofridas por Edilberto, teria também que mostrá-lo beijando outro homem na boca. Trata-se simplesmente de ser coerente. Mas parece que beijo entre homens choca mais um	Como se não bastasse, a teledramaturgia ainda conta com outra enorme dificuldade: como retratar gays e lésbicas de maneira justa, já que se trata de um grupo heterogêneo, que de comum têm apenas a orientação sexual? A solução, me parece, está em reforçar exatamente essa diversidade	Falando sobre a representação de personagem gay nas novelas, Vange fala sobre como estas representações são feitas, sobre a violência que os personagens sofrem e os estereótipos que a maioria deles carregam.

				telespectador que um gay “apanhando”, simplesmente por ser gay.	dentro do grupo e fugir, sempre que possível, de clichês e estereótipos. Infelizmente, é justamente aí que a televisão comete seu maior pecado.	
47	1999	Quem tem medo de Virginia Woolf?	Feminismo; sociedade; política.	Outros, no entanto, se recusam a aceitar essa condição de excluídos e lutam para integrar a sociedade - como os ativistas, no caso homossexuais, que procuram batalhar pelos direitos civis de gays e lésbicas. Diferentemente do grupo anterior, que romantiza sua exclusão, este grupo não se conforma com a situação de ter que viver à margem e considera a verdadeira transgressão discutir com a sociedade e exigir sua inclusão	É essa a chave para entender esse conflito entre ficar de fora ou integrar-se à sociedade. Só vale a pena se o fizermos no sentido de interferir nessa mesma sociedade. Precisamos aproveitar o fato de estar de fora, de termos uma visão crítica para apontar alguns caminhos que libertem homens e mulheres dos grilhões do falso moralismo.	Vange fala sobre as duas obras de Virginia Woolf e levanta um debate sobre estar à margem da sociedade e não querer integrar-se e estar também à margem, mas lutar por esta integração. No final do texto Vange fala sobre o que seria o ponto ideal que é por estar fora da sociedade, tentar mudá-la para assim integrar-se.
48	1999	Duelistas Que Fizera História	História; feminismo;	Parece que ser a drag favorita do Rei tem lá suas vantagens... A mesma sorte não teve Joana D’Arc, que, embora também favorita, seu Rei era destronado. Joana era uma louca idealista que alegava ter ouvido as vozes de Santa Catarina e Santa Margarida, incumbindo-a de uma missão difícilíssima: devolver para Carlos VI o trono da França, usurpado pelos	Maupin e Joana foram apenas duas das muitas mulheres que ousaram ganhar a vida (ou a alma) pela espada. É preciso ser muito fêmea para ser macho. É por isso que digo: eu sou mulher e espada.	Vange conta a história de duas mulheres importantes ao longo da história, mulheres que lutavam ou por seus ideais ou como lazer mesmo. Joana D’arc e Maupin. Fazendo analogia com drag kings, ela fala sobre como estas mulheres precisavam se vestir de homem. Faz um

				ingleses.		potente trabalho de história que retrata estas duas mulheres de luta, literalmente.
50	1999	QUE SEJA ETERN O ENQUANTO DURE: porque as lésbicas estão sempre em busca de relacionamento estável?	Relacionamento; questão de gênero.	Nossas avós e bisavós foram educadas para serem boas esposas e aprenderam que era dever da mulher zelar pela paz e harmonia dentro do casamento. Nossas mães, mesmo incentivadas a seguir uma carreira profissional, sempre sonharam com príncipes perfeitos e casamentos cor-de-rosa.	Mas, voltando à velha questão, por que diabos, nós lésbicas, gostamos tanto de nos casar? Sinceramente não sei responder. Por mais que tentasse achar razões culturais ou biológicas para este comportamento tão característico, jamais cheguei a conclusão alguma.	O texto fala sobre o comportamento lésbico de sempre estar em relacionamento monogâmico e estáveis, e faz um levantamento de questões biológicas desse comportamento e culturais com a questão de comportamento de gênero.
51	2000	Dez mandamentos lesbianos	Humor; relacionamento lésbico	Por ter fundado uma escola e não uma religião, Safo não deixou nenhuma bíblia. É preciso lembrar que 99% de sua obra foi queimada pelo papa Gregório VII e, se ela deixou alguma espécie de guia religioso, o livro transformou-se em cinzas.	Portanto, garotas, decorem e passem à frente estes mandamentos, que podem orientar ou, na pior das hipóteses, consolar nos momentos difíceis. E, antes que alguma carola me escreva, já vou logo dizendo que este decálogo não	Vange lista os 10 mandamentos lesbianos com ironia sobre a forma sapatão de se relacionar. Sobre o casamento rápido, sobre a troca de namoradas no mesmo grupo e sobre ato sexual.

					pretende substituir nenhum livro sagrado. Até porque, o assunto é saborosamente profano.	
52	2000	Arte do disfarce : parte 1	Série; lesbofobia	Depois do sumiço de Ellen, e para não repetirem o mesmo erro, os produtores de Xena optaram pelo lesbianismo implícito. A produtora executiva Liz Fridman afirma que não deixarão claro que Xena é lésbica, mas que ninguém dirá que é heterossexual, mesmo porque, na época em que se passa a história, não existia a divisão entre hetero e homossexualidade.	O fato é que o subtexto lésbico e, assim, sobrevive sem boicotes religiosos ou fuga de patrocinadores.	Vange fala sobre como artistas, produtores tem que ter os macetes para disfarçar a sua arte do conservadorismo e ditadura, foi o que aconteceu com a série Xena
53	2000	A arte do disfarce : parte 2	Série; lesbofobia	O fato é que o subtexto predomina em Xena. Mesmo quando os produtores enfrentam algum problema extra filmagens, as soluções são sempre imaginativamente lésbicas. Para justificar a gravidez da personagem, que não tem nenhum namorado, os roteiristas decidiram que Xena engravidará de um anjo.	A televisão jamais mostrou algo tão revolucionário nas suas matinês. Apesar de nada ser explícito, não há quem não perceba que a série é completamente lésbica. Numa época em que os movimentos gays valorizam a visibilidade, pode-se dizer que o programa faz uma concessão ao sistema, optando pelo lesbianismo sugerido. Mas que também graças aos subtextos a série sobrevive deliciando as fãs.	O texto continua falando sobre os subtextos da série Xena, sobre o famoso “seja lesbica mas não deixe ninguém saber, só quem realmente é entendido saberá”, mas como isso é importante pq no momento a movimento LGBT lutava por visibilidade e a série deu um jeito de, por preconceito, não boicotarem com o romance implícito das lésbicas,
54	2000	Bolach	Cinem	Pode parecer um daqueles filmes	Parece que tendência está	Um texto de comemoração

		as em Technicolors - Agenda para o ano 2000	a; Representatividade Lésbica;	em que lesbianismo acaba em tragédia, mas o enfoque é politicamente correto, denunciando o número crescente de crimes de ódio nos Estados Unidos - vale lembrar que aqui no Brasil o número desse tipo de crime também é assustador: um assassinato a cada três dias, segundo o Grupo Gay da Bahia.	virando regra. Há na cinedramaturgia para o amor homoerótico, mesmo que não trate de um assunto especificamente gay. Se já ficamos felizes de ter dois ou três bons filmes lésbicos ao ano poderemos no alegrar ainda mais: o homoerotismo está presente nos filmes comerciais, de uma maneira geral. Será que finalmente deixamos de ser atração de circo e bichos esquisitos de um zoológico freak?	por um aumento de filme com representações lésbica nos circuitos de cinema. Além de muitas indicações de filmes sobre a temática, Vange faz uma projeção para o futuro do cinema comercial com homoerotismo. Ela enxerga com otimismo a representação homoerótica. Deixa de ser uma atração de circo e passa a ser uma atração sexualizada no cinema.
55	2000	Gomorra Paulista	Compartmento; Lesbianidade	Esgotadas as possibilidades do Canapé, dobrávamos a esquina da Santo Antônio em direção à Av. Handava e entrávamos no Cachaça, um bar frequentado pela classe trabalhadora e por uma deliciosa maioria negra.	Esta terceira estação se transformava em um dancing depois da meia noite - mas apenas para aquelas que tinham talento nos pés e nos quadris, já que lá só rolava samba.	Aventura sapatômica pelas nights de São Paulo. Mostra como havia uma variedade de bares para o lazer e divertimento das lésbicas paulistanas.

ANEXOS

ANEXO A - EDIÇÕES DA COLUNA GRRRLS REFERENTES AO EIXO 1:
LESBIANIDADES, IDENTIDADES LÉSBICAS E LGTB

Vange Leonel

grrrls

ESTILO PROVOCA TERREMOTO

Você é lady ou sapatão? Era assim que começava uma abordagem clássica nos bares lésbicos de São Paulo, no final dos anos 70. Grande parte das garotas homossexuais procurava se encaixar num desses dois estereótipos: escolhendo vestir-se e portar-se como uma lady, cabelos compridos, roupas femininas e maquiagem, ou então preferiam o outro lado, usando roupas masculinas, camisa social, calça de tergal e cabelos curtos.

Confesso que a primeira vez que me perguntaram se eu era lady ou sapatão eu não soube responder. Foi na mesma noite em que conheci uma garota, muito bonita e de cabelos compridos, e que dividiu comigo uma grande angústia: ela adorava seus longos cabelos mas as amigas fanchonas insistiam para que ela passasse uma tesoura pois se ela era sapatona deveria usá-los curtos.

Vestir-se como homem e adotar maneirismo masculino já são coisas bastante antigas. Joana D'Arc teve de cortar os cabelos e vestir-se como soldado para poder comandar tropas do exército francês na batalha de Orleans

contra os ingleses. Há mesmo rumores de que por volta do ano 855 d.C. foi coroado um papa que na realidade era uma mulher, a papisa Joana, que também vestia-se como homem para driblar os impedimentos que a Igreja fazia às mulheres que almejavam o sacerdócio.

Mais recentemente, na metade do século passado, a escritora Aurore Dupin encontrou a liberdade ao deixar o marido para viver sozinha em Paris. Vestia-se com roupas masculinas, fumava charutos, acreditava na igualdade entre os sexos e resolveu adotar para si o nome de George Sand, com o qual assinava seus romances.

Se vestir-se como homem já não é mais algo transgressor, a mulher, que além disso, cultivava gestos e maneirismo masculino ainda é bastante estigmatizada. As revistas de moda de tempos em tempos trazem mulheres vestidas de terno e gravata, mas são mulheres lindíssimas e hiper femininas. O estilo sapatão ainda provoca tremores e controvérsias.

Na América dos anos 50 as primeiras militantes lésbicas acusavam as mulheres que assumiam

um visual mais butch (as sapatonas de lá) de pôr mais lenha na fogueira do preconceito pois faziam com que os straights tivessem uma idéia muito estereotipada e distorcida do que era a homossexualidade feminina.

Não parece muito diferente do que acontece hoje em dia. Lamentavelmente, existe uma certa resistência, mesmo no meio homossexual, às lésbicas mais masculinizadas, como se existisse uma cartilha a ser seguida. Será que aquele tão valorizado "express yourself" já não vale mais nada?

Foi nada a controvérsia causada quando no começo desta década as Drag Kings vieram à tona e se tornaram mais visíveis, principalmente nos Estados Unidos e na Inglaterra. A fotógrafa lésbica californiana Della Grace, expoente máximo dessa turma, chegou a editar um livro de ensaios fotográficos chamado *Love Bites*, onde mostrava muitas Drag Kings, casais de garotas masculinizadas praticando atos de penetração com dildos e cenas de sado-masochismo. O livro foi boicotado mesmo nas livrarias dedicadas à comunidade homossexual e Della

Grace pôs a boca no mundo reclamando que o movimento gay quer continuar deixando essas garotas na invisibilidade.

A liberdade de ser o que se é não pode ser conquistada pela metade. Se lésbicas e gays lutam por maior visibilidade, não deveriam patrulhar a livre expressão de seus pares. Se Della e sua turma gostam de aplicar esparadrapinhos com hormônios masculinos no queixo para deixar a barba crescer, o que os outros têm com isso?

Travestismo é algo tradicional e fundamental em várias culturas, com forte influência ritual. Na Grécia antiga era comum raspar a cabeça e aplicar barba postiça nas mulheres recém-casadas até que elas ficassem grávidas. Pajés de tribos norte-americanas vestiam-se de mulher, garotas de tribos africanas faziam sua iniciação na puberdade usando roupas de homens, e em algumas ilhas da Indonésia era comum travestir crianças doentes para que fossem curadas.

Ora, se tantos rituais curativos e de passagem estão relacionados ao travestismo, por que querer que as pessoas sigam um padrão de vestimenta e comportamento tão careta, tão straight e tão uniforme?

A fantasia é direito inepugnável de cada um. Mesmo não sendo lady, nem sapatão, nem Drag King, nem lesbian chic, é direito de uma mulher ser o tipo que ela quiser, vestir a roupa que preferir e até mesmo ser tudo isso ou de um jeito a cada dia da semana.

Ruim é ter de se comportar segundo uma cartilha politicamente correta, mesmo sendo ela ditada por um ativismo gay pretensamente consensual mas na verdade careta e estreito. A liberdade e a visibilidade são para as borboletas, para os lacinhos cor-de-rosa e também para os sapatões. ■

Vange Leonel é cantora e compositora. Envie suas críticas, dúvidas e comentários com o título "Grrrls" para Caixa Postal 11.661, CEP 22.022-970 RJ ou através de e-mail pra vange@brmusic.com

No embalo dos avanços científicos, garotas estão mudando de sexo nos EUA

LÉSBICA OU TRANSBICHA?

Que piercing que nada! A intervenção mais radical que uma pessoa pode fazer em seu próprio corpo tem outro nome: cirurgia para mudança de sexo. Já sei, você vai dizer que essas operações existem há muito tempo e que aqui mesmo no Brasil as travestis já estão carecas de saber endereços de boas clínicas para fazer um implante de silicone. Mas eu estou falando do contrário. São as garotas agora que estão fazendo tratamento para mudança de sexo. Impossível? Não. Nada mais parece ser impossível para a ciência atualmente. Há uns cinco anos, mais ou menos, a tecnologia médica avançou no campo das cirurgias para mudança de sexo e os progressos mais significativos ocorreram nos tratamentos para mulheres que querem 'virar' homens. Se você não tem estômago — ou uma abertura qualquer — para saber os detalhes sobre esse tipo de transformação, é melhor não ler esta coluna.

Nos Estados Unidos, essas cirurgias são legais, mas a garota que quiser mudar de sexo tem antes que passar por uma bateria de avaliações psicológicas e psiquiátricas — o que pode levar de um a dois anos — para depois começar um longo tratamento com hormônios masculinos. Nesta fase, em que se começa a tomar hormônios regularmente, as transformações começam a acontecer. Crescem pêlos no corpo todo e, quem quiser, pode recorrer também ao auxílio de um tipo de esparadrapo que contém hormônios, aplicando-os diretamente nas regiões do rosto, para o surgimento de barba e bigode. Como consequência do tratamento hormonal os músculos se desenvolvem e a taxa de gordura no corpo tende a baixar, principalmente com a ajuda de uma boa malhação. A menstruação é interrompida e o clitóris aumenta de tamanho, atingindo até seis centímetros ou mais, dependendo da idade da garota: quanto mais jovem ela é, maiores são os efeitos dos hormônios.

Depois, se a garota quiser, pode partir para uma série de cirurgias podendo optar por algumas modalidades. Há garotas que fazem apenas uma mastectomia — a retirada dos seios — mas que se recusam a mexer nas partes de baixo porque, apesar dos avanços da medicina, muitas morrem de medo de ter sua sensibilidade genital afetada. No entanto, as que querem modificar a parte genital, hoje em dia encontram duas possibilidades. A primeira é fazer dos grandes lábios um pequeno saco escrotal, mas sem interferir ou modificar o clitóris e sem obstruir a abertura vaginal. A segunda opção é, na verdade, uma série de intervenções cirúrgicas, começando pela retirada do útero e dos ovários. Depois é feita a cirurgia para a construção de um pênis, chamada Faloplastia. Nesta cirurgia um pequeno pedaço de pele do antebraço é retirada para recobrir o pênis, constituído basicamente de uma prótese — dessas que são usadas geralmente para casos de impotência masculina — agregada a enxertos de tecidos gordurosos. O clitóris e todas as suas terminações nervosas são usadas para reconstruir esse pênis e uma sonda é colocada para fazer as vezes da uretra até que o canal seja formado. Com o tempo, os médicos garantem, as terminações nervosas do clitóris recuperam a sensibilidade e, depois de retiradas as sondas, a garota/garoto pode começar a levar uma vida sexual normal.

Pode parecer exagerado dizer que isso está se tornando uma tendência entre muitas sapatonas americanas, mas nunca se viu tantos transexuais masculinos nas ruas de San Francisco. Estes transexuais costumam ser designados pela sigla politicamente correta FTM — do inglês "female-to-male", que se transformaram de mulher para homem.

Recentemente, a fotógrafa Loren Cameron, ela mesma uma FTM, andou por toda a América levando a sua exposição *The Body Alchemy*, a Alquimia do Corpo, com fotografias

que registravam o processo de transformação dela própria e de várias FTMs. Depois, baseada na exposição, ela lançou um livro que ajudou a tornar visíveis essas mulheres/homens que desafiam completamente a visão do mundo dividida em dois gêneros, o masculino e o feminino. Como se não bastasse a transição de gêneros, algumas FTMs, depois da cirurgia e da mudança de sexo, passam a se interessar por homens, ou seja, tornam-se homens gays. Como prova de que uma mudança assim não é tão incomum, até mesmo um termo específico já foi criado para elas:

transfags — algo como transbichas.

É muito para sua cabeça? Ou você consegue se abrir para as infinitas possibilidades que a ciência, a medicina e a tecnologia nos oferecem hoje em dia? Dica para os que estranham todas essas coisas: é melhor ir se acostumando. Cada vez mais a ciência se presta a realizar nossos mais secretos desejos. Difícil é saber o que realmente se deseja. ■

Vange Leonel é cantora e compositora. Envie suas críticas, dúvidas e comentários com o título "Grrris" para Caixa Postal 11.661, CEP 22.022-970 RJ ou através de e-mail para vange@brmusic.com



Loren Cameron transformou seu corpo com cirurgias e hormônios

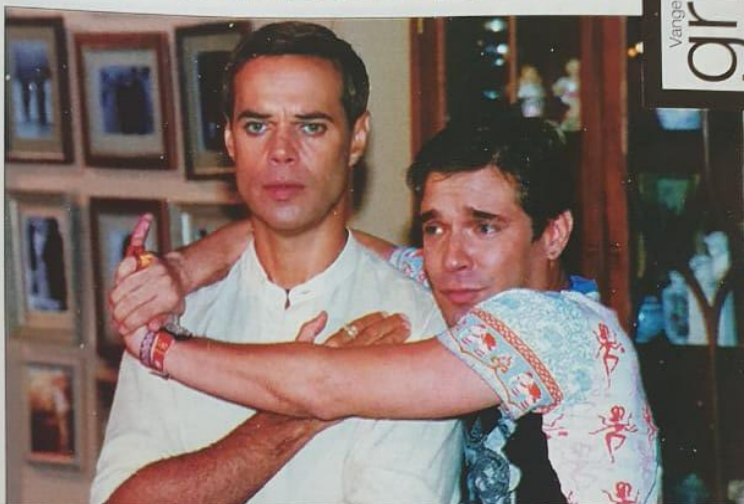
Colunista pede que Edilberto, além de "surra", ganhe beijo na boca VOCÊ GOSTA DOS GAYS DA TEVÊ?

Vange Leonel
grrrls

Esta é uma questão que tem sido bastante debatida por alguns representantes da comunidade gay nos últimos tempos. Há alguns meses, nosso colega Luiz Mott enviou uma carta aos jornais e revistas reclamando das humilhações que o personagem gay Edilberto (Luiz Carlos Tourinho), assistente do Uálber (Diogo Vilela), vêm sofrendo na novela global *Suave Veneno*. Mott argumentou que mostrar esse tipo de situação só reforça a imagem negativa dos homossexuais.

Os que antagonizam com Mott argumentam que esse tipo de realidade tem que ser mostrada, que gays realmente são alvo da homofobia da sociedade e que o contrário seria uma fantasia. Mas acontece que o buraco é mais embaixo. No caso de *Suave Veneno*, não se trata nem de refletir a realidade e muito menos de abordar o assunto de uma maneira politicamente correta. Se a novela fizesse questão de mostrar a realidade dos gays, além das humilhações sofridas por Edilberto, teria também que mostrá-lo beijando outro homem na boca. Trata-se simplesmente de ser coerente. Mas parece que um beijo entre dois homens choca mais o telespectador que um gay "apanhando", simplesmente por ser gay. Então é errado afirmar que nossos pedidos — por cartas e e-mails — são fruto de uma histeria ou um apelo à correção política. Afinal, estamos apenas pedindo que nos mostre como somos. Não é nada agradável ficarmos apenas com o ônus da "surra". Cadê o bônus do beijo?

No ano passado, na novela *Torre de Babel*, de Silvio de Abreu, fomos apresentados com um belíssimo casal de lésbicas, vividos por Christiane Tortoni e Silvia Pfeifer. O autor achou que o público já estava maduro para conviver com um casal de mulheres bem resolvidas com sua homossexualidade — principal-



Diogo Vilela e Luiz Carlos Tourinho, como Uálber e Edilberto: sucesso de audiência e polêmica entre homossexuais

mente depois da aceitação que teve o casal de gays adolescentes de *A Próxima Vítima*, sua novela anterior. Mas a reação do público foi conservadora. O casal de lésbicas sofreu uma enorme rejeição, fazendo com que o autor eliminasse o casal de pombinhas na famigerada explosão do shopping center. Mas por que o público rejeitou esse casal de lésbicas? Talvez porque fossem justamente duas lésbicas lindas, bem resolvidas e felizes. Será que o público não suporta ver uma lésbica feliz e de bem com a vida?

Na década de 20, a escritora inglesa Radclyffe Hall lançou o polêmico livro *O Poço da Solidão* com uma heroína lésbica. Hall — que era homossexual — pretendia mostrar para o público médio da Inglaterra como era a vida de uma lésbica e, se possível, fazer com que a sociedade sentisse mais compaixão e não a enxergasse como criminoso ou pecadora. Para que seu intuito fosse alcançado, a escritora resolveu fazer uma concessão e criou um final não muito feliz para a personagem. Hall esperava que, ao perceber o sacrifício e a dor

de sua heroína, a sociedade pudesse sentir pena e, assim, simpatizar com seu personagem.

Não adiantou. O livro foi a julgamento e acabou sendo proibido na Inglaterra, e em vários outros países, por obscenidade. Mas de obsceno o livro não tinha nada, nem uma só cena de sexo. O que realmente incomodou a corte, segundo as palavras do próprio juiz que presidia o julgamento, foi a heroína do livro ser ao mesmo tempo "boa e homossexual, o que é uma contradição". Ora, parece que as coisas não mudaram muito de lá para cá. Apesar de gays e lésbicas estarem sendo retratados de maneira mais justa e coerente em peças de teatro, filmes e livros, quando se trata de um veículo de massa como a televisão, ser "bom e homossexual" continua chocando.

Como se não bastasse, a teledramaturgia ainda conta com outra enorme dificuldade: como retratar gays ou lésbicas de maneira justa, já que se trata de um grupo heterogêneo, que de comum tem apenas a orientação sexual? A solução, me parece, está em reforçar exatamente essa

diversidade dentro do grupo e fugir, sempre que possível, de clichês e estereótipos. Infelizmente, é justamente aí que a televisão comete seu maior pecado.

É preciso que fique claro que não estamos pedindo para que gays e lésbicas sejam mostrados apenas de maneira favorável: queremos variedade na telinha. Não estamos chateados porque a tevê só exhibe bichinhas quá-quá e sapatas caminhoneiras — aliás, apoiamos e aplaudimos esses personagens. Mas queremos mais. Acima de tudo, queremos mais verdade e menos hipocrisia. Se é para Edilberto ser humilhado, que ele também ame e beije outro homem na novela. E da próxima vez que aparecer uma lésbica linda e bem resolvida numa novela que seu destino seja melhorzinho. Afinal, esse negócio de queimar lésbicas em explosões e fogueiras já está meio ultrapassado, não é mesmo? ■

Vange Leonel é cantora e compositora. Envie suas críticas, dúvidas e comentários com o título "Grrrls" para Caixa Postal 11.661, CEP 22022-970, Rio de Janeiro/RJ, ou para o e-mail vange@brmusic.com

Estamos com o pé no terceiro milênio. O Brasil comemora 500 anos de descobrimento e nós, lésbicas, podemos festejar quase 2 500 anos de história. Se contarmos desde os poemas de Safo – os primeiros documentos atestando o amor entre mulheres –, podemos, sim, comemorar mais de dois milênios de roçadinho.

Por ter fundado uma escola e não uma religião, Safo não deixou nenhuma Bíblia. É preciso lembrar que 99% de sua obra foi queimada pelo Papa Gregório VII e, se ela deixou alguma espécie de guia religioso, o livro transformou-se em cinzas.

Mas o importante é que conhecimento sempre pode ser adquirido, transformado, transmitido, recuperado e recriado. Por isso, neste final de século, faço questão de escrever um pequeno decálogo, fruto de 2 500 anos de práticas tribadistas: Os Dez Mandamentos Lesbianos.

1. Toda mulher é homossexual, mesmo que prove o contrário: a origem está na primeira infância. Quem não chupou um peitinho? A mulher que se diz exclusivamente hetero não lembra — ou não quer lembrar — do período idílico que antecedeu a transição edipiana.
2. Toda amiga pode se transformar em amante e vice-versa: a lei de Lavoisier, que diz que na natureza nada se cria, nada se perde e tudo se transforma, cai como uma luva nas relações lésbicas. Na verdade, as garotas nem sabem onde termina uma amizade e começa a paixão.
3. A amante da minha namorada será minha namorada um dia, assim como a namorada da minha melhor amiga: as relações homossexuais oferecem a possibilidade de superar o ciúme através do amor. Afinal, você pode se apaixonar pela piranha que deu em cima da sua namorada. Este mandamento deixa claro que ninguém tem vaga de titular garantida.
4. Se uma aventureira paquera a minha namorada, eu paquero a aventureira antes que ela possa se aventurar de fato: é uma das táticas mais antigas de contra-ataque, a preferida das bolachas precavidas. É como aquela lei do futebol — quem não faz, toma!
5. Bolacha é tudo igual, só muda o endereço — e quando se apaixonar, muda para o **seu** endereço: adaptação do famoso ditado sobre as mãos aplicado às namoradas (já que estas, às vezes, fazem questão de se parecer com nossas progenitoras).
6. Calcinhas não são exclusividade — você pode reclamar a posse da namorada, mas nunca da calcinha: aqui, temos um fenômeno que talvez só aconteça entre casais homossexuais e um ou outro casal hetero mais ousado. De qualquer modo, responda rápido: a calcinha que está usando é sua, da sua namorada ou das duas?
7. Todo lixo é reciclável — sua ex pode ser reutilizada ou passada adiante: a livre circulação de sapatas com experiência é essencial para a propagação do amor lésbico.
8. Mais vale a sua xoxota na mão que duas quaisquer a masturbando: não venda barato seu tesouro. Valorize o material. Pratique muito amor-próprio, inclusive o amor-físico-sexual-próprio.
9. Sempre faça nas outras aquilo que gostaria que fizessem em você:

uma das leis mais deliciosas do nosso decálogo. Para as meninas que estão começando e não sabem o que fazer na primeira transa, é só lembrar deste mandamento.

10. Uma mulher — ame-a ou deixe-a, mas nunca ame-a e deixe-a depois: a frase é da escritora lésbica Natalie Barney. Ela sabia o que dizia, pois amou várias mulheres e nunca quis largar nenhuma. Algumas foram por vontade própria, outras se transformaram em amigas, mas as que largou deram uma enorme dor-de-cabeça.

Portanto, garotas, decorem e passem à frente estes mandamentos, que podem orientar ou, na pior das hipóteses, consolar nos momentos difíceis. E, antes que algum carola me escreva, já vou dizendo que este decálogo não pretende substituir nenhum livro sagrado. Até porque, o assunto é saborosamente profano. São apenas dez tolos mandamentos sábios para nos guiar no caminho do roçadinho. Amém! ■

Vange Leonel é cantora e compositora. Envie suas críticas, dúvidas e comentários com o título "Grrrls" para Caixa Postal 11.661, CEP 22022-970, Rio de Janeiro/RJ, ou para o e-mail vange@brmusic.com



DEZ MANDAMENTOS LESBIANOS

ANEXO B - EDIÇÕES DA COLUNA GRRRLS REFERENTES AO EIXO 2: COMPORTAMENTO

Vange Leonel
grrrls

À CAÇA DO CELULÓIDE SECRETO

variados tipos também tem enriquecido nossa filmografia sáfica. Foi lançado este ano um thriller lésbico chamado *Ligadas pelo Desejo*, onde a atriz Lily Taylor faz uma autêntica sapatona. Lindíssima, ela interpreta uma encanadora que se apaixona pela vizinha, uma lady, casada com um cafajeste. Lily, de coturnos, calças largas rasgadas e camiseta regata mostrando seus músculos superbem delineados, vai durante o filme salvar a mocinha das garras do marido bandido. Sem querer entrar no mérito do filme, as cenas de sexo entre as duas são bastante convincentes, principalmente quando vemos o braço forte e teso de Lily "trabalhando" a companheira. *Working class* perde. Bem diferente daquelas ceninhas tímidas quase culpadas entre as garotas de *Personal Best*.

Durante muito tempo nós procuramos pêlo em ovo. Eu e minha primeira namorada vivíamos à caça de um filme que mostrasse qualquer coisa sugerindo lesbianismo. Naquela época, é claro, haviam alguns filmes com cenas sáficas, mas nenhum permitido para garotas com menos de 14 anos.

Eu já tinha 15, mas minha namorada não. Assistimos ao filme *Júlia* umas três vezes, sempre de mãos dadas e torcendo para que Jane Fonda e Vanessa Redgrave dessem um beijo na boca. Tudo bem, não aconteceu o beijo, mas pelo menos sabíamos que elas se amavam bem mais que duas grandes amigas.

Hoje em dia as locadoras de vídeo já oferecem uma variedade considerável de filmes mostrando a homossexualidade feminina sob vários pontos de vista: comédias, dramas, suspense, policial e até aventura. Mas se você assistiu *Celulóide Secreto* ficou sabendo que nem sempre a homossexualidade pôde ser retratada numa boa nas telas de cinema.

Aqui no Brasil pouca coisa

chegava. Uma vez por ano, durante a Mostra Internacional de Cinema, alguns filmes gays e lésbicos podiam ser vistos por um público fiel e entendido no assunto. Era sempre uma boa oportunidade para rever amigos de longa data e assistir a algum filme alternativo, geralmente europeu, e quase sempre com uma história triste para contar.

No circuito comercial pouca coisa emplacava. Me lembro de um filme em particular, chamado *Personal Best* (não me ocorre o nome em português) com a irmã mais nova de Margaux Hemingway fazendo uma atleta que se envolvia com uma colega de quarto. Moralistamente até a última fala, o filme terminava com Mariel Hemingway largando a namorada para ficar com o treinador. Essa era quase uma regra em filmes que retratavam lesbianismo: no final aparecia um homem que freudianamente tirava a mocinha de sua fase oral adolescente para fazê-la mulher.

Era um anti-clímax total. Muito diferente dos filmes que temos visto nesta década de 90. O crescimento do mercado consumidor gay e a maior visibilidade das pessoas que

agora ousam dizer o nome do amor que praticam favoreceram o surgimento de filmes mais interessantes abordando a homossexualidade. E os filmes lésbicos, sempre em menor número, começaram a pipocar aqui e ali, figurando inclusive como sucesso de bilheteria entre o público hetero como é o caso do belo e enrustido *Tomates Verdes Fritos*.

Há para todos os gostos. Você pode inclusive levar sua sobrinha para assistir uma coisa mais sessão da tarde e pueril como *A Incrível Aventura de Duas Garotas In Love*. Quase educativo, o filme mostra o caso de amor interracial entre duas adolescentes americanas, sendo que uma delas não tem o menor problema com sua homossexualidade e inclusive mora com a tia lésbica e sua namorada. Não mais aquele turbilhão de problemas ao descobrir-se lésbica. Tudo é leve e bem humorado.

Mostrar uma mulher sem problemas com sua homossexualidade foi um alívio para nós, público, pois injetou um pouco de veracidade nas telas. Afinal, todas nós sabemos, a vida de uma lésbica não é só sofrimento. Mostrar mulheres dos mais

Por trás das telas também, cineastas lésbicas começam a fazer filmes e a nos retratar de uma maneira muito mais realista, certamente por conhecerem a fundo o assunto. Filmes como *Go Fish* (foto) e *Quando a Noite Cai* mostram mulheres homossexuais como pessoas contentes com a vida, livres, com atitude e que se dão bem no final. Não que deva existir qualquer nível de correção política, tipo mostrar os gays sempre de maneira favorável. Mas por uma questão de equilíbrio estavam faltando filmes que fugissem da eterna dicotomia "homossexualidade & tragédia".

Isso sem contar o alívio que é não ter que ver nas telas duas peruas de unhas longuíssimas transando. Se me lembro bem, em *Go Fish* a protagonista faz do ato de cortar unhas, antes de transar, um ritual. E como meu avô italiano dizia, "Pollo e donni, con le mani", que traduzindo — me perdoem a grosseria, mas é minha herança carcamana — quer dizer "frango e mulheres comem-se com as mãos". ■

Vange Leonel é cantora e compositora. Envie suas críticas, dúvidas e comentários com o título "Grrrls" para Caixa Postal 11.661, CEP 22.022-970 RJ ou através de e-mail para vange@brmusic.com

Paixões, infidelidades e triângulos que marcaram famosos romances lésbicos

QUE SEJA ETERNO ENQUANTO DURE

É sábado e os convidados começam a chegar. Enquanto Gertrude entretem a todos com sua conversa sagaz e inteligente, Alice serve bebidas, bolinhos e faz sala para as esposas dos convivas que são, na maioria, jovens artistas e escritores apontando para o caminho da fama. Se não fosse Alice a cuidar da casa e dos afazeres domésticos, não fosse ela a datilografar originais, acumulando também o papel de secretária, Gertrude certamente não conseguiria se concentrar nos seus livros e nem em suas reuniões com a nata artística parisiense. Elas se amam profundamente e ficarão juntas por 39 anos até a morte de Gertrude.

Natalie é outra escritora que mora bem perto de Alice e Gertrude, na mesma Rive Gauche e também promove salões artísticos-intelectuais em seu jardim. Só que Natalie prega o amor livre e não conseguiria jamais permanecer num casamento como o de Alice e Gertrude. Natalie segue o fluxo de suas paixões e sua única restrição no campo amoroso parece ser em relação aos homens, dos quais ela prefere ser apenas amiga. Mas querendo reconstituir uma Lesbos em plena Paris do começo do século, Natalie se encanta pelas moças e namora quase todas, para desespero de Romaine, sua namorada mais constante. Mas Romaine vai agüentar firme, vai conseguir suportar os romances paralelos da parceira, até mesmo o affaire de dez anos que a amada manteve com Dolly, sobrinha de Oscar. Romaine ama Natalie que ama todas as mulheres do mundo. Ela só vai largar a amada depois de 50 anos juntas, ao descobrir que nem aos 80 anos de idade Natalie consegue sossegar a periquita.

Enquanto isso, nos Estados Unidos, uma outra Gertrude faz uma turnê com seus shows e, passando por Chattanooga, conhece uma jovem cantora que resolve fugir de casa e aderir à trupe. Gertrude, mais conhecida

como Ma Rainey, praticamente adota a garota Bessie e lhe dá casa, comida e, principalmente, carinho. Ma ensina Bessie a cantar o blues e a cantar mulheres. Bessie ficará eternamente agradecida à Ma e pagará sua fiança quando esta for presa no Harlem por promover uma orgia lésbica.

É nesta mesma Nova York que Thelma vem parar e acaba encontrando Edna, com quem trava um romance tórrido. Thelma deixa Paris e Djuna que, inconformada, escreve seu melhor romance (*Nightwood*): uma obra na qual a protagonista é uma mulher que não consegue ser fiel à sua amante. Djuna extravasa sua dor e seu desespero através da máquina de escrever, a mesma em que uma vez datilografou o *Ladies' Almanack*, escrito apenas para distrair Thelma. Naquela época em que ainda eram

felizes, Djuna se dava ao luxo de escrever uma pequena obra de arte somente para entreter sua adorada que convalescia numa cama de hospital. Essa mesma amada que agora a deixava para ficar com uma antiga amiga de Djuna, Edna.

Em Nova York também estava Greta, apenas de passagem, a caminho da Europa para dar um tempo de Hollywood. Aliás, para dar um tempo de tudo e de todos, afinal Greta, acima de qualquer coisa, queria ficar só! Isso para tristeza de Mercedes que era completamente apaixonada por ela. Mercedes resolveu buscar consolo nos braços de Marlene, mas não consegue esquecer Greta. Sentindo-se culpada por não amar Marlene como ama Greta, Mercedes faz uma proposta como compensação: traz para a cama de Marlene a mulher que ela desejar. Marlene não responde. Provavel-

mente sabe o quanto irá ferir Mercedes ao pedir que traga a própria Garbo para sua cama.

Ah, o amor! Como diria o poeta, que seja eterno enquanto dure... Porque depois que acaba, podem esperar pela tempestade. Choro, corações feridos e, quem diria, até brigas na justiça. Martina está prestes a assinar um acordo em que partilha o dinheiro que ganhou nas quadras de tênis com sua ex, Judy. Ela parece estar de acordo com a divisão de bens, mas reclama que Judy levou embora todas as suas roupas, inclusive as íntimas. Mas quem sabe ao certo qual calcinha é de quem?

Paixões, infidelidades, triângulos amorosos, inspiração para poemas, romances, começo febris, finais tristes, algumas amizades eternas, uns casamentos estáveis e outros que são uma montanha-russa. Gertrude Stein e Alice Toklas, Romaine Brooks e Natalie Barney e Dolly Wilde, Ma Rainey e Bessie Smith, Djuna Barnes e Thelma Wood e Edna St. Vincent-Millay, Greta Garbo e Mercedes de Acosta e Marlene Dietrich, Martina Navratilova e Judy Nelson. São tantas as cenas e tão triviais que ousa dizer que o amor entre mulheres é tão comum quanto extraordinário.

Por isso hoje em dia o presidente Clinton recebe o famoso e declarado casal lésbico Ellen De Generes e Anne Heche em festa na Casa Branca. Só para não perder o costume: afinal, há mais de 50 anos, a primeira-dama Eleanor Roosevelt adorava usar nessas mesmas festas um lindo anel de safira, presente de sua amante, a inseparável jornalista Lorena Hickock. Ah, o amor!... ■

Vange Leonel é cantora e compositora. Envie suas críticas, dúvidas e comentários com o título "Grrris" para Caixa Postal 11.661, CEP 22.022-970 RJ ou através de e-mail para vange@brmusic.com



Vange Leonel
grrris

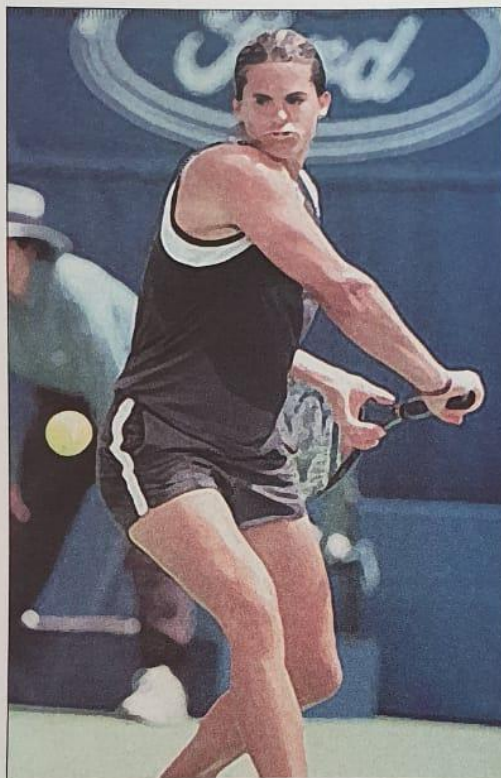
Desinformação continua confundindo lesbianismo com masculinidade

ATLETAS DE SAFO COM MUITA HONRA

Uma garota de 19 anos começou a chamar atenção do público e da mídia durante o Aberto da Austrália, um dos quatro principais torneios de tênis do mundo. O nome dela é Amélie Mauresmo, atleta francesa, que durante a competição foi eliminando, uma a uma, todas as suas adversárias, chegando à sua primeira final importante, graças a seu jogo agressivo e sua direita forte. Mas não foi só o estilo de jogo da menina que chamou a atenção da mídia, nem o fato de uma novata chegar à uma final de Grand Slam.

Tudo começou numa entrevista coletiva para a imprensa, em que Mauresmo pediu aos repórteres que não se referissem àquela garota que ficava na arquibancada torcendo por ela como sua 'amiga'. Amélie, depois de revelar que era lésbica, disse que seria mais apropriado chamá-la de sua 'namorada'. Se ela fosse uma cantora talvez não provocasse tanta surpresa, mas no meio esportivo essa é uma atitude rara. Mas Amélie é jovem e vive numa época onde orgulho e visibilidade são palavras-chave para quem quer viver sua homossexualidade de maneira descomplicada.

Nas entrevistas que antecederam a grande final, no entanto, as coisas pegaram fogo. A tenista Lindsay Davenport, que acabara de perder a semi-final para Mauresmo, justificava sua derrota aos repórteres, dizendo que a francesa "jogava feito um homem". Na sala ao lado, a suíça Martina Hingis – cujo nome foi dado pela mãe em homenagem a Martina Navratilova – revelava aos repórteres qual seria a sua estratégia para a final contra a jovem revelação



francesa. Disse que iria jogar como sempre jogou, mas que precisaria de mais atenção para compensar a força de Mauresmo, já que ela era "meio-homem".

Hingis venceu o torneio. Amélie fez um jogo bonito, agressivo, à altura de uma final de Grand Slam. O mesmo não se pode dizer das declarações de Hingis e Davenport. As duas foram obrigadas pela Associação de Tenistas Profissionais (ATP) a pedir desculpas públicas para Mauresmo pelas suas declarações. Davenport alegou que quando disse que a francesa jogava 'feito um homem', estava fazendo um

elogio. Já Hingis protestou que não havia motivo para se retratar, mas, enfim, desculpou-se por ter deixado escapar que Mauresmo era "meio-homem".

Todo esse episódio ilustra um equívoco básico, decorrente da falta de informação. Ainda acreditam que lésbicas são masculinizadas. E no esporte, esse problema é muito maior, pois quando uma tenista afirma que a adversária é mais forte por ser lésbica, insinua – erroneamente – que ela deve ter uma taxa excessiva de hormônios masculinos, o que tornaria a competição injusta.

Embora a atitude da ATP

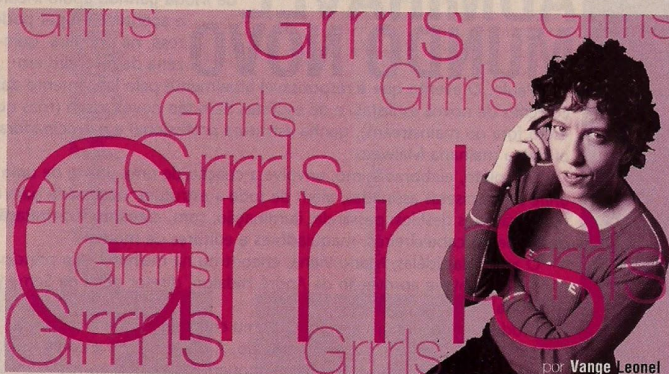
tenha sido impecável, as coisas nem sempre foram assim. Na metade dos anos 80, a tenista Hana Mandlikova sugeriu publicamente que Martina Navratilova – que acabara

de fazer seu 'outing' – deveria jogar no torneio masculino. Alguns anos mais tarde, Margaret Court, campeã veterana e membro da Associação de Mulheres Tenistas, declarou que Navratilova estava dando um péssimo exemplo, depois que ela, ao ganhar um torneio, correu para beijar a sua namorada. No mesmo ano, Gabriela Sabatini e Jenifer Capriati deram entrevistas dizendo que tinham medo de ficar nuas no vestiário na frente de tantas tenistas sapatas. Ora, mais uma vez temos um belo exemplo de outro equívoco recorrente, quando se refere às lésbicas: elas são verdadeiros predadores sexuais que atacam moças inofensivas nos vestiários.

O problema é que o esporte feminino sempre fugiu da imagem da mulher-macho como o diabo da cruz; as atletas lésbicas fazem questão de parecer hiperfemininas quando estão fora das quadras. É uma pena. Pelo menos, agora, elas podem seguir o exemplo de Mauresmo, uma tenista de talento, que parece não ter medo de ser feliz, de ser lésbica e nem de ser forte. ■

Vange Leonel é cantora e compositora. Envie suas críticas, dúvidas e comentários com o título "Grrrls" para Caixa Postal 11.661, CEP 22022-970, Rio de Janeiro/RJ; ou através de e-mail para <vange@brmusic.com>

Vange Leonel
grrrls



Gomorra paulistana

Num ataque de nostalgia, eu — tomada por um espírito proustiano — parto em busca do tempo perdido. Um tempo em que não existiam mais duquesas de Guermantes nem barões como Charlus, mas um tempo em que Sodoma e Gomorra ainda estavam de pé.

A Gomorra que conheci em 1980, aos 17 anos, localizava-se no Centro de São Paulo: uma série de sete reductos para lésbicas que ficava num triângulo entre a Praça da República, a Rua Santo Antônio e a Avenida da Consolação. Fazíamos um percurso chamado “Via Sacra”, onde tínhamos que completar todos os sete passos, como se fosse a paixão de Cristo. A diferença era que a paixão, para algumas de nós, significava o caminho para o paraíso e para outras apenas a promessa de sarna para se coçar e uma cruz para carregar.

A noite começava quando nos encontrávamos na sede do LF (grupo Lésbico-Feminista), a primeira estação de nossa jornada, onde batíamos cabeça para Safo, antes de sair. Apenas uma de nós possuía um carro. Foi quando descobrimos quantas sapatas cabem num fusquinha: três na frente e seis atrás e a noite começava bem, entre amassos, abraços e pernas se esfregando no banco traseiro.

A segunda estação da nossa paixão gomorrriana era um bar chamado Canapé & Poesia, com uma pequena pista no subsolo. Ele era frequentado por casais tipo Lady & Sapatão, mas as “maridas” só compareciam com suas mulheres no sábado. Na quinta e na sexta, as fanchas iam sozinhas, para caçar. É claro que, sendo sapatonas, elas só se interessavam por ladies, sandalinhas e uma ou outra hetero desaviada que caía de pára-quadras.

Esgotadas as possibilidades do Canapé, dobrávamos a esquina da Santo Antônio em direção à Av. Handava e entrávamos no Cachaço, um bar frequentado pela classe trabalhadora e por uma deliciosa maioria negra. Esta terceira estação se transformava num dancing depois da meia-noite — mas apenas para aquelas que tinham talento nos pés e nos quadris, já que lá só rolava samba.

Depois dos dois dedos de prosa ou samba no pé, conforme o talento, andávamos 50 metros até chegar, na mesma rua, ao famoso e tradicional Ferro's Bar. Quando o delegado Ricchetti não passava de camburão para prender as sapas que davam pinta, o Ferro's até conseguia passar por um lugar ‘careta’. É que, até a happy hour, o boteco era re-

almente um local como outro qualquer. Mas, depois do expediente, começavam a chegar as entendidas para um chopinho a duas. Nós, ativistas e festivas, tentávamos convencê-las de que ‘entendida’ era um termo bobo e enrustido — é muito mais bacana, dizíamos, ser ‘lésbica’. Bastava pronunciar a palavra mágica para as fanchas ficarem mal-humoradas e nós, cansadas de dar murro em ponta de faca, seguirmos para a próxima estação de nossa Via Sacra.

O quinto estágio se chamava Bug House, que, aos domingos, oferecia uma matinê aberta a maiores de 16 anos. Era a nossa oportunidade de conhecer garotas mais novas que não podiam frequentar as boates, proibidas para menores de 18. O ambiente juvenil escolar da Bug House era coroado por uma mesa de sinuca, situada num mezanino, onde as precoces lésbicas provavam que eram boas também no taco.

Com a noite se aproximando de seu clímax, dávamos uma paradinha estratégica no Sanduba's para forrar o estômago e observar o movimento de safistas na porta da Moustache, ali ao lado. Mesmo sem querer, a lanhonete tornou-se ponto de encontro das gomorrrianas. Mas nosso sexto passo nada mais era que uma preparação para a grande apoteose.

A Moustache, nosso sétimo estágio, foi uma das mais duradouras boates de São Paulo e, durante muitos anos, atraiu um público majoritariamente lésbico. Lá, encontravam-se mulheres de todas as cores, tipos, idade e estratos sociais. Era na pista da Moustache — a melhor da cidade — que encerrávamos nossa Via Sacra, na esperança de arranjar uma namorada ou uma noite de sexo, torcendo para não terminarmos a madrugada chupando o dedo ou levando um sarrafo (as garotas ali eram muito ciumentas). Certo é que nunca terminávamos a noite sozinhas: sempre podíamos contar umas com as outras, voltando para casa, dentro daquela fusquinha apertado, andando pelas ruas de uma Gomorra quase santa. ■

Vange Leonel é cantora e compositora. Envie suas críticas, dúvidas e comentários com o título “Grrrls” para Caixa Postal 11.661, CEP 22022-970, Rio de Janeiro/RJ, ou para o e-mail vange@brmusic.com

ANEXO C - EDIÇÕES DA COLUNA GRRRLS REFERENTES AO EIXO 3: LESBIANIDADES E POLÍTICAS DE VISIBILIDADE

Vange Leonel
grrrls

FELIZ NATAL, NATALIE BARNEY!

Natalie Barney era uma moça muito bonita, escrevia poemas lésbicos e feministas. Às

sextas-feiras à noite promovia um salão cultural só para mulheres. Nestas festas compareciam Gertrude Stein e sua inseparável Alice, as escritoras Djuna Barnes e Colette, a atriz Sarah Bernhardt, a poetisa Rennée Vivien e a jornalista Janet Flanner, entre outras muitas mulheres. Ocasionalmente, aparecia por lá uma Greta Garbo com sua eterna e dedicada Mercedes de Acosta, que não por acaso era roteirista de cinema em Hollywood.

Natalie parecia de certa forma querer reproduzir nos jardins de sua casa uma Lesbos fictícia. As mulheres que passavam por lá eram muito inteligentes, na sua maioria artistas ou ligadas à arte, como era o caso da americana Sylvia Beach e da francesa Adrienne Monnier, dupla que primeiro editou o *Ulisses* de Joyce.

E como uma Lesbos reinventada, os salões de Natalie Barney também ficaram conhecidos por ser o acontecimento mais excitante para todas essas mulheres que literal e fisicamente amavam-se umas às outras. Mas aconteceu hoje em dia entre nós garotas, era uma grande teia de relações na qual uma era amiga da outra, que namorava a ex-namorada daquela que a primeira já havia namorado um dia. Mas eram todas basicamente amigas.

Natalie não tinha a menor vergonha de naquela época, década de 20, dizer a torto e a direito que era lésbica. Escrevia pequenos livros de pensamentos feministas, glorificava Safo e as amazonas e, com certeza, seus salões promoveram grandes encontros e germinaram pequenas obras-primas. Ela mesma foi musa de inúmeros poemas e livros daquela época. Para uma garota americana, refugiada numa Paris que parecia aceitar melhor o seu jeito estranho de ser, muito

livre para uma mulher, a América era muito provinciana.

O que podemos perceber, principalmente depois que muitas dessas histórias começaram a ser pesquisadas e reveladas, é que um grupo assim de mulheres acabava funcionando como uma grande família. Algumas, bissexuais como Colette, tinham marido e crianças. Mas em geral eram mulheres apartadas da família e sem filhos, que encontravam nessa pequena Lesbos o apoio afetivo que lhes faltava. Apoio que não se procura apenas na relação a dois. Apoio e afeto que, vindos de um pequeno núcleo social, são importantíssimos como um sinal de que não somos seres proibidos de expressar amor e afeto socialmente. Mais que o alívio de encontrar uma turma de iguais, existe o prazer ao se criar um espaço de manifestações amorosas públicas e lésbicas, ainda que dentro de um jardim.

Mas é claro que não era um paraíso. Como em qualquer grupo, pipocavam pequenas intrigas e desconfianças, como Gertrude Stein provocando Djuna Barnes ao dizer-lhe o quão lindas eram as pernas de Djuna ao que esta reagia muito mal, já que isso logicamente queria dizer que seus livros não eram tão bons assim.

Tudo isso era café pequeno, comparado ao suporte emocional que davam umas às outras. Mais que emocional, muitas vezes a ajuda vinha na forma de dinheiro e acolhidas. Como aconteceu depois da morte de Gertrude, quando seu sobrinho surrupiou todas as obras colecionadas por ela e sua rosa, Alice. O argumento para esta vil atitude foi um dos que nos parece bastante atual: elas não tinham nenhuma comprovação de vínculo reconhecida pela sociedade. Não fosse a ajuda financeira e afetiva de Janet Flanner e de muitas das outras mulheres da mesma teia, Alice não teria sobrevivido à morte de Gertrude.

Grupos de amigas assim, desses que atravessam décadas aprofundando seus laços, sempre me comoveram. Essa irmandade, essa teia de afeto e solidariedade

parece ter sido vital para que mulheres independentes e de vida absolutamente fora do normal, como elas eram, pudessem existir e sobreviver.

O que pode soar como uma opção isolacionista era na verdade uma ação de defesa: apoiando-se umas nas outras elas podiam atuar coporativamente na pequena sociedade à sua volta.

20 e 30 que só agora começa a ser revelada com mais clareza e menos pudor. É o caso do belíssimo livro escrito por Andrea Weiss, *Paris Was a Woman* (Harper Collins Publishers), no qual ficamos sabendo um pouco mais sobre o encontro destas mulheres.

O que podemos aproveitar deste histórico lésbico que nos



Adrienne e Sylvia editavam os poemas de Rennée e os contos de Gertrude; Romaine Brooks pintava o retrato de Radclyffe Hall que, como Djuna, escrevia sobre todas elas.

O salão das sextas-feiras no jardim sáfico de Natalie Barney fez com que essas grandes mulheres trocassem figurinhas, selinhos e idéias. É uma parte da História da efervescente Paris da década de

está sendo revelado é que se nos juntarmos e nos oferecermos apoio, nossas chances de sucesso numa sociedade chauvinista serão maiores.

E você? Já encontrou sua pequena Lesbos? ■

Vange Leonel é cantora e compositora. Envie suas críticas, dúvidas e comentários com o título "Grrrls" para Caixa Postal 11.661, CEP 22.022-970 RJ ou através de e-mail para vange@brmusic.com

Transgressão também pode ser agente-modificador da sociedade careta

QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOOLF?

Em 1928, Virginia Woolf escreveu em seu primeiro ensaio feminista (*Um Teto Todo Seu*) que os excluídos e marginalizados são os mais credenciados e capacitados para fazer a crítica da sociedade. Se por um lado são excluídos, por outro esta posição permite a essas pessoas enxergarem as lacunas e os defeitos dessa sociedade. Hoje em dia, podemos enumerar vários grupos que são sistematicamente excluídos: pobres, negros, índios, mulheres (pois ainda ganham 60% do salário de um homem na mesma função), drogados, loucos, idosos, deficientes físicos e homossexuais, entre outros. Mas será que Woolf tinha razão? Será que só por ser excluído um homossexual, por exemplo, é dotado automaticamente de uma visão crítica em relação à sociedade?

Muitas pessoas acreditam que estar à margem, viver no submundo e fazer parte da legião dos excluídos é uma bênção. Afinal, quem quer pertencer a uma sociedade hipócrita, doente, careta e sem graça? Esses se satisfazem com a vida no submundo e se julgam os verdadeiros transgressores, a perfeita personificação de tudo aquilo que a sociedade careta rejeita: o que continua existindo a despeito de todas as tentativas do mundo de escondê-los, de eliminá-los e varrá-los para debaixo do tapete.

Outros, no entanto, se recusam a aceitar essa condição de excluídos e lutam para se integrar à sociedade — como os ativistas, no caso dos homossexuais, que procuram batalhar pelos direitos civis de gays e lésbicas. Diferentemente do grupo anterior, que romantiza sua exclusão, este grupo não se conforma com a situação de ter que viver à margem e considera a verdadeira transgressão discutir com a sociedade e exigir sua inclusão. Então, eu pergunto: qual desses grupos está realmente transgredindo? Os que



Virginia Woolf

fazem questão de permanecer à margem ou os que não se conformam com isso?

Há uma nova corrente de pensamento dentro da comunidade gay (principalmente nos países onde os direitos dos homossexuais já foram assegurados) que não vê vantagens em pertencer à essa sociedade hipócrita e moralista. Eles acham que todo esse processo de "normalização" de gays e lésbicas acaba nos tirando o poder de estar à margem e pregam a volta ao armário, ao gueto e à sombra. Eles acusam os ativistas de serem caretas e de quererem a integração com uma sociedade que é doente. Mas será que simplesmente o ato de colocar-se fora da sociedade é suficientemente transgressor?

Quando Virginia Woolf expõe sua tese de que os *outcasts* são

os verdadeiros críticos da sociedade, deixa claro que a transgressão está tanto no fato de serem excluídos como no ato de questionarem essa exclusão por meio da crítica. Ou seja, de nada adianta estar fora da sociedade se não estabelecemos com ela uma relação crítica. E para criticar a sociedade, é preciso relacionar-se com ela, mesmo que numa posição de antagonismo. Desta maneira, viver à margem não tem nada de revolucionário. Isso nos leva a pensar que a conformação com a vida no submundo só é transgressora na medida em que revela e expõe as feridas e falhas da sociedade pseudo-moderna e pseudo-democrática. Mas será que é suficiente apenas expor e deixar claros os defeitos e a hipocrisia de uma sociedade cindida? Sem dúvida, é um primeiro passo. Mas o que fazer depois?

Em seu segundo ensaio feminista (*Três Guinéus*), a mesma Virginia Woolf escreve que a emancipação feminina de nada valeria se as mulheres continuassem a repetir os mesmos padrões masculinos e patriarcais vigentes. Woolf achava que era preciso pensar numa nova maneira de atuar na sociedade: se fosse para as mulheres declararem guerra, não valeria a pena; se fosse preciso pisar em várias cabeças para entrar num mercado de trabalho, não valeria a pena; se fosse para continuar construindo uma sociedade que excluísse milhares de pessoas, não valeria a pena.

É essa a chave para entender esse conflito entre ficar de fora ou integrar-se à sociedade. Só vale a pena nos integrarmos se o fizermos no sentido de interferir nessa mesma sociedade. Precisamos aproveitar o fato de estarmos de fora, de termos uma visão crítica para apontar alguns caminhos que libertem homens e mulheres dos grilhões do falso moralismo. Neste sentido, como homossexuais, nosso papel revolucionário é mostrar como são fluidas a sexualidade e as fronteiras entre os gêneros masculino e feminino. Se, hoje em dia, um pitboy lutador de jiu-jitsu é capaz de matar quem o chame de "boiola", quem sabe no futuro, este garoto não sinta mais a sua virilidade ameaçada quando o chamarem de bicha. Pelo contrário, ele poderá até achar que é um elogio.

Vange Leonel é cantora e compositora. Envie suas críticas, dúvidas e comentários com o título "Grrris" para Caixa Postal 11.661, CEP 22022-970, Rio de Janeiro/ RJ, ou para o e-mail vange@brmusic.com

Vange Leonel
grrris

Vange Leonel
grrris

A expressão do nosso afeto deve ocupar também a sala de visitas **MUITO ALÉM DA ALCOVA**



Um dos argumentos mais usados por gays e lésbicas que não querem sair do armário é a frase: "Ok, eu concordo. Eu mesma não saio por aí falando que prefiro 69, fist fucking ou strip-tease para me excitar durante as preliminares. Mas mesmo que eu não revele meus segredos de alcova, nada impede que eu deixe claro que gosto de namorar garotas."

O que acontece é que algumas pessoas ainda encaram o relacionamento homo como algo puro e exclusivamente da alçada sexual, esquecendo-se que existe um mundo fora das quatro paredes do seu próprio quarto. Pensando desta maneira, essas pessoas vivem plenamente sua vida homossexual dentro de casa, dentro dos bares gays e do gueto e, como sua vida "sexual" não interessa a mais ninguém, não vêem necessidade de tornar visíveis sua orientação sexual e sua expressão homoerótica e afetiva.

O que muita gente se esquece quando usa esse argumento é que gays e lésbicas são, além de homossexuais, homosociais. Insistindo na tese de que a

homossexualidade é uma questão de foro íntimo, reforça-se mais um preconceito: o de que gays e lésbicas só pensam em sexo, cama, orgasmos e suspiros. Ou seja, coloca-se a transa homossexual como algo que não sai do quarto e que não vai para a sala de visitas. Pois saibam que essa é mais uma das manobras silenciosamente orquestradas pelo patriarcado para privar gays e lésbicas de um poder extraordinário: o de expressar socialmente o seu amor.

Hoje em dia a sociedade reserva áreas específicas para que gays e lésbicas possam expressar publicamente seu afeto: bares onde podem se encontrar para exercitar a sedução. Isto não soa um pouco como um apartheid? Não se parece também como nos Estados Unidos dos anos 50, quando os negros tinham que se sentar na parte de trás dos ônibus para não se misturar com a população branca?

No entanto, a maioria dos gays e lésbicas do nosso país ainda preferem viver segregados. A facilidade que o gay tem para esconder a orientação sexual da família, no ambiente de trabalho e no espaço

público, faz com que exista uma falsa impressão de que é plenamente acolhido pela sociedade quando de fato esse abrigo é bem meia boca: tudo bem, pode ser lésbica, mas não beije sua namorada num shopping center...

Você pode achar que passa sua vida numa boa sem beijar sua queridona num shopping, mas isso é sim segregação. A ocupação do espaço público é importantíssima para qualquer pessoa. É em público que encontramos os outros cidadãos que compõem nossa sociedade e, se queremos fazer qualquer coisa na vida que não seja entre as quatro paredes do nosso quarto, é nesse espaço público que iremos trabalhar para melhorar, entreter e transformar o mundo à nossa volta.

Por isso é necessário que os homossexuais ocupem o espaço público de maneira honesta e franca porque se deixarmos todo nosso poder de sedução trancados no armário, além de parecermos tolos, mal-amados e assexuados, estaremos privando a sociedade da nossa valiosa contribuição como cidadãos. Um gay que atua publicamente sem poder manifestar seu homo-

erotismo estará atuando pela metade, pois falar em alto e bom som que se ama e a quem é um dos mais poderosos gritos de guerra.

O patriarcado é mestre na glorificação de suas expressões amorosas: do romance entre César e Cleópatra até a incrível paixão de Rose e Jack no filme Titanic, a expressão amorosa heterossexual sempre serviu como mola propulsora, arma e estímulo para heróis que conquistaram impérios e transformaram o mundo para sempre.

Ora, se a expressão amorosa tem tanto poder assim, por que vamos deixar de expressar nosso amor publicamente? Não estaria mais que na hora de tirar o amor homossexual de dentro de quatro paredes do quarto e apresentá-lo finalmente à sala de visitas? Quem leva a melhor se continuarmos dentro do armário? Com certeza aqueles que têm problemas quando vêm dois homens se beijando. Quem fica ao lado de dentro só ganha mesmo a companhia nada agradável das traças e dos cabides.

Pois então para aquelas que dizem "o que faço entre as quatro paredes do meu quarto não é da conta de ninguém", eu respondo que certamente não é da minha conta se você prefere dedos ou dildos. Mas que isso não a impeça de sair de mãos dadas com sua namorada num shopping center e que isso não seja argumento para você deixar de ocupar o espaço público com suas expressões homoafetivas.

Não esqueça nunca que a manifestação de seu amor é uma das coisas mais divinas e poderosas que você pode usar. Não a exercite somente no quarto, em casa, nos bares e no gueto. Não deixe sua expressão amorosa morrer na praia, no trabalho ou na sala de jantar da sua família. Expresse seu homoerotismo e seja feliz. O mundo agradece. ■

Vange Leonel é cantora e compositora. Envie suas críticas, dúvidas e comentários com o título "Grrris" para Caixa Postal 11.661, CEP 22.022-970 RJ ou através de e-mail para vange@brmusic.com

Na coluna anterior, recordei os artifícios usados pelos artistas e intelectuais brasileiros para driblar a censura durante os anos 70 e os comparei com os truques dos produtores da série *Xena, a Princesa Guerreira* para desviar a atenção dos moralistas do seu conteúdo lésbico. Detalhe: o uso de subtextos e insinuações lésbicas começou pelas duas atrizes quando souberam do sucesso junto às fãs bolachas.

Logo no início da primeira temporada, observa-se olhares trocados, abraços, juras de amor e fidelidade. Depois, foram os roteiristas que entraram na brincadeira. No primeiro episódio quase explícito — *Altered States* —, uma cena panorâmica mostra as roupas de Xena e Gabrielle espalhadas e a protagonista, em off, dizendo: “Vamos, Gabrielle, faça de novo, é tão bom...” Depois de insinuar que elas estão transando, a câmera revela as duas nuas, tomando um banho num lago, e percebemos que Xena, na verdade, está ensinando Gabrielle a pegar peixes com as mãos.

No episódio *Is There a Doctor in the House?*, uma paródia de *Plantão Médico*, Xena mostra suas habilidades de curandeira, tratando de feridos em uma guerra. É neste episódio que temos o primeiro beijo na boca entre Xena e sua companheira, possível graças a um truque mais velho que a minha avó: Gabrielle, ferida, está quase morrendo e a Xena resta fazer respiração boca-a-boca. São cerca de dez ou 12 beijos e, quando Gabrielle volta a respirar, mais juras de amor.

O próximo beijo acontece em uma situação semelhante, mas, agora, é Xena quem praticamente morre e, numa aparição, pede a Gabrielle que



encontre a ambrosia, alimento dos deuses, para que possa ressuscitar. É claro, o pedido termina com um beijo apaixonado e sem o truque da respiração boca-a-boca. Este episódio — *The Quest* — foi exibido apenas pelo USA Network; o SBT moitou. Pode-se argumentar que o horário de exibição, domingo de manhã, não permite cenas “fortes”. Mas o fato é que a série mostra, normalmente, cenas de lutas neste horário.

Nos episódios seguintes, o relacionamento entre Xena e Gabrielle se aprofunda tanto que beira a tragédia grega. Abandonada pela heroína, então obcecada por uma guerrinha particular, Gabrielle é capturada por uma seita do mal e emprenhada por um ser malévolo, no melhor estilo *O Bebê de Rosemary*. Xena salva a companheira, mas esta acaba parindo uma “filha-demonia”, que, mais tarde assassina o filho de Xena (sim, ela tinha um filho) com requintes de crueldade. Gabrielle mata o próprio rebento. Mas não é o suficiente. As duas só fazem as pazes depois que Xena mata Gabrielle num

mundo encantado — o seu inconsciente. Para tornar mais lírico o reencontro entre as duas, os produtores da série fizeram um episódio musical. Xena canta que ama Gabrielle. As duas se perdoam e acordam abraçadinhas. Superfofo.

O fato é que o subtexto predomina em *Xena*. Mesmo quando os produtores enfrentam algum problema extra filmagens — por exemplo, a atriz Lucy Lawless, que faz o papel-título, engravidou de verdade —, as soluções são sempre imaginativamente lésbicas. Para justificar a gravidez da personagem, que não tem nenhum namorado, os roteiristas decidiram que Xena engravidará de um anjo (tipo virgem Maria). Para completar, Xena dará a luz a uma menina, que, por ser fruto de uma união celestial, crescerá rapidamente, a tempo de revelar a Xena e Gabrielle que ela foi feita da essência das duas. Que tal? Mais lésbico impossível.

A televisão jamais mostrou algo tão revolucionário nas suas matinês. Apesar de nada ser explícito, não há quem não perceba que a série é completamente lésbica. Numa época em que os movimentos gays valorizam a visibilidade, pode-se dizer que o programa faz uma concessão ao sistema, optando pelo lesbianismo sugerido. Mas também que, graças aos subtextos, a série sobrevive deliciando as fãs. Afinal, onde está Ellen? Onde estão Leila e Rafaela, de *Torre de Babel*? Enquanto o alvorecer gay não pinta na tevê, *Xena* cumpre — e bem — seu papel de musa das bolachas. ■

Vange Leonel é cantora e compositora. Envie suas críticas, dúvidas e comentários com o título “Grrrls” para Caixa Postal 11.661, CEP 22022-970, Rio de Janeiro/RJ, ou para o e-mail vange@brmusic.com

A arte do disfarce

PARTE II